Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Centro de Educação e Humanidades
Faculdade de Educação da Baixada Fluminense

Caio Calixto Teixeira Pereira

Educação e resistência: pedagogias e práticas antirracistas do pré-vestibular social "Estudando Para Vencer"

Duque de Caxias
2022

Caio Calixto Teixeira Pereira

Educação e resistência: pedagogias e práticas antirracistas do pré-vestibular social “Estudando para Vencer”

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de mestre ao Programa de Pós- Graduação em Educação, Cultura e Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Orientador: Prof. Dr. Nielson Rosa Bezerra

Duque de Caxias

2022

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/C

P436 Pereira, Caio Calixto Teixeira
Tese Educação e resistência: pedagogias e práticas antirracistas do pré-vestibular social “Estudando para Vencer”/Caio Calixto Teixeira Pereira - 2022.
104f.

Orientador: Nielson Rosa Bezerra.

Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação da Baixada Fluminense, Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

1. Educação comunitária - Teses. 2. Educação – Relações étnicas - Teses. I. Bezerra, Nielson Rosa. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Educação da Baixada Fluminense. III. Título.

CDU 373.576

Bibliotecária: Lucia Andrade – CRB7/5272

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

_____ _____
Assinatura Data

Caio Calixto Teixeira Pereira

Educação e resistência: pedagogias e práticas antirracistas do pré-vestibular social “Estudando para Vencer”.

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de mestre ao Programa de Pós- Graduação em Educação, Cultura e Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Data de aprovação: 2 de setembro de 2022

Banca examinadora:

_____

Prof. Dr. Nielson Rosa Bezerra (Orientador)

Faculdade de Educação da Baixada Fluminense – UERJ

_____

Profª. Dra Luciana Pires Alves (Arguidora)

Faculdade de Educação da Baixada Fluminense - UERJ

_____

Profª. DraDeise Guilhermina da Conceição

Museu Vivo do São Bento

Duque de Caxias
2022

DEDICATÓRIA

A Johana e Miguel.

AGRADECIMENTOS

Essa dissertação é fruto de um trabalho em conjunto de inúmeras pessoas que me ajudaram a pesquisá-la. Esses agradecimentos são mais que especiais, são obrigatórios a pessoas que estiveram presentes em toda a minha vida e parte dela: A minha esposa, companheira de vida e sonhos Johana Alecrim obrigado por entender todos os momentos de sacrifício que esta caminhada trouxe a nós e te agradeço por tudo que fizemos e faremos juntos. Ao meu filho Miguel Calixto por me dar forças para trilhar essa caminhada, aos meus pais Claudio e Rosane, meu irmão e amigo Lucas, minha avó que sempre me auxiliou em muitos momentos Marli; ao meu paciente orientador Professor Doutor Nielson Bezerra que desde o início do processo no qual estivemos juntos, em março de 2021, esteve presente ao meu lado, sempre me auxiliando com conselhos acadêmicos e muitas vezes pessoais. Muito obrigado, professor! Saiba que se não fosse pela sua sensibilidade, talvez eu não estivesse aqui defendendo meu trabalho. As professoras Deise Guilhermina, da Conceição e Luciana Pires Alves com suas contribuições imprescindíveis para a conclusão do trabalho.

Agradeço também a uma pessoa em especial, meu tio e acadêmico Roberval Teixeira e Silva que incutiu a filosofia da universidade pública em minha vida e me ajudou a caminhar pela Pós-Graduação. Agradeço imensamente a essa Universidade maravilhosa que tanto amo e amarei para sempre, obrigado por tudo UERJ!

Aos meus colegas de classe que tanto me ajudaram nesses mais de 24 meses de curso. Aos professores e professoras que fizeram parte do curso, meu sincero agradecimento por todos os ensinamentos que nos destinaram, principalmente a mim, que estava caminhando poruma nova área de conhecimento, a todos vocês citados ficam meus agradecimentos sinceros e o desejo de que essa pesquisa esteja à altura das expectativas.

Obrigado, UERJ!

#UERJRESISTE

RESUMO

PEREIRA, Caio Calixto Teixeira. **Educação e resistência: pedagogias e práticas antirracistas do pré-vestibular social "Estudando para vencer"**. 2022. 104f. Dissertação (Mestrado em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas) – Faculdade de Educação da Baixada Fluminense, Duque de Caxias, 2022

O trabalho e pesquisa sobre as relações étnico-raciais e educação, está ancorado na prática pedagógica do Pré-Vestibular "Estudanto Para Vencer", alocado na comunidade da Vila Cruzeiro. Temos como objetivos Investigar as práticas pedagógicas e de resistências antirracistas que estão incluídas dentro da lógica do Pré-Vestibular social, sua contribuição para o acesso dos jovens da Vila Cruzeiro às universidades, e a relação entre o racismo e educação existentes neste processo. E diante dos objetivos descritos acima, as metodologias utilizadas para alcançarmos os caminhos propostos estarão a pesquisa documental, a partir da seleção e posterior análise de determinadas legislações e a pesquisa de campo. Como abordagem teórica, debatemos os conceitos relacionados a educação e racismo a partir dos seguintes autores, Gomes (2017), Bourdieu (1998), Munanga (2004), Almeida (2018) e Santos (2006 e 2011).

Palavras chave: Educação; Racismo; Pré-Vestibular; Antirracismo; Necropolítica; Rio de Janeiro

ABSTRACT

PEREIRA, Caio Calixto Teixeira. **Education and resistance: pedagogies and anti racist practices of the social pre-university entrance exam "Studying to win".** 2022. 104f. Dissertação (Mestrado em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas) – Faculdade de Educação da Baixada Fluminense, Duque de Caxias, 2022

The work and research on ethnic-racial relations and education is anchored in the pedagogical practice of the Pre-Vestibular "Estudando Para Vencer", located in the community of Vila Cruzeiro. We aim to investigate the pedagogical practices and anti-racist resistance that are included within the logic of the Pre-Vestibular Social, its contribution to the access of young people from Vila Cruzeiro to universities, and the relationship between racism and education existing in this process. And in view of the objectives described above, the methodologies used to achieve the proposed paths will be documental research, from the selection and subsequent analysis of certain laws and field research. As a theoretical approach, we discussed the concepts related to education and racism from the following authors, Gomes (2017), Bourdieu (1998), Munanga (2004), Almeida (2018) and Santos (2006 and 2011).

Keywords: Education; Racism; Pre entrance exam; Anti-racism; Necropolitics; Rio de Janeiro

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Participação do EPV na mobilização Contra o Genocídio do povo Negro 38

Figura 2 - A Penha pede PAZ! - Convocação pública através das redes sociais39

Figura 3 - sala de aula do Pré-vestibular..... 51

Figura 4: - Regiões de Planejamentos do Município do Rio de Janeiro 53

Figura 5 -Entrega de doações as famílias..... 55

Figura 6 - Crias a Penha na Universidade 63

Figura 7 -Crias a Penha na Universidade (foto 2) 62

Figura 8 - Prefeitura do município do Rio de Janeiro e as medidas de combate a Covid-19 66

Figura 9 -Problemas relacionados à pandemia descritos na agência de notícias Uol 67

Figura10 - Convite para cerimônia de premiação do Prof. Marcelo Martins pela Câmara Municipal do Rio de Janeiro..... 91

Figura 11 - Marcelo Martins recebendo prêmio na ALERJ em 2019..... 97

Figura 12 - Marcelo Martins recebendo a medalha Pedro Ernesto em 2022 ... 98

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Distribuição das pessoas com 15 anos+ segundo níveleducacional .. 47

Tabela 2 - População ocupada por cor ou raça segundo grupos de atividade 48

LISTAS DE ABREVIATURAS

PVNC	Pré- Vestibular Para Negros e Carentes
UERJ	Universidade Do Estado do Rio de Janeiro
EPV	Estudando Para Vencer
IPEA	Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
PNAD-C	Pesquisa Nacional de Amostras por Domicílio Contínua
FNB	Frente Negra Brasileira
TEN	Teatro Experimental do Negro
EJA	Educação de Jovens e Adultos
SUS	Sistema Único de Saúde
AMV	Associaçao Mangueira de Vestibuares
FECOMÈRCIO	Federação do Comércio do Estado do Rio de Janeiro
IPP	Instituto Pereira Passos
PROUNI	Programa Universidade para Todos

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS 12

1. **O RACISMO NO BRASIL E A ORGANIZAÇÃO DE UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA** 18

1.1 **O Racismo no Brasil** 18

1.2 **Por uma Educação Antirracista** 25

2**O PRÉ-VESTIBULAR ESTUDANDO PARA VENCER** 42

2.1 **Breve histórico sobre os Pré-vestibulares sociais no Rio de Janeiro** . 42

2.2 **O projeto Estudando Para Vencer** 50

2.3 **O Evento Crias- A Penha na Universidade** 59

2.4 **Breve resumo sobre os resultados do EPV no biênio 2019 e 2020** 63

3 **A PANDEMIA POR COVID-19 E AS CONSEQUÊNCIAS PARA OS JOVENS DO PRÉ-VESTIBULAR ESTUDANDO PARA VENCER** 65

3.1 **A pandemia e as primeiras transformações no EPV** 65

3.2 **Uma breve análise sobre o olhar dos alunos perante as dificuldades enfrentadas durante a pandemia**. 72

3.3 **Uma análise sobre o olhar dos docentes perante as dificuldades durante o isolamento social e as aulas online no projeto** 88

CONSIDERAÇÕES FINAIS 96

REFERÊNCIAS 100

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O Pré-vestibular Estudando para Vencer tem início no final do ano de 2017 através da união de um grupo de professores com a comunidade local, que juntos tinham como objetivo planejar um espaço no qual os jovens tivessem a oportunidade de estudar, debater pautas sociais e fornecer uma base de conteúdos para que os alunos pudessem concorrer, de forma qualitativa, aos concursos de vestibulares.Tendo em vista a desigualdade em relação ao acesso à educação no município do Rio de Janeiro e nos processos seletivos para ingresso nas universidades, o projeto, de acordo com o diretor do preparatório, Marcelo Martins, —tem como propósitos o resgate da autoestima da população negra, o sentimento de pertencimento aos espaços universitários e a consequente aprovação no vestibular como forma de resistência ao racismo estrutural no Brasil.

Quando abordamos a ideia de pré-vestibular para população preta, parda e carente, devemos analisar como essa inciativa se consolida no Município do Rio de Janeiro. O PVNC, Pré-Vestibular para Negros e Carentes, inicia esse processo de auxílio no preparo dos alunos, em situação de vulnerabilidade social e econômica, para as provas de vestibulares.O primeiro projeto do PVNC no estado do Rio de Janeiro foi originado na Baixada Fluminense, que fica situada na região metropolitana da cidade, em 1992.

Após alguns anos de articulações com outros estados, principalmente o estado da Bahia, o PVNC toma uma proporção muito grande e se espalha pelo Rio de Janeiro, através de movimentos como o EDUCAFRO, atrelado ao Frei Davi (importante liderança do movimento negro na década de 1990, no rio de janeiro).Com isso, as bases do Estudando Para Vencer vêm da dinâmica do PVNC, sendo construídas numa ótica similar, com a ideia de auxílio aos alunos pretos, pardos e ou carentes aos concursos universitários.

O preparatório social tem seu endereço fixo na Praça São Lucas, n°1, Vila Cruzeiro, bairro da Penha, com atualmente 50 alunos que estão no preparo para os concursos de vestibulares e cursos técnicos. Como resultado desses três anos de funcionamento, o Estudando para Vencer conseguiu com que vinte e um alunos ingressassem nas universidades públicas e uma aluna em universidade privada. No que se refere ao combate ao racismo, o projeto teve como iniciativa o evento —Crias

- A Penha naUniversidade[1], 1 em junho de 2019, no qual três convidados abordaram temáticas relacionadas ao racismo e apresentaram maneiras de como os alunos poderiam se defender de ataques racistas de forma jurídica e institucional.

As populações periféricas, que não estão alocadas em espaço centrais das cidades, convivem diariamente com graves problemas sociais e uma alarmante violência dentro de suas comunidades. Tendo esses problemas estruturais, sociais e financeiros um impacto direto na educação da população. No ano de 2017 foi registrado que em apenas 11 dias, todas as unidades estiveram abertas nas escolas municipais do Rio de Janeiro[2].

Os projetos de pré-vestibular sociais, gratuitos e sem fins lucrativos situados na cidade do Rio de Janeiro tem enquanto estratégia o preparo dos jovens pretos e pardos para os vestibulares, vislumbrando o acesso às universidades públicas e particulares.Podemos analisar a atuação desses
projetos como uma política de resistência ao racismo estrutural e estruturante da sociedade, aquele que Almeida (2018) entende como um processo histórico em que as condições de privilégios ou subalternidades foram racializadas e reproduzidas, além disso,constituiu todo um complexo imaginário social que a todo o momento é reforçado pelos meios de comunicação, cultura e sistema educacional (ALMEIDA, 2018, p. 51).

O Pré-vestibular Estudando Para Vencer pode se enquadrar na lógica da Educação Popular, apresentada por alguns autores, sendo Paulo Freire um dos principais defensores desse tipo de práxis social. Brandão (2006) nos apresenta uma reflexão sobre a educação popular como não institucionalizada, se desenvolvendo na sociedade para se contrapor ao projeto educacional dominante.

Segundo o autor (2006, p.48), nas primeiras obras de Paulo Freire surge seu interesse pela educação popular enquanto uma tentativa de —prática cultural para a

---

[1]O evento “Crias - A Penha na Universidade” consistiu em palestras e debates sobre os diversos tipos de práticas racistas que a população negra enfrenta no Brasil e como podem se defender juridicamente. O evento contou com a participação de componentes do movimento negro, como Nathalia Carlos, Jota JR, Jardila Baptista e Rodrigo França. Disponível em: www.instagram.com/p/BrGt4jRF9XZ/?igshid=so890f6c4f32. Acessado em 20/09/2019.

[2]Publicado em 01/12/2017. Violência fez com que escolas municipais do Rio abrissem todas em apenas 11 dias do ano. Disponível em: https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/violencia-fez-com-que-escolas-do-rio- abrissem-todas-em-apenas-11-dias-do-ano.ghtml. Acessado em 14/08/2019.

liberdade, que deveria ter como objetivo —transformar todo o sistema e toda a lógica simbólica da educação tradicional. (...) Emergia como proposta de re-escrever a prática pedagógica do ato de ensinar-e-aprender, e surgia para repensar o sentido político do lugar da educação. Pensar o sentido político do lugar da educação é também,portanto, refletir sobre as condições materiais e históricas que perpetuam e reproduzem o racismo, e sobre as tentativas de reverter essa lógica, como a proposta do Pré- Vestibular Estudando Para Vencer.

Através de inúmeras lutas dos movimentos sociais, ocorre em 2001 o início do sistema de reservas de vagas (cotas raciais) nas universidades, através da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e a partir da promulgação federal da Lei de Cotas, nº 12.711 de 2012 as universidades federais começam a adotar o sistema.Apesar da recente data, algumas universidades já contavam anteriormente com o sistema de cotas em seus vestibulares, como por exemplo, a Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), que em 2003 realizou o seu primeiro vestibular com reservas de vagas. O sistema de cotas não garante o acesso direto aos cursos de graduação, e sim uma concorrência diferenciada as vagas dos cursos, isto é, ainda há no processo de ingresso uma prova de vestibular que avalia se a candidata ou o candidato será considerado apto(a) a ingressar no curso de graduação.

Partindo da discussão acerca da desigualdade de acesso ao ensino superior e a desigualdade de renda, em 2017[3]era significativa a disparidade salarial entre negros e brancos — ambos graduados. Em uma escala de salários levando em consideração a raça e o gênero, o homem branco aparece em primeiro lugar, a mulher branca em segundo, o homem negro em terceiro e mulher negra em quarto e último lugar. Assim, retomando o pensamento já apresentado de Almeida (2018), há uma racialização dos privilégios, que se apresentam na sociedade através de consequências econômicas, políticas, educacionais, ideológicas entre negros e não brancos.

O autor também disserta sobre a segregação não oficial entre negros e brancos, que vigora em alguns espaços da sociedade e que é embasada em discursos e imaginários racistas de que, por exemplo, pessoas negras são menos

[3]IBGE: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) 2017. Disponível em: biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101559_informativo.pdf. Acesso em 2019.

aptas a vida acadêmica (2018, p. 47). Diante da discussão abordada, temos o acesso à universidade pública, gratuita e de qualidade se constituindo como um dos caminhos para o rompimento desse paradigma, para que populações pobres e pretas possam buscar a superação de certos desafios a partir da educação e formação acadêmica institucional e formal.

O acesso à educação formal não representa, somente, um possível emprego bem remunerado – por si só já muito importante, mas representa também uma ascensão social, também simbólica e que se torna estratégia de sobrevivência. Além disso, no que concerne ao debate epistêmico, é importante, para que padrões estruturais de racismo se findam que novas epistemologias negras sejam construídas. Para isso, essas pessoas precisam estar ocupando o espaço da universidade, o espaço produtor de conhecimento institucional.

Os objetivos principais da pesquisa consistem em analisar os impactos da Pandemia por Covid-19 na experiência de Educação Popular realizada pelo Estudando Para Vencer ao longo do ano de 2020.

Tendo como objetivos específicos apresentar a atuação do projeto de pré-vestibular na comunidade da Penha/Complexo do Alemão-Vila Cruzeiro como um processo de resistência ao racismo estrutural na sociedade.Investigar os impactos da pandemia na organização do preparatório no ano de 2020 e suas consequências no projeto e refletir sobre a prática de educação e pedagogia antirracista que está inserida no Estudando Para Vencer.

A descrição do objeto de iremos estudar, nesse caso objeto participante, consiste na análise das pedagogias antirracistas dentro do pré-vestibular, a partir das estratégias de busca pela resistência da comunidade do Complexo do Alemão e investigaremos também como, foi o processo de organização do projeto ao longo de 2020 com a pandemia e suas implicações sociais, econômicas, sanitárias e políticas no projeto.

A comunidade da Vila Cruzeiro, onde se localiza o projeto, está diante de uma iniciativa de um grupo de professores que procuram levar a educação em busca de oportunidades múltiplas para esses estudantes, o que identificamos como formas de organização e luta face ao racismo estruturante e estruturado em nossa sociedade.Há, nas redes sociais do projeto, uma reflexão de um dos fundadores do

pré-vestibular, o professor Marcelo Martins: —ser professor não me fez milionário, mas me fez te ajudar a realizar os teus sonhos[4].

Para estruturamos apesquisa serão necessárias diferentes etapas metodológicas para a realização desta proposta de pesquisa, que estarão descritas abaixo.Dentre os procedimentos utilizados estará à pesquisa documental, a partir da seleção e posterior análise de determinadas legislações. Para essa etapa, é fundamental entender a conjuntura socioeconômica e cultural da produção de cada lei analisada, e a etapa será dividida em seleção preliminar e posterior análise de conteúdo e possíveis inferências.

Além da pesquisa documental, será realizada pesquisa bibliográfica acerca dos temas que compõem o trabalho, com um suporte teórico voltado para a questão da educação popular (FREIRE, 1984 e 2003) e pré-vestibulares sociais (SANTOS 2006 e 2011). Além disso, discutem-se as questões das relações étnicos raciais a partir de HOOKS (2017),ALMEIDA (2018), MUNANGA (2004), MBEMBE (2018), FANON (2008) eGOMES (2017), quando abordamos o tema da educação e favela, utilizaremos como aporte teórico, BURGOS (2005).

Outro procedimento fundamental será a pesquisa de campo. Na busca de dialogar com os sujeitos e pensar a sua realidade é necessário fazer a escolha de técnicas ou instrumento de coleta de dados, e será utilizada a entrevista aberta e a entrevista semiestruturada. Concordamos com Duarte (2004, p. 215) quando a autora entende que as entrevistas podem fazer com que o pesquisador colete indícios dos modos como cada um daqueles sujeitos percebe e significa sua realidade e levantando informações consistentes que lhe permitam descrever e compreender a lógica que preside as relações que se estabelecem no interior daquele grupo.

Como abordagem teórica inicial, hooks (2017) será de fundamental importância para analisarmos como as desigualdades no acesso a educação está ligada ao racismo. Freire (1981) e (2003) nos auxilia quanto à questão da educação popular enquanto forma de emancipação da população e prática libertária, buscando uma nova forma de pensar sobre a educação.Utilizaremos a discussão de Gomes (2017) sobre populações negras enquanto produtores intelectuais e principalmente

---

[4]MARTINS, Marcelo. Diretor do Projeto. 07/12/2018, acesso em 02/06/2019, disponível nas redes sociais do projeto.

no centro das discussões acerca da intelectualidade negra nos espaços universitários e dentro dos movimentos organizados pela população negra. Também na abordagem étnico-racial, Mbembe (2018) nos leva a questionar a efetivação da Necropolítica e nos auxilia com a abordagem teórica conceitual aplicada a soberania do Estado enquanto dominante dos corpos periféricos.

Munanga (2004), por sua vez, analisa as questões raciais no Brasil entendendo o antirracismo no Brasil não somente como uma questão jurídica e sim educacional, propondo ações antirracistas. Almeida (2018) também sera mobilizado, sobretudo na discussão sobre racismo estrutural. Sobre a discussão de pré-vestibulares socais, vamos dialogar com Santos (2006 e 2011) que tem longa trajetória voltada para a produção de conhecimentos acerca de pré-vestibulares sociais enquanto agentes pedagógicos e diante da abordagem sobre educação e favela, utilizaremos a discussão de Burgos (2009).

O trabalho de qualificação foi estruturado através das temáticas abordadas acima, nas considerações iniciais, com o intuito de trazer o leitor para uma reflexão sobre o recismo no brasil e suas correlações com a educação. Com isso, organizamos inicialmente dois capítulos para que possamos abarcar essas temáticas ao longo da pesquisa.

No capítulo 1, abordamos como o racismo se estrutura na sociedade brasileira, através da divisão em dois outros subcapítulos que estão relacionados a perspectiva do racismo e suas práticas históricas no Brasil e a relação entre educação e racismo no contexto brasileiro. No capítulo 2 há uma relação direta entre o projeto de pré-vestibular, sua apresentação e o contetxo no qual está inserido. Durante esse capítulo, subdividimos em quatro partes, para organizarmos um modelo histórico de criação de projetos de pré-vestibulares no Rio de Janeiro e a atuação do Estudando Para Vencer em sua comunidade. Diante das perspcetivas analisadas anteriormente, no capítulo 3 movimentamo-nos para abordar os relatos dos discentes e docentes durante o período de 2020 e 2021, no qual o isolamentos social e as aulas no formtao online estavam presentes.

1. O RACISMO NO BRASIL E A ORGANIZAÇÃO DE UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA

1.1 O Racismo no Brasil

A ideia de umaconstrução de identidade da população negra no Brasil, é fruto de uma identificação da realidade que o país, realiza diante da sociedade.

Temos que lembrar que o brasil foi o último pais o continente americano a abolir a prática da escravidão em seu território. Diante dos apontamentos abordados, a construção da ideia identitária no país se apresentou racista, levando em consideração a população branca que dominava os cenários políticos, econômicos, acadêmicos e sociais do Brasil. Com isso, desde o fim da escravidão, com a população negra libertam há uma forte e pesada inclusão das práticas de discriminação e preconceito racial sendo executadas diariamente pela sociedade brasileira em diversos âmbitos, podendo ser acentuadas nas áreas institucionais, sociais, econômicas, políticas e educacionais.

Ao passo que abordamos qual papel da população negra dentro da construção da sociedade Brasileira, vamos estar diante de diversos debates, apontamentos e análises. A consequência das práticas racistas no Brasil, são refletidas diariamente na sociedade Brasileira, diante de nossos olhos. No Brasil, país no qual a cada 23 minutos um jovem preto morre.O que Achille Mbembe (2018) irá expressar como a Necropolítica, a política da morte que se expressa no contexto brasileiro de diferentes formas e que será abordada na parte dois do capítulo.

No Brasil, 75% das pessoas mais pobres são pretas e pardas -negras- segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). No Brasil, uma pessoa preta tem aproximadamente 3 anos a menos de escolaridade em comparação a uma pessoa branca (IPEA,2020). Em nosso país, o racismo é uma pauta urgente e que precisa ser debatida pela sociedade e todas as suas instituições. Neste trabalho, temos como mote principal a relação entre educação e racismo e, vamos abordar como o ideal de branquitude da sociedade brasileira irá afetar os diversos formatos de desenvolvimento em educação no brasil.

Iniciamos esse capítulo trazendo luz ao debate, que apresenta a seguinte

premissa: Como, nós, negros, somos vistos pela sociedade brasileira? Para analisarmos essa resposta, devemos nos debruçar sobre a história e a sociologia que tratam sobre a construção da identidade brasileira e, principalmente, no processo de construção do racismo estrutural em nosso país. Construção esta que se adapta aos discursos dominantes dos séculos passados, através das teorias eugênicas, dominação racial e democracia racial, que se espalharam pela sociedade Brasileira.

Diante deste debate sobre eugenia e as teorias que pairavam sobre a sociedade brasileira, temos na tese de doutorado de Sydney Filho diversos apontamentos sobre o tema, com destaque para o segundo capítulo de seu trabalho, que versa sobre as teorias eugênicas que eram debatidas e difundidas no território brasileiro no início do século XX.

> No Brasil, até fins da década de 1920, a propagação de teorias eugenistas e higienistas construiu uma situação favorável à entrada de europeus. Na década de 1930, cresce a restrição aos movimentos migratórios. As proibições começaram pelos asiáticos e africanos. A queda na entrada de imigrantes passou a servir também de região para outra, servindo aos interesses da exploração econômica do trabalhador ou da simples desocupação e concentração fundiária.
> (AGUILAR FILHO, Sidney, 2011, p. 59)

Durante séculos, a sociedade Brasileira se reportou a população preta como um resquício do período escravocrata do nosso país. Caio Prado Júnior e Sergio Buarque de Holanda apresentam alguns pontos de análise da percepção da sociedade Brasileira sobre a população preta no Brasil do século XX. Caio Prado Júnior trouxe a seguinte discussão na década de 1960,

> A contribuição do escravo preto ou índio para a formação Brasileira é, além daquela energia motriz, quase nula. Não que deixasse de concorrer, e muito, para a nossa ‘cultura’ no sentido amplo em que a antropologia emprega a expressão, mas é antes uma contribuição passiva, resultante do simples fato da presença dele, e da considerável difusão de seu sangue, que uma intervenção ativa e construtora. O cabedal que traz consigo da selva americana ou africana, e que não quero subestimar, é abafado e senão aniquilado, deturpa-se pelo estatuto social, material e moral a que se vê reduzido seu portador. E aponta, por isso apenas, muito timidamente, aqui e acolá. Age mais como fermento corruptor da outra cultura, a do senhor branco que lhe sobrepõe (PRADO JUNIOR, 1965, p. 270).

A percepção de que a população preta não teve contribuição na construção da identidade Brasileira é um dos apontamentos que alguns intelectuais, no século XX, discursavam dentro das universidades Brasileiras.

Sergio Buarque de Holanda fazia análises sobre o simplismo das relações sociais no período escravocrata Brasileiro. O livro Raízes do Brasil tece algumas ideias que o senso comum terá sobre um dos períodos mais complexos e dolorosos de nossa história.

> A presença do negro representou sempre fator obrigatório no desenvolvimento dos latifúndios coloniais. Os antigos moradores da terra foram, eventualmente, prestimosos colaboradores na indústria extrativa, na caça, na pesca, em determinados ofícios mecânicos e na criação de gado. Dificilmente se acomodavam, porém, ao trabalho acurado e metódico que exige a exploração dos canaviais. Sua tendência espontânea era para atividades menos sedentárias e que pudessem exercer-se sem regularidade forçada e sem vigilância e fiscalização de estranhos. Versáteis ao extremo, eram-lhe inacessíveis certas noções de ordem, constância e exatidão, que no europeu formam como uma segunda natureza e parecem requisitos fundamentais da existência social e civil. (HOLANDA, 1999, p. 48).

A partir desta breve análise sobre a construção da sociedade Brasileira e como sua formação social se estabelece nas ideias de alguns pensadores clássicos do Brasil, percebemos que se torna mais complexo o combate ao racismo no país. Mas, ao mesmo tempo, precisamos definir o que é racismo.

Definir o que é racismo é um grande desafio, porém, através de análises realizadas por alguns autores, como Munanga (2010) e Almeida (2018), podemos inferir que o racismo é um processo histórico, ligado diretamente à formação social da sociedade Brasileira, é possível percebermos as práticas racistas existentes na estrutura da sociedade. O mecanismo do racismo pode ser definido através de algumas abordagens a formas de análise do fenômeno social. De acordo com Munanga (2010), o racismo se configura no Brasil como um crime perfeito, como uma ideologia social que esta introjetada na construção do cidadão Brasileiro. Em uma entrevista, concedida para a fundação Perseu Abramo em 2010, o autor aborda algumas faces do racismo a moda Brasileira, apontando que

> O racismo é uma ideologia. A ideologia só pode ser reproduzida se as próprias vítimas aceitam, a introjetam, naturalizam essa ideologia. Além das próprias vítimas, outros cidadãos também, que discriminam e acham que são superiores aos outros, que têm direito de ocupar os melhores lugares na sociedade. Se não reunir essas duas condições, o racismo não pode ser reproduzido como ideologia, mas toda educação que nós recebemos é para poder reproduzi-la. (MUNANGA, 2010, p. 90.)

Ao longo da entrevista, Munanga aborda diversos movimentos que a sociedade racista brasileira o fez sofrer em solo tupiniquim. O Antropólogo migrou da República

Democrática do Congo para o Brasil para cursar o programa de doutorado na USP, desembarcando no país em 1975. Desde então se debruça a analisar e estudar sobre as questões etnicorraciais da nossa sociedade.

O antropólogo relaciona o racismo no Brasil e o compara com as práticas racistas nos Estados Unidos da América, dizendo que

> Quando você está diante do negro, dizem que tem que dizer que é moreno, porque se disser que é negro, ele vai se sentir ofendido. O que não quer dizer que ele não deve ser chamado de negro. Ele tem nome, tem identidade, mas quando se fala dele, pode dizer que é negro, não precisa branqueá-lo, torná-lo moreno. O brasileiro foi educado para se comportar assim, para não falar de corda na casa de enforcado. Quando você pega um brasileiro em flagrante de prática racista, ele não aceita, porque não foi educado para isso. Se fosse um americano, ele vai dizer: "Não vou alugar minha casa para um negro". No Brasil, vai dizer: "Olha, amigo, você chegou tarde, acabei de alugar". Porque a educação que o americano recebeu é para assumir suas práticas racistas, para ser uma coisa explícita. (MUNANGA, 2010. p. 58.)

Munanga debate, neste trecho, a organização da sociedade brasileira em prol da destruição das múltiplas identidades pretas no Brasil, através da deliberada aniquilação dos antepassados e das histórias que foram trazidasdurante o processo diaspórico dos povos africanos. Esse movimento que foi organizado desde o período colonial/escravocrata que conseguiu reduzir a imagem da população preta aos escravizados e sem alma ainda perdura na sociedade contemporânea. O Brasil é um país racista e com leis racistas. As leis que foram conquistadas para garantir direitos para a população negra,muitas vezes não são cumpridas. Dentre alguns casos marcantes do confronto entre sociedade e racismo podemos abordar duas situações: a primeira se revela através dos inúmeros profissionais da saúde que, em diversos momentos, foram às mídias, televisivas, impressas e digitais para analisar algum fato relacionado a pandemia por COVID-19. Nos deparamos com uma grande reflexão, quantos destes profissionais eram pretos(as)? A segunda situação, se apresenta pela quantidade de protagonistas pretos(as) em telenovelas, bem como os apresentadores de programas televisivos na mídia aberta.

Diante deste debate, podemos refletir sobre o preconceito racial na mídia brasileira, visto que grande parte das organizações que estruturam os sistemas de audiovisual no país, estão implementam dentro de sua organização alguns preceitos sociais, como o racismo.

> A literatura científica em comunicação ou em marketing no Brasil está repleta de estudos sobre responsabilidade social das empresas. No entanto

> poucas pesquisas relacionadas à mídia têm analisado o fenômeno do preconceito racial. Não deveriam fazer parte dessas pesquisas os impactos e consequências das imagens transmitidas pelas mídias sobre a sociedade, principalmente, em relação a grupos vulneráveis? Não deveriam as organizações que colocam as imagens nas mídias preocuparem-se com as ideologias impregnadas nos sistemas simbólicos e, consequentemente, com a possibilidade de que as relações de dominação e de exclusão social estejam sendo reproduzidas na mídia? (ACEVEDO, NOHARA e LÍDIA, 2010, p. 32)

Quando abordamos a discussão sobre o processo de construção da identidade de um determinado grupo social, devemos levar em consideração o que é projetado na mídia daquele determinado local. No caso brasileiro, podemos analisar nossa mídia através dos protagonistas das novelas mais famosas que são transmitidas, os cargos profissionais ocupados pela população negra dentro dessas telenovelas, nos telejornais, os apresentadores dos programas, fica o questionamento, quantos são negros(as)? O racismo está diretamente ligado a ideia de embranquecer a população brasileira no seu aspecto identitário, tentando apresentar essa ideia de forma normal.

O racismo e suas consequências na sociedade brasileira já foram analisados por diferentes estudiosos e teóricos e debatidos por professores e ativistas que se dedicaram na luta pela equidade racial desde o século XX. Entre esses estudiosos, teóricos, professores e militantes, destacam-se Florestan Fernandes, Nilma Lino Gomes, Lélia Gonzales, Sueli Carneiro, Petrolina Beatriz, Abdias do Nascimento, Silvio Almeida, entre outros(as). A temática etnicorracial foi alvo de estudos e reflexões desses estudiosos que identificaram as graves consequências sociais, econômicas, identitárias, educacionais e políticas que marcam a sociedade brasileira.

Silvio Almeida (2018), discutiu como inúmeros mecanismos sociais estão diretamente ligados ao racismo estrutural e estruturante da sociedade brasileira. O autor nos apresenta algumas teses que irão basear as reflexões de seu trabalho, principalmente as que concernem sobre as discussões raciais. Nesse caso, devemos levar em consideração alguns aspectos, como os fatores sociais, políticos, econômicos e jurídicos quando formos discutir sobre a dinâmica racial da população preta e parda no Brasil.

Ao longo do livro o autor enfatiza o conceito de racismo estrutural e a sua correlação com as instituições sociais, ressaltando que o racismo pode ser

percebido na economia, política, ideologia, no legislativo e outras derivações que estarão presentes em diversos casos de práticas racistas em nosso cotidiano. Em um trecho do livro, o autor aborda a seguinte discussão,

> O racismo constitui todo um complexo imaginário social que a todo momento é reforçado pelos meios de comunicação, pela indústria cultural e pelo sistema educacional. Após anos vendo telenovelas Brasileiras, um indivíduo vai acabar se convencendo de que mulheres negras têm uma vocação natural para o trabalho doméstico, que a personalidade de homens negros oscila invariavelmente entre criminosos e pessoas profundamente ingênuas, ou que homens brancos sempre têm personalidades complexas e são líderes natos, meticulosos e racionais em suas ações. (ALMEIDA, 2018, p. 41)

A discussão realizada por Almeida, traz a luz a questão identitária da população preta no Brasil. Assim como Muganga, Silvio aborda essa discussão, muito importante no debate racial brasileiro. As identidades, as múltiplas identidades, religiões, formações, teorias de mundo que foram aniquiladas pela colonização e escravidão no país. Percebemos que a as questões ligadas as identidades são de suma importância para a análise racial no Brasil.

As Teorias de soberania racial, que promoviam o discurso de superioridade da população branca sobre a população preta, emergem na sociedade brasileira ao final do século XIX e início do século XX. Sendo o branqueamento da população do país uma grande pauta a ser discutida pelo poder público, haja vista que naquele período, inúmeros imigrantes europeus foram trazidos para o Brasil afim de embranquecer a população. Como nos coloca Hernandez,

> O primeiro passo na campanha nacional de embranquecimento foi arquitetar legislações de imigração restritivas para, em primeiro lugar, encorajar a imigração europeia e, em segundo lugar, proibir ou fortemente desestimular a imigração de pessoas de ascendência africana, asiática ou indígena. Ainda em 1850, com a crescente pressão internacional para abandonar o tráfico de escravos e abolir completamente a escravidão, o poder legislativo brasileiro tomou medidas decisivas para estimular a imigração europeia. (HERNANDEZ, T. K, 1998, p. 26-27)

Ao longo do século XX esse modelo de branqueamento não se modifica, tendo como resultado o racismo estrutural, quantificado pelo IBGE e pelas pesquisas do PNAD e IPEA ao longo do século XX. O Instituto Brasileiro de Geografia e

Estatística (IBGE) publicou um estudo sobre as cores da desigualdade brasileira[5]. Diante da análise dos especialistas do órgão, podemos analisar que os dados estatísticos comprovam a racialização social e econômica no Brasil, trazendo junto dessa informação, a quantificação dos dados que apresentam situações caóticas que a população preta no país vive diariamente.

Ao analisarmos o documento, ressaltamos que o Brasil ainda se encontra muito longe de se tornar uma democracia racial, como apresentou o sociólogo Gilberto Freyre (1933). Os dados do IBGE servem de base para analisarmos o racismo estrutural Brasileiro e seus mecanismos, o que dialoga diretamente com Almeida (2018). De acordo com o IBGE, na comparação entre as PNADs contínuas[6] de 2016 e 2017[7], a taxa de analfabetismo da população preta e parda é de 9,9%, enquanto a população branca atinge 4,2%. Quando abordamos o rendimento salarial, os números são mais alarmantes, tendo a população branca, renda média de R$ 2814,00 e a população preta R$ 1570,00. Os dados apontam de sobre a desigualdade de acesso à educação e renda no Brasil. Analisando os dados citados acima, percebemos que os processos educativos no Brasil apresentam uma estrutura complexa e desigual que está relacionada diretamente a uma base sólida e desenvolvida na educação formal.

Através das pesquisas realizadas, podemos compreender que a população negra[8]no Brasil tem menos anos de escolaridade e como consequência, um salário menor comparado a população branca. Isso reflete diretamente na perpetuação da pobreza que está expressa diretamente no espaço das grandes metrópoles brasileiras.

Através das análises discutidas acima, percebemos que se faz necessária uma educação diferente em nosso país. Um viés educativo no qual analise as questões etnicorraciais e suas consequências na sociedade brasileira. Quando

---

[5] Revista Retratos. Artigo: Cores da Desigualdade. Autoras: Gomes. I e Marli. M. publicado em CITAR CORRETAMENTE https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/21206-ibge-mostra-as-cores-da-desigualdade, acessado em 02/12/2020.

[6] Disponível em : https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/9171-pesquisa-nacional-por-amostra-de-domicilios-continua-mensal.html?=&t=o-que-e. acessado em 12/04/2021.

[7]Disponível em: :https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/21206-ibge-mostra-as-cores-da-desigualdade, acessado em 02/12/2020.

[8] Disponível em: https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18319-cor-ou-raca.html, acessado em 12/ 04/2021.

abordamos esse formato de educação, não estamos discutindo algo novo, estamos debatendo que mesmo após se tornar Lei 10.639/03 não temos, de fato, uma educação antirracista no Brasil.

Por isso, devemos realizar novas concepções de análises da sociedade, mediante ao debate etnicorracial que tem sido abertamente discutido pela mídia, redes sociais, sociedade. Através desses debates, podemos e devemos reorganizar a educação Brasileira, trazendo o embate sobre a educação de cunho antirracista, vislumbrando e reforçando a identidade negra no país

1.2 **Por uma Educação Antirracista**

A conexão da educação com o racismo está expressa em diversos movimentos, que buscavam a ideia de uma educação para a população preta no Brasil. Alguns grupos e movimentos, realizaram diversos esforços para alfabetização da população preta durante o século XX. A Frente Negra Brasileira, criada em 1931[9]e o Teatro Experimental do Negro, criado em 1948 têm papel fundamental no início da criação de políticas públicas especificas para a concepção do que podemos analisar, agora, como uma educação antirracista.

A FNB (Frente negra Brasileira) foi fundada em 1931 e logo após a sua fundação em 1937 foi fechada, por Getúlio Vargas, durante o Estado Novo Varguista. O movimento foi extremamente importante para a difusão da cultura negra no início do século XX, tendo como principais objetivos,

> A educação sempre foi uma das temáticas mais importantes a serem tratadas na FNB. Seus membros acreditavam que a educação era uma ferramenta fundamental para a inserção da população negra na sociedade e também seria através dela que se eliminariam os preconceitos da sociedade e se garantiria a cidadania plena. (PEREIRA.A. 2020. P.165)

Juntamente com a FNB, outro movimento de grande importância no cenário de luta pelos direitos civis da população negra brasileira foi o TEN (Teatro Experimental do Negro), fundado por Abdias do Nascimento, um dos maiores

[9] Disponível em: http://www.palmares.gov.br/?p=2913, acessado em 12/04/2021.

pensadores do movimento negro, abordava as questões relacionadas a uma educação étnico racial na década de 1940. O trecho abaixo se apresenta como um ponto crucial para analisamos o papel do TEN na construção de uma política de educação étnico racial no Brasil, sendo,

> Como expresso no Jornal do Quilomo- vida, sem problemas e aspirações do negro, "o TEN manteve, em salas de aulas cedidas pela União Nacional dos Estudantes, várias aulas de alfabetização, sob a chefia do professor Ironides Rodrigues. Cerca de seiscentos alunos frequentavam esse curso, interrompido, infelizmente, por falta de local para funcionar(...) (TEN,1948, p.7)

Diante de outras iniciativas que foram elaboradas, enquanto plano de ação, para a promoção da educação básica a população preta no Brasil, temos o Movimento Negro Unificado, como um dos principais atores, pois direcionou esforços para a construção de uma base através da educação para uma promoção da igualdade racial no Brasil. O MNU, na década de 1970, se fez presente, sendo um grande articulador da formação da identidade racial Brasileira, sendo

> Nessa trajetória, destacam-se ainda as experiências do Movimento Negro com a política anti-racista, nas décadas de 1980 e 1990, com conquistas singulares nos espaços públicos e privados – das frentes abertas pelo Movimento de Mulheres Negras e do embate político impulsionado pelas Comunidades Negras Quilombolas. Ou seja, no percurso trilhado pelo Movimento Negro Brasileiro, a educação sempre foi tratada como instrumento de grande valia para a promoção das demandas da população negra e o combate às desigualdades sociais e raciais (MEC/SECAD, 2005, p. 19).

No início do século XXI, ocorreu a Conferência Mundial contra o Racismo, a Discriminação Racial, a Xenofobia e as Formas Correlatas de Intolerância em Durban na África do Sul. Os debates propostos na conferência foram catalisados em solo Brasileiro, quando envolveu diversos setores da sociedade acerca dos problemas analisados pelas dinâmicas das relações raciais no Brasil. A conferência traz para o centro de alguns debates, em solo Brasileiro, a promoção de políticas que pudessem superar as problemáticas raciais no país, principalmente, na entrada do novo milênio.

O Brasil promove a elaboração de um documento oficial para apresentar na conferência. Nesse documento há o reconhecimento e a responsabilidade histórica do país em relação ao "escravismo e pela marginalização econômica, social e política dos descendentes de africanos", ressaltado neste trecho,

> O racismo e as práticas discriminatórias disseminadas no cotidiano Brasileiro não representam simplesmente uma herança do passado. O racismo vem sendo recriado e realimentado ao longo de toda a nossa história. Seria impraticável desvincular as desigualdades observadas atualmente dos quase quatro séculos de escravismo que a geração atual herdou (BRASIL, 2001).

Logo após o encontro, foram estabelecidos diversos objetivos, a partir de um plano de ação do Estado Brasileiro para operacionalizar as resoluções de Durban, principalmente em relação a educação no Brasil. Dentre as quais, estão:

- Igual acesso à educação para todos e todas na lei e na prática.
- Adoção e implementação de leis que proíbam a discriminação baseada em raça, cor, descendência, origem nacional ou étnica em todos os níveis de educação, tanto formal quanto informal.
- Medidas necessárias para eliminar os obstáculos que limitam o acessode crianças à educação.
- Recursos para eliminar, onde existam, desigualdades nos rendimentos educacionais para jovens e crianças.
- Apoio aos esforços que assegurem ambiente escolar seguro, livre da violência e de assédio motivados por racismo, discriminação racial, xenofobia e intolerância correlata.
- Estabelecimento de programas de assistência financeira desenhados para capacitar todos os estudantes, independentemente de raça, cor, descendência, origem étnica ou nacional a frequentarem instituições educacionais de ensino superior.

Diante das reivindicações do movimento negro e a propostas realizadas por diversas campanhas em prol da educação das populações afro-brasileira, o governo federal altera a Lei nº 9.394/96, com a inserção de artigos 26-A e 79-B que estão referidos na Lei 10.639/03[10], que torna obrigatório o Ensino de e Cultura Afro-brasileiras e Africanas no currículo oficial da Educação Básica no Brasil, assim como a inclusão do dia 20 de novembro como “Dia Nacional da Consciência Negra”.

[10] Lei 10.639/03. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm, acessado em 02/12/2020.

Em 2008, o governo altera a lei 10.639/03, incluindo alguns a lei 11.645/08[11] sobre o ensino das populações indígenas brasileiras, trazendo ao debate a inclusão no currículo escolar o ensino sobre as populações tradicionais do país, sendo um mecanismo muito importante para a erradicação do racismo no Brasil.

A partir dos debates realizados anteriormente ao longo do capítulo, podemos compreender que é primordial que os educadores, a escola, comunidade escolar, família e toda sociedade possa discutir com maior densidade sobre o racismo e suas práticas, cruéis, no mundo e principalmente no Brasil. Mas, afinal de contas, o que seria uma educação antirracista?

Ao longo do século XXI o debate sobre a educação antirracista ganha maiores proporções, principalmente pela promulgação da lei 10.639-03 na qual versa sobre a inclusão de conteúdos de história e cultura afro-Brasileira e africana nos currículos educacionais no Brasil. Iniciamos a discussão sobre uma educação antirracista através de um trecho de Gomes,

> As práticas educativas que se pretendem iguais para todos acabam sendo as mais discriminatórias. Essa informação pode parecer paradoxal, mas, dependendo do discurso e da prática desenvolvida, pôde-se incorrer no erro da homogeneização em detrimento do reconhecimento das diferenças. (GOMES, 2011, p.86)

Gomes, neste trecho, apresenta um caminho para o formato de educação antirracista. Formato este que deve ir além da prática e, sim, uma mudança estrutural no currículo, formação de professores, especificidades educacionais, entre outros aspectos que são trabalhados no caderno para educação étnico-racial elaborado pelas governo federal em 2003.

A autora irá abordar a educação antirracista pela ótica do que estava sendo proposto de novo formato de educação naquele momento do país. Hoje, 18 anos após a promulgação da Lei nº 10.639 de 2003, analisando os debates na sociedade, percebemos que ainda necessitamos de mais artifícios para discutirmos o racismo e suas consequências nas escolas do país. Alguns movimentos como o “Escola Sem Partido” vêm na contramão das discussões e debates sobre o racismo e outros

[11] Lei 11.645/08. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm, acessado em 02/12/2020.

assuntos nas unidades escolares.

Outros autores irão trazer diferentes análises sobre o contexto de uma educação antirracista, pois sendo o último pais do ocidente a abolir a escravidão em 1888, o Brasil ainda necessita dialogar, debater, e principalmente aprender a conviver com seus diferentes povos, etnias e raças. A lógica da dominação europeia nos trópicos latino-americanos traz consequência negativas para o entendimento das nossas raízes africanas, indígenas e tradicionais do nosso país.

Diante do debate proposto acima, temos em Franz Fanon um dos grandes pensadores do século XX sobre a disposição da sociedade colonial nos trópicos. O autor irá se debruçar sobre as condições sociais que os povos antilhenhos estavam perpassando naquele momento de colonização, porém suas análises podem ser estendidas para os povos colonizados de todo o continente latino-americano. Em sua obra Pele Negra Máscaras Brancas, Fanon irá abordar diversos aspectos que se relacionam com a condição de colônia x metrópole x culturalidade, dentre esses aspectos podemos analisá-los a partir da seguinte premissa apontada pelo autor,

> Todo povo colonizado — isto é, todo povo no seio do qual nasceu um complexo de inferioridade devido ao sepultamento de sua originalidade cultural — toma posição diante da linguagem da nação civilizadora, isto é, da cultura metropolitana. (FANON, F. 2008, p.34)

A partir do fragmento de texto acima, podemos compreender que há uma grandiosa performance metropolitana, em nosso caso, portuguesa, nas implicações e construções da sociedade brasileira, que foi marcada pelo racismo, escravidão, apagamento cultural das populações indígenas e negras que aqui estavam ou foram trazidas.

> “Preto sujo!” Ou simplesmente: “Olhe, um preto!”. Cheguei ao mundo pretendendo descobrir um sentido nas coisas, minha alma cheia do desejo de estar na origem do mundo, e eis que me descubro objeto em meio a outros objetos. (FANON, F., 2008, p.103)

A construção da identidade tropical das sociedades que habitavam/habitam esses espaços, está baseada nas atividades que permeavam a prática social naquele/neste momento da história, o que Fanon irá abordar ao longo de seu livro e que discutiu sobre o que somos, enquanto seres humanos, ou não humanos, perante a sociedade racista, escravocrata e embranquecida. Através dos debates suscitados acima, temos enquanto ótica de uma proposta de reorganização social,

uma educação antirracista, na qual possibilite o estudo das múltiplas histórias negras e indígenas que permearam as terras latinas e que a partir desse novo formato de educação, possamos diminuir o apagamento histórico, elevar a categoria de negro a condição normal de cidadão e como consequência final a erradicação ou diminuição do racismo.

A educação antirracista pode ser analisada através de alguns aspectos. Em 2005, Kabengele Munanga organizou o documento denominado de Superando o Racismo na Escola. O documento, através de uma coletânea de artigos, versa sobre algumas práticas que podem ser adotadas para iniciarmos a aplicação da lei 10.639/03. O autor, na apresentação do documento faz uma importante reflexão, apontando que:

> Alguns dentre nós não receberam na sua educação e formação de cidadãos, de professores e educadores o necessário preparo para lidar com o desafio que a problemática da convivência com a diversidade e as manifestações de discriminação dela resultadas colocam quotidianamente na nossa vida profissional. Essa falta de preparo, que devemos considerar como reflexo do nosso mito de democracia racial compromete, sem dúvida, o objetivo fundamental da nossa missão no processo de formação dos futuros cidadãos responsáveis de amanhã. Com efeito, sem assumir nenhum complexo de culpa, não podemos esquecer que somos produtos de uma educação eurocêntrica e que podemos, em função desta, reproduzir consciente ou inconscientemente os preconceitos que permeiam nossa sociedade. (MUNANGA,2005, p. 15)

Diante dessa reflexão, percebemos que não fomos educados através de uma identidade antirracista, nossos professores (as) não obtiveram essa formação, e a lógica da democracia racial escamoteia o verdadeiro racismo embutido na estrutura social do nosso país. Ao longo do documento, o autor explicita diversos fatores que fazem com que tenhamos uma educação eurocentrada, colocando como principais analises as ideias, pensadores, conceitos, práticas europeias de educação.

> Partindo da tomada de consciência dessa realidade, sabemos que nossos instrumentos de trabalho na escola e na sala de aula, isto é, os livros e outros materiais didáticos visuais e audiovisuais carregam os mesmos conteúdos viciados, depreciativos e preconceituoso em relação aos povos e culturas não oriundos do mundo ocidental. Os mesmos preconceitos permeiam também o cotidiano das relações sociais de alunos entre si e de alunos com professores no espaço escolar (MUNANGA, 2005, p.15).

Os instrumentos educativos como livros, apostilas e materiais didáticos são carregadas e enraizados por pensamentos eurocêntricos, na qual, não incluem análises dos fenômenos apresentados aos discentes pela ótica de outros continentes, sendo neste caso, o continente africano. Fica a indagação que

pretendemos analisar enquanto práticas racistas na educação, nos livros de ciências e biologia e, em geral, nos livros didáticos: Por que há uma baixíssima visualização dos corpos pretos dentro desses materiais?

Essa indagação é muito importante pois problematiza que ao longo de alguns séculos a escravidão dos corpos negros, oriundos do continente Africano, no Brasil e no mundo, gerou uma onda de análises sociais, construções de conceitos, debates, pensamentos, teorias, entre outras possibilidades que exemplificavam diversos subjugamentos da população negra no mundo e principalmente no Brasil. Com isso, a população negra ficou alijada do processo de cidadania gerando uma grande ausência na construção de uma identidade e também da identidade social do Brasil. Esse esquecimento fez com que esse grupo social se tornasse marginalizado pela sociedade que vigorava as ideias racistas, classicistas e eugênicas no Brasil dos últimos séculos.

Continuando o debate sobre o processo de marginalização da população negra no brasil, não devemos esquecer que foi relegada a essas populações, negros(as) não libertos, o direito de estudarem, ao mesmo momento que seus corpos eram escravizados pelos senhores.

Através das análises descritas acima, percebemos de forma bem nítida, que ainda estamos no início de um debate sobre uma educação antirracista. Este formato (novo) de práticas pedagógicas é vislumbrado pelo governo federal no documento elaborado em 2006, Orientações e Ações para uma Educação das Relações Étnico Raciais**,**que versa sobre novas práticas docentes, que pudessem discutir sobre a temática etnicorracial dentro das instituições de ensino no país. O documento foi elaborado pelo Governo Federal, através de um corpo técnico no assunto do Ministério da Educação, que analisava possíveis práticas docentes que incorporassem a temática racial e que trouxesse, principalmente, um novo formato de análise sobre a população preta e parda no país.

O documento intitulado “As Orientações e Ações Para a Educação das Relações Étnico Raciais” de 2004, promovia o debate e posteriormente a criação de novas práticas docentes e da comunidade escolar desde a educação infantil até o ensino de Jovens e Adultos (EJA). Dentro das análises, há um vasto repertório de leituras, artigos e grandes estudiosos da temática que estiveram contribuindo para o documento. A partir do contexto de promoção e elaboração das orientações,

podemos perceber que a menos de 20 anos atrás, tínhamos uma composição ministerial que poderia promover e traçar um caminho para o debate sobre o racismo e seus mecanismos danosos à sociedade brasileira.

Ronald D. Glass (2012) dialoga com as questões relacionadas a educação racialmente crítica e antirracista, podendo ser um fator de questionamento das desigualdades e dos limites das abordagens na perspectiva de nos depreendermos do racismo estrutural. Este argumento do autor faz com que possamos analisar a educação como um caminho, dentro de um contexto, de transmissão da ideia de identidade, de combate à cegueira racial e de provocação da sensibilidade racial, apresentando novas propostas de combate ao racismo.

O autor aborda a ideia de um novo programa curricular para os cursos de pedagogia e licenciaturas que tenham como foco o debate sobre as análises sistêmicas da crítica racial e antirracismo. Através desta nova proposta, os docentes quando, encerrarem seus cursos de graduação, irão disseminar as ideias de um novo formato de pensamento sobre a educação, o que possibilitaria uma atuação antirracista. A partir desse novo formato curricular nas graduações brasileiras, a ideia de antirracismo já estaria presenta nas discussões dos estudantes de graduação, tais ações, contribuiriam para a formação enquanto docentes e consequentemente como seres humanos, o que poderá servindo de combate ao estereotipo racial.

Diante das análises de Glass (2012), o currículo, instrumentos essenciais na prática docente, deverá consistir em fases e com diferentes aprendizados no que tange a questão racial no Brasil partir das series iniciais do ensino fundamental. Com a historicização das populações negras que vieram escravizadas para o Brasil e as Américas será possível produzir uma identidade dessas populações dentro do nosso país. As fases desse currículo poderiam aumentar a quantidade de assuntos abordados nos debates, trazendo a cultura, formação musical, os elementos fundadores da nossa tradição enquanto nação, o conceito de nação e suas consequências.

Glass (2012) aponta que há outros fatores quando abordamos a discussão sobre a racialização dos debates da população preta, bem como menciona que “o discurso e as imagens racializadas na mídia e na cultura popular, assim como na conversa cotidiana e na brincadeira dos alunos, seriam analisados para reduzir seu poder definidor” (GLASS, 2012, p.904). Portanto, uma educação antirracista e crítica

está ligada a “lutas mais amplas contra a discriminação e a desigualdade racial, e os alunos teriam uma ampla variedade de contatos aprofundados progressivamente com organizações ativistas e com as comunidades-dentro-de-comunidades pluralísticas que elas servem” (GLASS, 2012, p.904).

Ao estudarem as histórias da população negra, o Brasil que é composto, segundo o IBGE[12], de 56% de sua população preta e parda, poderia sensibilizar os docentes e discentes no que tange às práticas de antirracismo dentro dos ambientes escolares. Isto poderia estar presente nas propostas oficiais curriculares que fossem aplicadas aos sistemas de ensino público e particular visando o combate ao racismo estrutural.

Diante desta análise, Glass (2012) aponta que as disparidades socioeconômicas entre a população branca e a população negra no Brasil, relacionando-a diretamente a anos de escolaridade e frequência escolar como um dos fatores do abismo existente entre as raças. O autor aponta algumas consequências que ocorre mediante este novo formato curricular.

> Esse tipo de educação proporciona aos alunos maior liberdade para formar identidades, não racializadas e definidas por relações de dominação, mas sim moldadas por seus interesses, talentos e habilidades; ela também proporciona aos alunos as capacidades e competências necessárias para reconstruir a sociedade e participar totalmente da democracia, estendendo no futuro aquelas ainda pequenas vozes e bravas ações de incontáveis cidadãos morais que os precederam (GLASS, 2012, p.904)

Ao praticarmos novos formatos de engajamento dos alunos (as) na ruptura da ideia de subalternidade da raça negra pelo senso comum, bem como incluir nos debates novas ideias relacionadas à equidade racial, poderíamos obter engajamentos diferentes referentes às diversas questões que estão relacionadas ao racismo no Brasil. Podemos refletir que através do extenso e complexo debate, acerca das relações étnico-raciais e educação, temos algumas consequências desse processo. Uma das principais consequências esta expressa de forma latente, na sociedade, quando analisamos as condições de acesso ao nível superior pela população preta e parda no país.

Vimos anteriormente que as questões enfrentadas pela população preta e parda e, principalmente aqueles que vivem em comunidades faveladas do país são

[12] Disponível em: https://jornal.usp.br/radio-usp/dados-do-ibge-mostram-que-54-da-populacao-Brasileira-e-negra/, acessado em 12\04\2021.

complexas. Podemos incluir que além do cenário socialmente caótico em que vivem, temos também o racismo institucional que irá circundar o acesso dessa população ao ensino superior. O sistema de reserva de vagas incluído nos concursos públicos, neste caso o vestibular, pelo governo estadual do Rio de Janeiro em 2003 e pelo governo federal em 2012 não conseguem abarcar toda a população preta e parda que deseja ingressar na universidade.

Houve um crescimento, pela população preta e parda, ao nível superior no Brasil na última década, porém, mesmo com esse aumento significativo que deve ser comemorado, ainda temos números alarmantes quando comparamos a população preta e parda em detrimento da população branca em níveis de escolaridade e renda no país. Atualmente ainda há uma grande diferença social e econômica em relação ao conjunto de pessoas que conseguiram o acesso ao ensino superior e o seu término. Quando compararmos ao conjunto de populações que não conseguiram ter acesso a esse tipo de ensino e como consequência, em muitos casos, estão submetidas a subsalários, subempregos e submoradias.

De acordo com a pesquisa do IBGE divulgada em 2018 que foi realizada pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio Contínua (PNAD), há uma diferença significativa de renda entre as pessoas que acessaram e terminaram o curso superior de graduação e as pessoas que terminaram o ensino médio. Os dados apontam que o rendimento médio mensal dos profissionais com graduação aproxima-se de R$ 5.110,00 em 2017 enquanto a população que completou apenas o ensino médio estava em R$ 1.727,00 em relação a seus rendimentos mensais.[13] Há uma diferença ainda maior quando vamos analisar as classes mais baixas da população, no caso as pessoas que recebem em média R$1.409,00 concluíram apenas o ensino fundamental e a população que não tem qualquer nível de instrução obtém rendimentos médios de R$ 842,00 como rendimento médio mensal.

Diante da pesquisa do IBGE, percebemos que há um grande distanciamento em relação aos graduados e não graduados no país, apontando diretamente para a Universidade como uma passagem crucial para que as populações, principalmente menos favorecidas, possam obter a ascensão social e econômica. Esta amostra da

---

[13] IBGE, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio Contínua, https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/17270-pnad-continua.html?edicao=20635&t=resultados. Acessado em 10/03/2020

vida real no Brasil, nos fortalece a ideia de que educação pode transformar, apresentar uma ascensão social.

Nesse caso, não estamos colocando todo o peso de uma vida digna na educação formalizada, mas estatisticamente, como já foi apontado no texto, a população com ensino superior tem maiores rendimentos em comparação com a população sem ensino superior no Brasil. Sendo assim, o Pré-vestibular “Estudando Para Vencer” tem enquanto ideias norteadoras da criação do projeto a possibilidade concreta de que a população das comunidades da Penha e adjacências, possam se preparar para as provas de acesso à universidade no Brasil[14].

Diante dessas ideias norteadoras, o pré-vestibular tem como um de seus principais objetivos o acesso à universidade pela população, que estatisticamente é preta e parda, aos cursos universitários, o que poderia gerar uma ascensão social daquele específico grupo que é constantemente marginalizado pela sociedade. Outro objetivo do projeto, que será abordado no segundo capítulo, é a intenção da elaboração, organização e promoção um currículo antirracista, incluindo práticas através de rodas de conversas, debates públicos e outras ações que visam a desconstrução da relação entre população preta e violência.

O debate racial e econômico abordado anteriormente ao longo do texto, traz consigo as perspectivas socioeconômicas apresentadas pelos dados do IBGE. Os trechos acima, apontam que a população preta, parda e em vulnerabilidade sociai no Brasil, não obtém as condições necessárias para se preparar para os concursos de vestibulares, provas estas que tem dentro da sua origem uma ótica de mercantilização da educação, visto que, o “comércio” de cursos de pré-vestibular tem seu papel fundamental nas aplicações dessas avaliações de acesso à universidade.

Além disso, está presente, quase que diariamente, nas comunidades do Rio de Janeiro, a violência praticada pelo Estado, diretamente destinada à população que vive nesses respectivos lugares e seus arredores. Com isso, o curso atua na defesa dos direitos humanos na comunidade da Vila Cruzeiro e em todo bairro da Penha, tendo como mote principal a defesa de seu povo contra as constantes violências praticadas pelo Estado.

---

[14] O preparatório social tem seu endereço fixo na Praça São Lucas, n°1, Vila Cruzeiro, bairro da Penha, que está localizada dentro da região 3ª de planejamento da prefeitura do município como bairro da Penha.

Durante as operações policiais ordenadas pelo estado do Rio de Janeiro, através das forças de segurança, há um abalo nas estruturas econômicas, sociais, educacionais, o direito de ir e vir, a coleta seletiva de lixo, entre outras consequências que as operações policiais trazem as comunidades nas quais são diretamente envolvidas nestes atos. Essas operações, dentre outras práticas de dominação territorial realizadas pelo estado do Rio de Janeiro, podem ser consideradas como práticas racistas, nas quais irão imprimir uma violência desproporcional nas comunidades, com diversos homicídios, confrontos bélicos e assassinato de populações pretas e pardas dentro dessas operações[15].

Achille Mbembe (2018) debate sobre como o Estado tem o direito de promover políticas que sejam destinadas a organização social através da escolha de quais populações poderão viver e morrer dentro dos determinados lugares destinados a esses específicos grupos. Durante a formulação de seus estudos, o autor se depara com a formulação de um conceito que será denominado de Necropolítica, que traz luz ao projeto de organização do Estado que permite escolher quem deve viver ou morrer. Este projeto de Estado está diretamente relacionado com o racismo e seus mecanismos de reprodução nas diversas sociedades mundiais. O autor utiliza alguns exemplos para analisar algumas práticas que são relacionadas a este determinado conceito, bem como a situação da população palestina.

O autor irá discutir sobre como há uma ressurgência através das práticas de colonizações europeias como um dos primeiros atos políticos estruturados e baseados, na ideia de política da morte, da organização estrutural que visava a dizimação e docilização dos corpos colonizados, em diversas partes do mundo.

> A “ocupação colonial” em si era uma questão de apreensão, demarcação e afirmação do controle físico e geográfico – inscrever sobre o terreno um novo conjunto de relações sociais e espaciais. Essa inscrição (territorialização) foi, enfim, equivalente à produção de fronteiras e hierarquias, zonas e enclaves; a subversão dos regimes de propriedade existentes; a classificação das pessoas de acordo com diferentes categorias; extração de recursos; e, finalmente, a produção de uma ampla reserva de imaginários culturais. (MBEMBE, 2018, p.135-136)

Há uma relação entre este tipo de soberania e a educação, que poderá ser

[15] https://oab-rj.jusBrasil.com.br/noticias/3134972/autos-de-resistencia-no-rj-so-3-7-dos-casos-viraram-processo. Acessado em 12\04\2021.

um ato libertador:

> (...) a expressão máxima da soberania reside, em grande medida, no poder e na capacidade de ditar quem pode viver e quem deve morrer. Por isso, matar ou deixar viver constituem os limites da soberania, seus atributos fundamentais. Exercitar a soberania é exercer controle sobre a mortalidade e definir a vida como a implantação e manifestação de poder. (MBEMBE, 2018, p. 123)

Diante da Necropolitica enquanto lógica dominante das ações do Estado brasileiro, quando abordamos as questões relacionadas as políticas de segurança, educação e saúde, o IPEA, juntamente com o Fórum Nacional de Segurança Pública, publicou em 2020, o atlas da Violência no Brasil. O documento analisa diversos dados sobre a violência no país.

Os números apresentam que 75% dos homicídios que ocorreram, as vítimas eram pessoas pretas ou pardas. Quando analisamos o perfil das vítimas de homicídios, há 64% maior de risco, de ser assassinado sendo uma pessoa preta quando comparamos com uma pessoa branca. Um outro dado que, acredito que seja um dos mais alarmantes do documento, apresenta que enquanto o número de homicídios entre a população branca diminuiu 12,9% no mesmo período analisado, o número de homicídios da população preta aumentou 11,5%, diante de um total de 57.956 homicídios no ano base da coleta de dados que foi em 2018.

Os dados abordados acima são da totalidade da realidade brasileira, a partir desses dados, reduzindo a escalada análise para estado do Rio de Janeiro temos uma configuração da seguinte forma. Em 2017, ocorreram 5.956 homicídios de homens no estado do Rio de Janeiro, sendo que, desse número 4.378 eram de homens negros, isso representa uma porcentagem de aproximadamente 74% dos homicídios ocorridos no estado.

Quando abordamos a situação das mulheres, a comparação é muito similar, no mesmo ano, 2017, ocorreram 401 homicídios de mulheres no estado e desse total, 260 eram de mulheres negras, o que corresponde a 64% do total de homicídios cometidos contra mulheres no estado. [16] Assim se expressa a Necropolitica, através da morte, do formato de política de segurança pública do

[16] Atlas da Violência. IPEA. 2020. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/arquivos/artigos/3519-atlasdaviolencia2020completo.pdf

estado e do país, que destrói, em maior quantidade as vidas da população preta, parda (negra), indígena, das comunidades ribeirinhas, comunidades caiçaras, dentre outras, quando comparamos com a população branca.

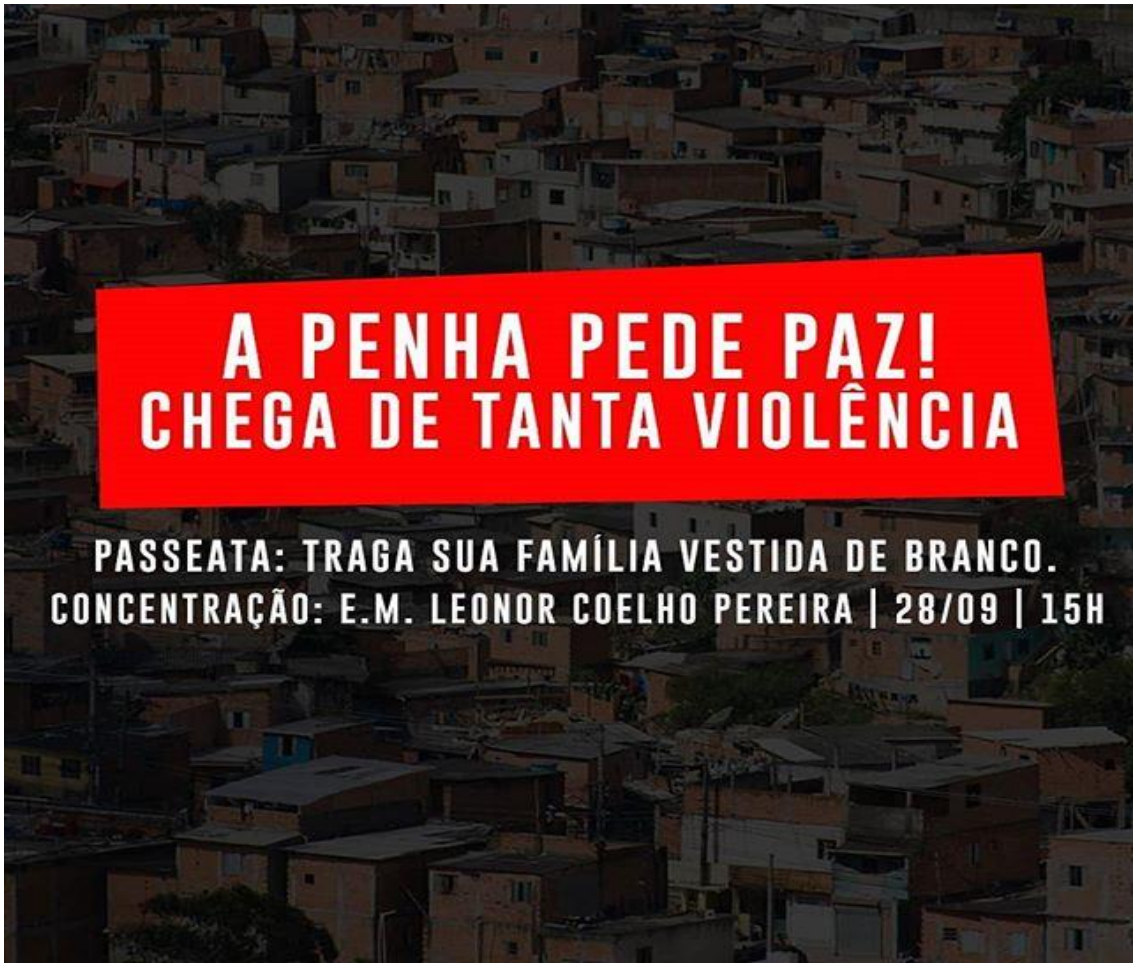
A organização do Pré-vestibular Estudando Para Vencer em face desses problemas e os constantes pedidos da comunidade Vila Cruzeiro,organizou em 28/09/2019, um ato/passeata pela defesa dos direitos humanos às comunidades da Penha, tentando representar as comunidades que são assoladas pela violência policial no município do Rio de Janeiro.

Figura 1: Participação do EPV na mobilização Contra o Genocídio do povo Negro

Fonte: Página do Instagram do Estudando para Vencer[17]

[17] As fotos das figuras 1, 2, 3, 5, 6 e 7 foram retiradas da página disponível em: <https://www.instagram.com/estudando_paravencer/>. Acesso em 2021.

Figura 2: A Penha pede PAZ! - Convocação públicaatravés das redes sociais



Fonte: EPV, 2021. Página do Instagram do Estudando para Vencer.

As imagens acima nos apresentam que o EPV conseguiu no ano de 2019 pôr em prática algumas das atividades antirracistas que foram planejadas pelo curso ao longo do ano e que serão abordadas em maior escala no segundo capítulo da dissertação. Atualmente, além de pesquisador do curso e de suas práticas, também ingressei no quadro de professores, trabalhando como professor de Geografia e compartilhando o sonho dos meus alunos de forma mais próxima, sonhos estes, que por muitas vezes, lhes são retirados pelas complexidades da vida juvenil e adulta no Brasil.

Quando abordamos as diversas formas de educação antirracista, estamos falando sobre uma mudança radical no formato de ensino, de escola, currículo, pensamentos, ideologias, contradições sociais e análises. A formulação de um conjunto de práticas que possam representar uma educação antirracista foi elaborada, através de diversos documentos, pelo governo federal no início do século

XX, porém, nós professores que estamos na linha de frente das aplicações dessas referidas práticas, percebemos que ainda há um universo muito grande para percorrermos em relação as mudanças que precisam ser apontadas para que, possamos ter um currículo antirracista. Percebemos que, necessitamos de muita análise, estudos e parâmetros, para que possamos compreender como poderemos alterar a lógica dominante, branca, rica e escolarizada.

Ainda estamos no meio deste processo, mas já compreendermos que precisaremos de mais do que somente a mudança do currículo para que possamos ter uma educação que possa agregar as todas as raças, etnias, culturas dentro de um país de dimensões continentais como é o caso do Brasil, é um passo importante para o debate sobre as dinâmicas das relações raciais no país.

Além disso, nos últimos meses, temos enfrentado uma pandemia sem precedentes na história mundial, a Pandemia por Covid-19. Como consequência de todo o debate que fizemos ao longo do capítulo, temos estatisticamente comprovadas que a população que morre, em maior quantidade, pelo vírus se encontra nas unidades públicas de saúde no Brasil. Correlacionando o que apontamos anteriormente, temos a população, em maior quantidade dependente do SUS (Sistema Único de Saúde) sendo mais pobre do país, como consequência essa população é preta e parda[18].

Sendo descrito por alguns estudos a seguinte premissa sobre a população preta e a relação de mortes por covid-19.

> Homens negros são os que mais morrem pela covid-19 no país: são 250 óbitos pela doença a cada 100 mil habitantes. Entre os brancos, são 157 mortes a cada 100 mil. Os dados são do levantamento da ONG Instituto Polis, que analisou casos da cidade de São Paulo entre 01 de março e 31 de julho. Entre as mulheres, as que têm a pele preta também morreram mais: foram a 140 mortes por 100 mil habitantes, contra 85 por 100 mil entre as brancas. Outro levantamento, desta vez pelo IBGE, mostrou que mulheres, negros e pobres são os mais afetados pela doença. A cada dez pessoas que relatam mais de um sintoma da covid-19, sete são pretas ou pardas. Esse padrão se explica por desigualdades sociais e pelo preconceito. (PECHIM, Lethicia. UFMG. P. 2)

Com isso, temos como exemplos latentes de como a Necropolítica está

[18] Negros Morrem Mais Pela Covid-19. Disponível em: https://www.medicina.ufmg.br/negros-morrem-mais-pela-covid-19/, acessado em 16/04/2021.

envolvida diretamente nas ações do Estado de combate a pandemia, haja vista que temos, em maior número, gente preta e parda falecendo.

Diante de todos os debates, argumentos e discussões apresentadas, entendemos que se faz necessária a postura institucional do Estado, seja em escala federal, estadual e municipal, a fim de uma educação antirracista, pública e de qualidade para todos os Brasileiros.

2 **O PRÉ-VESTIBULAR ESTUDANDO PARA VENCER**

A ideia de pesquisarmos esse específico projeto social na cidade do Rio de Janeiro,se apresenta através de alguns pontos que me levaram a analisar o EPV como um projeto que leva em consideração os discentes enquanto produtores do conhecimento. Os resultados expressivos, que o EPV obteve nos últimos anos, em termos que aprovação para os concursos, me levaram a escrever e pesquisar sobreeste movimento e suas consequências na comunidade da Vila Cruzeiro, RJ. Outro fator muito importante se dá pelo encontro, no afeto do diretor do projeto ter sido meu professor no ensino básico e com isso ter conseguido levar alguns de seus ex-alunos para a linha de frente de atuação no EPV. Tal movimento consolida uma confiança dos profissionais que trabalham em relação a um projeto organizado, estruturado e com um propósito bem claro que se dá através do auxílio aos jovens e adolescentes da comunidade em contrapartida a aliciação ao tráfico de drogas e a vida nas ruas da Vila Cruzeiro.

2.1 **Breve histórico sobre os Pré-vestibulares sociais no Rio de Janeiro**

A reprodução das desigualdades sociais ainda marca o sistema educacional brasileiro, sobretudo no acesso à educação superior, que é uma das passagens mais difíceis de todo sistema educacional. Segundo o Observatório do Plano Nacional de Educação (2019), apenas 18,1% da população entre 18 e 24 anos realizou matrícula na educação superior. Ao longo do documento, percebemos que o vestibular é utilizado, também, como triagem social e econômica no qual privilegia os jovens com melhores condições socioeconômicas(Santos, 2020, p.72).

> Nesse caso, a grande barreira é o exame de ingresso, o vestibular, que acaba funcionando como um mecanismo de seleção social, excluindo os setores sociais menos favorecidos do acesso às instituições superiores públicas de qualidade e, no interior delas, aos cursos de maior prestígio profissional e simbólico. (CATANI e HEY, 2007, p. 418)

Segundo Silva (2005), os pré-vestibulares populares são espaços alternativos (ou seja, não vinculados a instituições oficiais) de luta pela democratização do acesso e da permanência na universidade de pessoas de camadas populares. Esses espaços são forjados a partir do cotidiano e as configuram a partir da

“convivência com a diversidade e a hibridação de modelos e agendas” (SILVA, 2005, p. 1).

A partir das discussões sobre o que é um pré-vestibular social, podemos diferenciar dois dos principais formatos de projeto. O pré-vestibular focado na institucionalização e na abordagem dos conteúdos voltados aos concursos de vestibulares, o que Silva (2006) irá classificar como pré-vestibular alternativo. E uma outra proposta de ensino, relacionada a abordagem dos conteúdos e juntamente com eles um caráter mais crítico, politizado e militante, o que o mesmo autor irá classificar como pré-vestibular popular comunitário.

Quando abordamos a ideia de pré-vestibular popular para população preta, parda e carente, devemos analisar como essas inciativas se consolidamna região metropolitana do Rio de Janeiro. Temos em 1990, a criação da Associação Mangueira Vestibulares (AMV) para atender aos jovens e adultos do Morro da Mangueira – Rio de Janeiro - RJ. Essa iniciativa foi originalmente idealizada por Nivaldo dos Santos e se concretizou a partir da mobilização de professores do Colégio Estadual Professor Ernesto Faria. Em 1996, a AMV tem seu Estatuto Social registrado, descrevendo suas finalidades e objetivos, que estão relacionados ao desenvolvimento social pela educação popular, atividades culturais e o trabalho pedagógico do pré-vestibular, bem como o incentivo à formação e desenvolvimento de lideranças comunitárias. (Santos, 2020. pg.76).

Outro projeto que se enquadra na mesma lógica é o PVNC, Pré-Vestibular para Negros e Carentes quepromove o processo de auxílio no preparo dos alunos, em situação de vulnerabilidade social e econômica, para as provas de vestibulares. O PVNC foi originado na Baixada Fluminense, que fica situada na região metropolitana da cidade do Rio de Janeiro, em 1992. Após alguns anos de articulações com outros estados, principalmente o estado da Bahia, o PVNC toma uma proporção muito grande e se espalha pelo Rio de Janeiro, através de movimentos como o EDUCAFRO, atrelado ao Frei Davi [19](importante liderança do movimento negro na década de 1990, no rio de janeiro). Com isso, podemos concluir que as bases do Estudando Para Vencer vêm da dinâmica do PVNC, sendo

[19]Frei David Raimundo dos Santos foi um dos fundadores da rede de Pré-vestibulares para Negros e Carentes (PVNC) e depois coordenou a EDUCAFRO (Educação e Cidadania de Afrodescendentes e Carentes), rede de Pré-vestibulares Populares com sede em São Paulo

construída numa ótica similar, com a ideia de auxílio aos alunos pretos, pardos e ou carentes aos concursos universitários, como aborda o trecho abaixo,

> Como funciona o PVNC? Os Núcleos funcionam unicamente através de trabalho voluntário, contando com a colaboração dos próprios alunos, dos professores e de pessoas da comunidade para a manutenção de uma infraestrutura mínima. Caracteriza-se como um movimento social, por seus objetivos e estratégias de trabalho, valendo-se do voluntariado para o atingir suas metas. Propõe-se a lutar contra qualquer forma de racismo e exclusão social, inscrevendo-se assim no âmbito dos Movimentos Negros. (DE PAULA, 2004. Pg. 2).

Como temos abordado ao longo dos capítulos,há uma relação direta entre o racismo e o sistema educacional no Brasil, essa relação fica explicitada em um trecho específico do trabalho da De Paula (2004) na qual a autora aponta a seguinte situação,

> Os depoimentos gravados pelos alunos, professores e coordenadores mostram as realidades trazidas por eles, as quais desafiam a consecução real de eliminar a estreita relação entre cor e pobreza, a partir do ingresso na universidade, pois parece que tal fato não modifica, milagrosamente, a história de vida dessas pessoas e dos que estão à sua volta. Entretanto, os sujeitos/agentes do PVNC permanecem em seus Núcleos, buscando, através da aquisição das informações básicas, que os habilitem ao exame vestibular.(DE PAULA, 2004. Pg. 4).

A autora aborda, através de entrevistas realizadas dentro de sua pesquisa, que a relação entre racismo e educação está presente, em todos os âmbitos educacionais, porém com um foco maior nas Universidades, espaços nos quais, historicamente a população mais carente frequenta em menor proporção, nesse sentido, os alunos do EPV que conseguem ingressar nas universidades, em muitos casos são os primeiros da família a estarem participando deste processo de construção intelectual, acadêmica, social e científica.

Com isso, podemos relacionar os processos descritos acima com a estruturação e elaboração dos planos de educação para o país, a partir dos apontamentos realizados pelos autores Ribeiro e Koslinsk na relação entre favela, educação e escola na cidade do Rio de Janeiro. Ao longo do processo histórico de educação formalizada no Brasil, temos a relação entre favela, escola e educação, que se apresenta através de diversos paradoxos na cidade do Rio de Janeiro. O espaço da cidade (favela), que, em muitos casos são organizados por grupos criminosos, pelas forças militaras e pelas outras relações sociais desiguais. Dentro desse espaço existe a favela e sua relação com a educação formalizada que se

estabelece na nossa cidade.

A partir desse debate, os autores Ribeiro e Koslinsk irão discutir sobre essa relação de favela e educação na cidade do Rio de Janeiro trazendo importantes contribuições para a discussão sobre o tema que estamos abordando em,

> (...) A dicotomia favelacidade ainda pode ser pensada como traço distintivo da ordem urbana carioca, em especial nas áreas em que as fronteiras do território apresentam marcadores mais nítidos. Mesmo que a ecologia das áreas abastadas com forte presença de favelas aproxime fisicamente estes diferentes grupos sociais, como estudos anteriores já indicaram, ela não é traduzida em maiores interações sociais entres esses grupos (Ribeiro, 2008). Em outras palavras, a proximidade física não permitiria um impacto benéfico de uma socialização coletiva em contextos territoriais heterogêneos, previsto por grande parte da literatura do efeito-vizinhança. Assim, a relação entre a proximidade da favela e os resultados escolares nas áreas abastadas da cidade pode ser compreendida como no modelo centro-periferia, a partir dos mecanismos relacionados ao isolamento social. (RIBEIRO & KOSLINSKI: 2009, p. 374)

A partir das ideias dos autores, podemos analisar as questões explícitas em na relação: favela, ordenamento urbano, educação e cidadania. Contudo, alguns outros aspectos, que não serão abordados nesse trabalho, como a relação centro-periferia, mas que são debates importantes para compreendermos a questão urbana e o reordenamento territorial da cidade do Rio de Janeiro são de grande importância para nos atentarmos sobre a construção da cidade do Rio de Janeiro e seus processos de desigualdades evidentes.

A questão da escola dentro de uma comunidade, na cidade do Rio de Janeiro, faz com que nossa análise leve em consideração todo o contexto diante daquele específico espaço. Ao longo da pesquisa, utilizei o conceito de efeito-vizinhança na tentativa de analisar como/se há alguma interferência da vizinhança no processo educacional. Todavia, através da discussão realizada por Koslinsk e Ribeiro e partir do conceito de efeito-vizinhança,vamos pensar como e até que ponto esse efeito de uma vizinhança fora dos padrões urbanos de classe média carioca e/ou como os locais menos abastados financeiramente podem trazer impactos negativos na formação escolar, cidadã e cultural daqueles que ali vivem.

Os autores, através da análise de outros teóricos sobre o tema, irão chegar a seguinte premissa para analisar o conceito de efeito-vizinhança, que foi abordado anteriormente ao longo do trabalho, a partir de,

> Desta forma, a vasta bibliografia que discute os mecanismos relacionados ao efeito da vizinhança nos leva a crer que contextos sociais

> geograficamente definidos, de um lado, geram efeitos sobre a “demanda por escolaridade”, na medida em que conformam espaços intermediários de socialização entre a família e a escola. De outro lado, também exercem impacto sobre a “oferta de escolaridade”. A divisão social do território urbano produz importantes diferenciações no sistema público de ensino através de um complexo jogo de efeitos de distanciamentos físico e social que incidem sobre os atores e as instituições escolares, produzindo uma geografia social das oportunidades educacionais.(RIBEIRO & KOSLINSKI: 2009, p. 364)

A ideia principal de trazermos esse debate se promove a partir do que vamos analisar a seguir, pois, através de algumas instituições, diversas ações são realizadas o intuito de trabalharmos o viés educativo através, somente, da ideia de educação para formação de mão de obra, visando o mercado de trabalho formalizado. Alguns órgãos como a -Fecomércio-RJ- irão descrever neste sentido a prática educativa dentro do estado do Rio de Janeiro, como podemos observar a seguir.

A ideia de educação, que é promovida por algumas instituições brasileiras está referendada no ideal de que as pessoas escolarizadas estão preparadas para o mercado de trabalho, servindo como mão de obra barata para as grandes empresas. Neste sentido, a tabela abaixo juntamente com os apontamentos que foram realizados podem nos apresentar um panorama da Fecomércio[20], a partir do que a instituição analisa sobre a educação formalizada.

[20]A Fecomércio RJ, Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo do Estado do Rio de Janeiro, é parte integrante do Sistema Fecomércio RJ, composto também por Sesc RJ, Senac RJ e IFec RJ. Disponível em: http://www.fecomercio-rj.org.br/sobre-federacao, acessado em 09/05/2021.

Tabela 1: Distribuição das pessoas com 15 anos ou mais segundo nível educacional

DISTRIBUIÇÃO DAS PESSOAS COM 15 ANOS OU MAIS, SEGUNDO NÍVEL EDUCACIONAL: ESTADO DO RIO DE JANEIRO E BRASIL, 2017

NÍVEL EDUCACIONAL	Brasil	Estado do Rio de Janeiro	Rio de Janeiro (capital)	RMRJ	Interior do RJ
Sem instrução	7,9	4,6	3,9	4,5	5,6
Ensino Fundamental Incompleto	28,2	23,3	16,4	25,5	31,1
Ensino Fundamental Completo	9,7	10,9	10,7	12,0	9,7
Ensino Médio Incompleto	8,1	7,6	7,2	7,7	8,0
Ensino Médio Completo	27,7	31,8	31,8	33,6	29,5
Ensino Superior Incompleto	5,0	5,7	7,3	4,7	4,7
Ensino Superior Completo	13,3	16,0	22,6	12,0	11,4

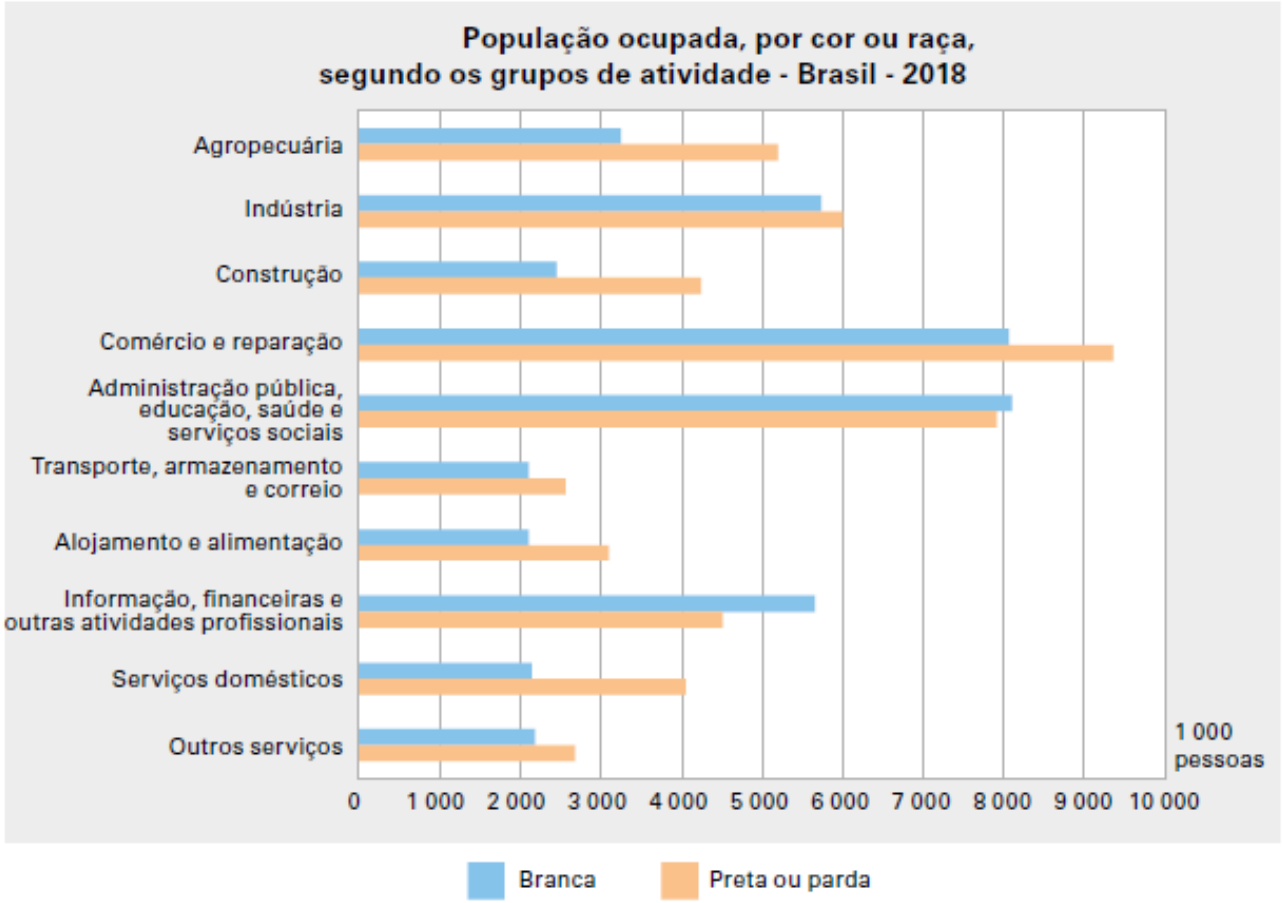
Fonte: IETS. Estimativas produzidas com base nos microdados da Pesquisa Nacional de Amostra de Domicílios Contínua (Pnad-C).

Através da tabela acima, podemos compreender que diante dos números apresentados pela PNAD Contínua de 2016 e 2017[21], temos o resultado de uma grande diferença entre o município do Rio de Janeiro, Estado e a Região Metropolitana. Neste caso, o nível educacional do Município do Rio de Janeiro é maior do que os outros espaços que foram analisados. Através dos dados, podemos afirmar que com maior qualificação profissional, os moradores da cidade do rio de Janeiro necessitam de cursarem o nível superior, visando uma melhor qualidade de vida. Com isso, os pré-vestibulares e suas ações são de fundamental importância neste debate acerca da criação dos projetos de preparação para o vestibular em comunidades carentes e mais pobres da cidade do Rio de Janeiro.

Na tabela abaixo, elaborada pelo IBGE em 2019, através da PNAD-C, que já foi abordado ao longo da pesquisa, podemos compreender que a educação se relaciona diretamente com o rendimento médio mensal do brasileiro, e estruturalmente relacionada ao racismo que organiza a sociedade brasileira em segmentos estratificados.

[21] Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua Trimestral. PNAD. Disponível em: https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/pnadct/tabelas#:~:text=A%20PNAD%20Cont%C3%ADnua%20%C3%A9%20realizada,trimestre%2C%20durante%205%20trimestres%20consecutivos., Acesso em 08 maio 2021.

Tabela 2: População ocupada por cor ou raça segundo grupos de atividade



Fonte: IBGE, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2018.
Nota: Dados consolidados de primeiras entrevistas.

Através da análise do IBGE sobre os dados abordados acima, temos osseguintes apontamentos gerados pelos pesquisadores,

> A análise por cor ou raça mostra que, dentre os ocupados, a proporção de brancos era de 45,2% e a de pretos e pardos de 53,7%. Todavia, quando comparado por atividades econômicas, o recorte por cor ou raça revela uma característica importante na segmentação das ocupações e a persistência, ainda hoje, da segregação racial no mercado de trabalho. A presença dos pretos ou pardos é mais acentuada nas atividades Agropecuárias (60,8%), na Construção (62,6%) e nos Serviços domésticos (65,1%), atividades que possuíam rendimentos inferiores à média em 2018(...) Já Informação, financeiras e outras atividadesprofissionais e Administração pública, educação, saúde e serviços sociais, cujos rendimentos médios foram superiores à média em 2018, são os agrupamentos de atividades que contavam com a maior participação de pessoas ocupadas de cor ou raça branca. (IBGE, PNAD 2019, p. 26)

Diante dos dados apresentados acima, podemos concluir que há uma relação

desigual e complexa quando abordamos a educação das camadas mais pobres da população brasileira, em detrimento dos rendimentos dessa população. O IBGE, através da PNAD, aponta que há uma racialização do trabalho braçal no Brasil, apontando para as atividades de agropecuária, construção civil e domésticas como principais atividades empregando a população negra no país. Em contrapartida temos rendimentos e diferentes segmentos trabalhistas quando analisamos a população branca, na qual apresenta rendimento médio maior e como consequência maior qualificação profissional.

Quando analisamos o caso específico do Rio de Janeiro e suas complexidades, nos debruçamos sobre o documento elaborado pela Fecomércio, no qual foi denominado Rio em Números, o documento analisa os dados socioeconômicos do Estado do Rio de Janeiro, Região Metropolitana, Interior do estado e a Cidade do Rio de Janeiro demonstra uma outra ótica sobre a educação, trazendo a ideia de que a educação deve ser incluída como formato único de produção de mão de obra para o mercado de trabalho. Diante do que foi exposto acima, o órgão apresenta a seguinte ideia,

> A Educação é peça-chave para o desenvolvimento social e sustentável e componente essencial para minimizar a desigualdade de oportunidades, mas não tem sido suficiente para reverter as disparidades salariais entre homens e mulheres. Ademais, é reconhecida a baixa qualidade da educação do Brasil e do estado do Rio, que não prepara jovens para o novo mundo do trabalho, que requer, cada vez mais, trabalhadores inovadores, criativos, adaptáveis a novas realidades e que sejam capazes de solucionar problemas. O futuro do trabalho requererá trabalhadores que aprenderam a aprender. As escolas fluminenses, de forma geral, não provêm essas habilidades.(Fecomércio. Pg. 33. 2017)

Outro apontamento feito pelo consórcio está descrito na página 49 do documento organizado pela empresa, que descreve a educação sendo “Embora a escolaridade tenha avançado no estado do Rio de Janeiro, seguindo o ritmo do Brasil, é importante atentar para o contingente de jovens de 15 a 29 anos que não frequentam nenhum tipo de sistema de ensino, não estão ocupados, nem procuram emprego. (..) Adicionalmente, o novo currículo do Ensino Médio impõe novas exigências a docentes e gestores de Educação.

O governo do estado tem o papel de apoiar e estruturar ações de educação dos municípios, em especial dos menos estruturados”. Deste modo, um dos maiores órgãos fomentadores de empregos no Estado do Rio de Janeiro, que se consolida

como uma cidade na qual o setor de serviços e comércio é o mais importante em termos de postos de trabalho, idealiza a ideia de educação, como uma forma de produção padronizadade mão de obra para o mercado de trabalho.

A partir das discussões realizadas nos parágrafos acima, podemos observar que há uma consolidação, do ideal de educação como fábrica de mão de obra barata. Neste caso a escola pública terá essa função, de promover os conhecimentos básicos para o trabalhador seguir seu rumo enquanto proletário, com baixos salários e muitas vezes com uma sobrecarga de trabalho muito maior do que seus vencimentos. [22] Nos deparamos com algumas discussões dentre do subcapítulo que iremos abordá-las em outros momentos da pesquisa. O principal objetivo deste subcapítulo é apresentar o porquê de um projeto social dentro de uma comunidade (favela) na cidade do Rio de Janeiro ser tão importante para a configuração identitária, social, intelectual e até mesmo, econômica desses jovens que ali vivem.

2.2 **O projeto Estudando Para Vencer**

Estudando Para Vencer foi o nome que os idealizadores do projeto educacional na Vila Cruzeiro, comunidade que fica dentro do complexo da Penha no município do Rio de Janeiro, encontraram para que pudesse traduzir o que eles sentiam sobre a proposta que estavam criando naquele espaço.

O nome do projeto tem origem nas falas de dona Enir Santos Martins, que é mãe, mulher de luta e fibra, do diretor pedagógico do projeto Marcelo Martins. A história é traçada através de uma específica frase que ela entoava sempre a seus filhos quando eram crianças, que trazia o seguinte apontamento: "Estudem para vocês vencerem na vida e nunca precisarem passar pelo que passei com vocês. minha irmã sempre dizia que eu não ligava para nada, mas na verdade eu só pensava em ter o que comer para vocês."[23]

---

[22] Ver mais em: Síntese dos Indicadores Sociais Brasileiros. IBGE. 2019. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101678.pdfAcesso em abril de 2021.

[23] A frase foi enviada, através de aplicativos de mensagens, para a conclusão da introdução do histórico do EPV.

Essa específica frase traz à tona a vida na comunidade, de uma família negra, pobre e periférica. Essa frase poderia ser de tantas outras famílias brasileiras, tantas pessoas poderiam estar inseridas dentro desse contexto de luta diária pela sobrevivência. Dona Enir conseguiu através de muito suor, educar seus três filhos, torná-los seres humanos críticos sendo que dois deles, se tornaram educadores, na busca pela tentativa de devolver a comunidade da Vila Cruzeiro aquilo que eles conseguiram através da educação. Dona Enir representa milhões de mulheres brasileiras, que são mães e que por algum motivo, se veem sozinhas, tendo o duplo papel de educarem, vestirem, alimentarem, cuidarem, estudarem e viverem com seus filhos.

Figura 3 sala de aula do Pré-vestibular

Fonte: EPV, 2021. Página do Instagram do Estudando Para Vencer

O pré-vestibular foi criado no final do ano de 2016 com a intenção de mover adolescentes e jovens para o caminho da educação e suas múltiplas possibilidades, com o intuito de fornecer a esse público a perspectiva de escolha sobre uma possibilidade de prestarconcursos de vestibulares, de estudarem, realizarem alguns sonhos através da educação, ascensão social, profissional, acadêmica entre outras aspirações.

Não atrelo toda a responsabilidade do que foi dito no parágrafo acima ao projeto, contudo, abordo a hipótese na qual os dados que iremos apresentar ao longo do capítulo irão apresentar que, quanto maior foi o tempo de escolaridade, melhores rendimentos salariais e como consequência uma vida mais confortável.

O preparatório social tem seu endereço fixo na Praça São Lucas, n°1, Vila Cruzeiro, bairro da Penha, que está localizada dentro da região 3ª de planejamento da prefeitura do município como bairro da Penha, mais precisamente a região 3.5, como apresentado no mapa abaixo (figura 4). O bairro da penha, que historicamente é conhecido na cidade do Rio de Janeiro por suas celebrações culturais que eram as festas da Penha, sendo consideradas a segunda maior festividade da cidade, atrás do carnaval, e sua igreja, que dá nome ao bairro, pela devoção de Capitão Baltazar que construiu uma pequena capela no alto do morro e que ao longo do tempo foi se traduzindo em um espaço de encontro, festividade e agradecimento.

Abreu em 1999, destaca as tradições do bairro, em seu artigo sobre as festividades na cidade do Rio de Janeiro no século XIX com os seguintes apontamentos,

> A Festa da Penha foi, por décadas, a segunda em popularidade no Rio de Janeiro, depois apenas do Carnaval. A Igreja de Nossa Senhora da Penha ergue-se no topo de um penhasco de 111 metros, não longe da atual praia de Ramos, nas proximidades do antigo porto de Maria Angu. O culto local à Santa tem origem em milagre cuja lenda Alexandre José de Mello Moraes Filho recolheu de um octogenário, habitante do local, provavelmente na década de 1850 (ABREU, 1999. Pg. 145).

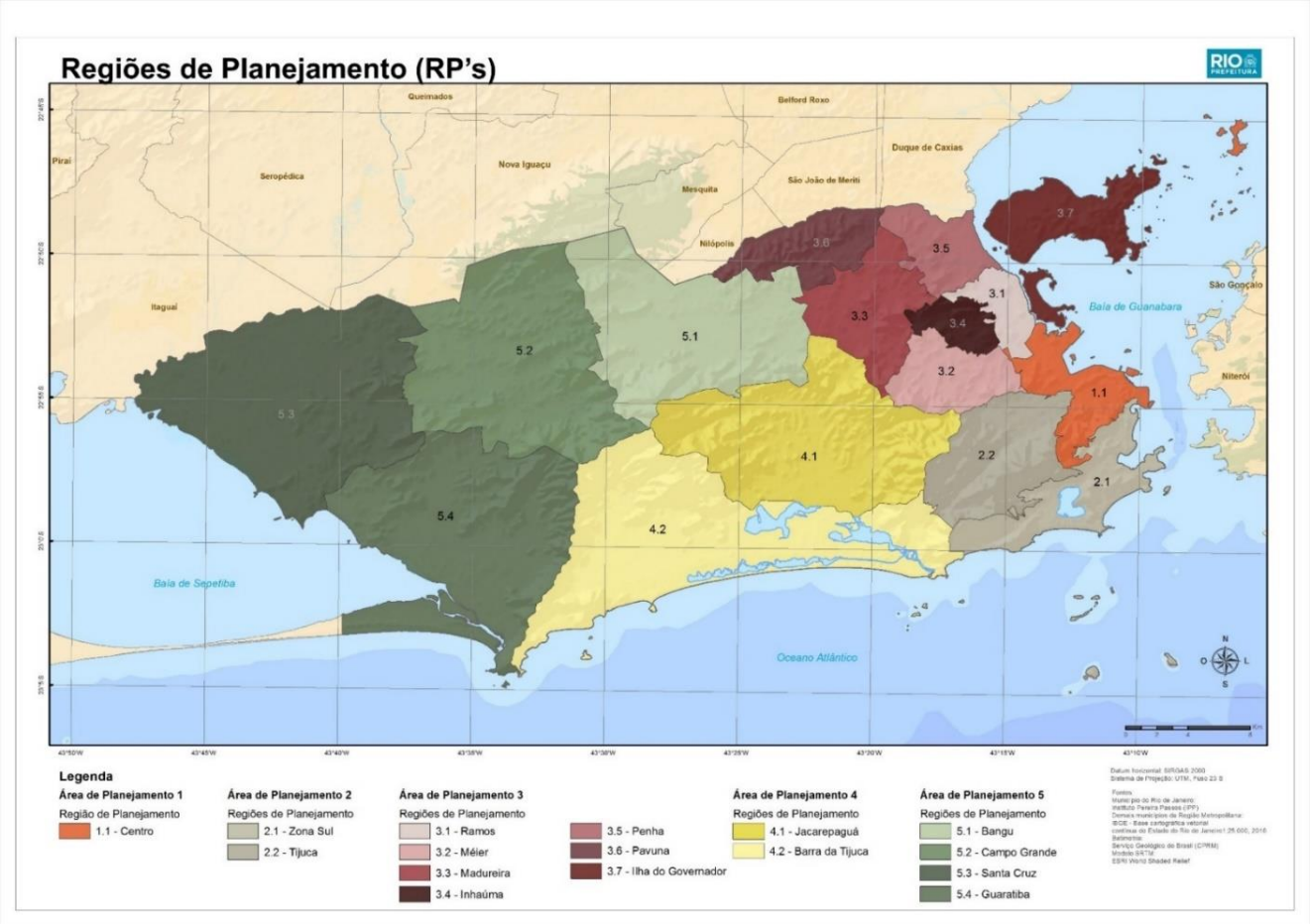
A Penha como é tradicionalmente conhecida, se encontra na zona norte da cidade do Rio de Janeiro, tendo sua denominação; delimitação e codificação do Bairro foi estabelecida pelo Decreto Nº 3158, de 23 de julho de 1981 com alterações do Decreto Nº 5280, de 23 de agosto de 1985.

Atualmente o bairro conta com uma população de aproximadamente 79 mil pessoas, segundo os dados do Data Rio[24] com base nas pesquisas realizadas pelo censo de 2010, e que irá abranger uma área de 582 hectares de terras dentro da

[24] Instituto Pereira Passos. Disponível em: https://www.data.rio/app/bairros-cariocas , acessado em 10/05/2021.

cidade do Rio de Janeiro. O bairro apresenta índices moderados em relação a taxas de analfabetismo da população residente, domicílios, entre outros dados que são analisados pelo IPP em sua base de referência que se denomina bairros cariocas. O que nos chama atenção são os números quase nulos, sendo apenas um, de aparelhos culturais e um de esporte e lazer no bairro, o que apontam para um dos graves problemas enfrentados pelas comunidades cariocas, a ausência de cultura, esporte e lazer dentro dos bairros periféricos da cidade.

Figura 4: Regiões de Planejamentos do Município do Rio de Janeiro



Fonte: Portal Geo Rio[25]

Incialmente com poucos alunos, em 2017, o número de matrículas vai sendo alterado conforme os anos foram passando e a confiança da população no projeto se consolidou na comunidade. Ao longo dos quatro anos de existência, o EPV

[25] Disponível em: <http://portalgeo.rio.rj.gov.br/RioAtlas/Image/07_Regioes_de_Planejamento.jpgV Acesso em abril de 2021.

obteve alguns resultados expressivos, tendo até 2020, 21 alunos que ingressaram nas universidades públicas no Estado do Rio de Janeiro e uma aluna que ingressou através do Prouni[26] (programa do governo federal que auxilia os alunos oriundos das escolas públicas a ingressarem na universidade através da nota do ENEM).

O projeto foi crescendo ao longo dos anos, chegando em 2020, com 50 alunos(as), maior número até então, queestavamse preparando para os concursos de vestibulares e cursos técnicos. Porém com a pandemia por Covid-19, o número de alunos matriculados diminuiu gradativamente conforme os meses e os problemas sociais foram maiores para esses alunos e alunas que frequentavam tanto o pré-vestibular quanto o preparatório técnico.

A relação entre a pandemia e o EPV, será abordada no capítulo 3, levando em consideração os efeitos negativos que a pandemia trouxe para as estruturas do projeto e suas consequências diante de um cenário atípico, doloroso, triste e complexo no qual ainda estamos vivendo. Como resultado desses quatro anos de funcionamento, o Estudando para Vencer conseguiu com que vinte e um alunos ingressassem nas universidades públicas e uma aluna em uma universidade privada, o que mostra a força e importância que esses projetos têm nas comunidades carentes do Rio de Janeiro. Reforço que os resultados obtidos foram sem financiamento do Estado ou de empresas privadas de grande porte, alguns pequenos comerciantes faziam doações a organização do projeto, principalmente de alimentos que eram distribuídos para as famílias da comunidade e aos alunos com maiores dificuldades financeiras.

A figura 5 nos apresenta sobre como o EPV se consolidou como uma ferramenta de auxílio a população da comunidade, fato este que ficou mais evidente durante a pandemia por covid-19, na qual muitas famílias brasileiras entraram na linha da pobreza e como uma das consequências, não conseguiam comprar a cesta básica e viviam de doações[27]. Com isso a diretoria e coordenações do projeto decidiram auxiliar as famílias da comunidade com a organização de doações de alimentos e materiais básicos de higiene e limpeza para a comunidade.

---

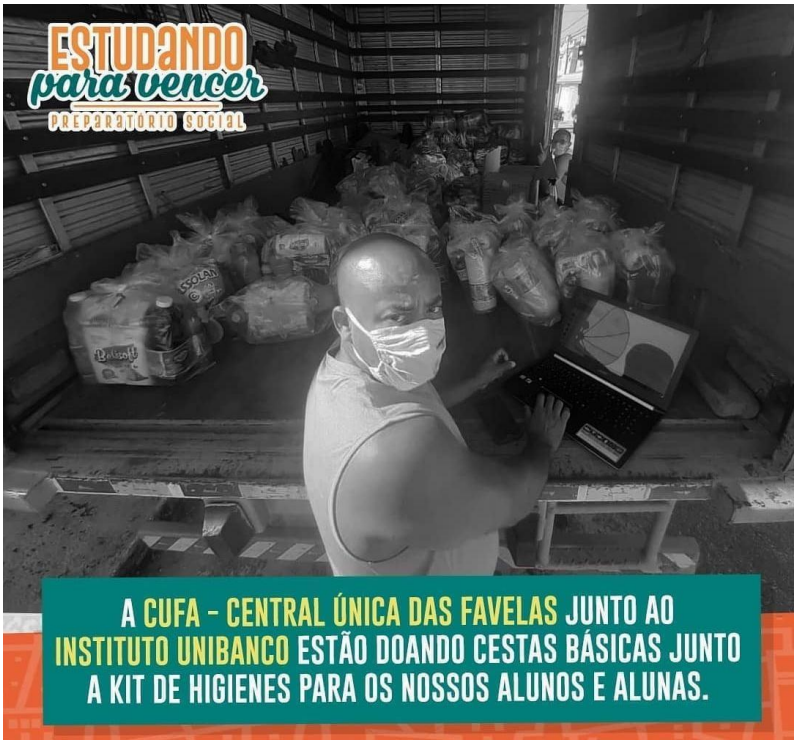
[26] Para saber mais sobre o PROUNI, disponível em: http://prouniportal.mec.gov.br/, acessado em 09/05/2021.

[27] Relação entre Covid-19 e pobreza na América Latina. Disponível em: https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/2021/03/05/pandemia-de-covid-19-causa-pobreza-sem-precedentes-na-america-latina, acessado em 09/05/2021.

Este trabalho de doações perdurou durante todo o ano de 2020, alongando-se para o ano de 2021 e sem previsão de terminar, pois a vulnerabilidade social na qual se encontram as famílias mais pobres no brasil é muito grande, gerando mais problemas sociais no país e como consequência na cidade do Rio de Janeiro.

Ao longo da pandemia foram comuns diversos relatos de alunos, que estavam assistindo aulas no sistema online, nos quais apresentavam dificuldades financeiras, para se alimentarem e principalmente arcarem com as contas das casas nas quais habitavam, apresentando uma situação mais vulnerável do que estavam durante a crise econômica que o país vivia em 2019[28].

Figura 5: Entrega de doações as famílias



Fonte: EPV, 2021

https://instagram.com/estudando_paravencer?igshid=YmMyMTA2M2Y=

.

De acordo com o diretor do preparatório, o projeto —tem como propósitos o resgate da autoestima da população negra, o sentimento de pertencimento aos

[28] Crise econômica vivida pelo Brasil no ano de 2019. Disponível em: https://g1.globo.com/retrospectiva/2019/noticia/2019/12/17/retrospectiva-2019-a-economia-brasileira-em-sete-graficos.ghtml , acessado em 09/05/2021.

espaços universitários e a consequente aprovação no vestibular, como forma de resistência ao racismo estrutural no Brasil. [29]

O projeto Estudando Para Vencer conta com uma estrutura baseada no voluntariado, na qual há um corpo diretivo que toma as ações relacionadas a organização administrativa do projeto que é capitaneado pelo diretor e professor de Matemática, Marcelo Martins. Logo após o corpo diretivo, temos as coordenações de cursos oferecidos, pois o EPV oferece o preparo para os adolescentes (para os concursos de colégios técnicos) e para os jovens do pré-vestibular.

No Pré-Técnico temos a coordenação pedagógica sendo chefiada pela prof.ª de Matemática Rayza Santos, que foi aluna do projeto e conseguiu, através do EPV e seus esforços, a tão almejada vaga na universidade pública. No Pré-vestibular temos a coordenação pedagógica chefiada pelo prof. De Química Bruno Matassoli que é ex-aluno do diretor do projeto em uma escola particular da cidade do Rio de Janeiro.

O corpo de professores do projeto, também, é baseado no voluntariado, tendo como principal ponto em comum o desejo de auxiliarmos os adolescentes e jovens em suas caminhadas para os concursos e como consequência que os discentes possam seguir seus caminhos dentro das escolas ou das universidades. Ao longo dos anos o projeto foi alterando sua carga horária, por fim, conseguiu organizar um formato de aulas que era muito benéfico ao ensino-aprendizado e se fazia muito organizado na cooperação dos profissionais envolvidos.

A carga horária do pré-vestibular era de aproximadamente 22 horas semanais, sendo alocadas nos dias de semana a noite das 19:00 às 21:30 e no sábado das 08:00 às 15:00 e conjugava todas as disciplinas e áreas do conhecimento que estão presentes no edital do Enem e UERJ.

Com essa organização, o projeto contava com uma estrutura de duas salas que estavam alocadas dentro da associação de moradores da Vila Cruzeiro. Contudo, dentro da lógica dominante do racismo, há o mecanismo de oferecimento de uma educação formalizada de má qualidade, como forma de manter as populações mais pobres em situação de subalternidade. Dentro dessas condições

[29] MARTINS, Marcelo. Diretor do Projeto. 07/12/2018, acesso em 02/04/2020, disponível em https://www.instagram.com/p/BrGt4jRF9XZ/?igshid=so890f6c4f32..

inferiores de sobrevivência podemos exemplificar através da renda, educação, saúde, segurança, trabalho, lazer e outras situações sociais que são direitos dos cidadãos brasileiros.

Diante desse mecanismo, o pré-vestibular vem contrapondo as estatísticas no que concerne ao aumento de aprovações de jovens oriundos das favelas do rio de janeiro e em sua maioria negros (as) que adentrarão aos espaços coletivos da academia enquanto estudantes de graduação nas universidades do Estado do Rio de Janeiro. A partir da discussão abordada anteriormente, podemos apontar para um caminho no qual nos deparamos diretamente com a análise, educação, favela e escola, construindo um formato de educação diferente daquilo é praticado fora da comunidade.

O doutor em Educação Humberto Silva através da sua tese de doutorado trouxe a discussão sobre escola, favela e educação, apontando caminhos que podem ser analisados como formas de projetos de dominação e oferta de um serviço educacional de baixa qualidade através da exclusão, curricular, do protagonismo das populações negras e indígenas no processo de construção do Brasil. Silva aponta essa análise na seguinte reflexão,

> A escola de uma maneira geral no Brasil foi pensada historicamentepara socializar um projeto de nação desde os tempos do império no século XIX até todo o período republicano. Entretanto, tal projeto sempre se mostrou excludente, pois se revestiu de um caráter totalmente colonial, apagando da história o protagonismo das populações africanas escravizadas e das inúmeras etnias indígenas. Esse projeto, ao contrário, privilegiou a ação dos colonizadores europeus, reverenciando seus feitos e exaltando suasbiografias e construindo justamente, através da escola, uma série de fundamentos curriculares pedagógicos que deveria ser transmitido a todos os cidadãos. (SILVA. 2019. Pg. 119)

Com isso podemos refletir sobre as questões que as escolas dentro das comunidades têm de enfrentar, situações que passam muito longe das próprias responsabilidades que o espaço escolar já obtém. Algumas questões que podemos apontar como cruciais, são: os diferentes projetos políticos pedagógicos aplicados, o público-alvo desses projetos e dessas escolas e as dificuldades de locomoção, alimentação, moradia e renda que os alunos das comunidades irão encontrar nos seus cotidianos.

Diante desse debate, apontamos para o caminho no qual se prevê que se há um processo tão desigual ao longo da educação formalizada para esses estudantes oriundos de escolas públicas, apontamos que os processos de vestibulares no

Estado do Rio de janeiro e Brasil obtém uma tendência a desigualdade entre os estudantes que irão concorrer as vagas, pois está relacionado diretamente a uma base sólida e desenvolvida em todos os níveis da educação formal, tendo o ensino fundamental anos finais e o ensino médio, contribuições mais frequentes nos conteúdos que serão abordados nos editais dos vestibulares.

Através deste fato nos deparamos, enquanto professores do projeto, que os alunos não obtêm essa base desenvolvida de estudos, tendo defasagens de conteúdos básicos em ciências humanas, ciências da natureza, matemática e linguagens. Em alguns casos, os discentes nãotiveramaulas e muito menos professores de determinadas disciplinas ao longo dos anos escolares, principalmente no Ensino Médio, por frequentarem a escola pública e diante de todos os mecanismos que a escola continuará exemplificando quando discutimos o papel das instituições escolares nas comunidades carentes e a relação institucional com o racismo.

Durantes as aulas no curso, percebemos situações adversas nas falas dos alunos em relação à defasagem de professores, fato que corrobora com o racismo, quando em muitos casos os alunos estudam próximo as comunidades da Vila Cruzeiro e Complexo do Alemão, que em virtude da violência, periculosidade, operações policiais e outros fatores, faz com que os profissionais da educação não consigam acessar o seu local de trabalho e em muitas vezes pedem para trocar de unidade escolar, gerando um complexo sistema de ausência de professores das disciplinas ofertadas pelo currículo básico, o que gera uma ausência do poder estadual de educação com em prol da substituição dos profissionais.

Como uma das consequências de todo este processo, temos perdassignificativasparaosalunos em relação àqueles conteúdos formalizados, que serão mencionados e cobrados nos concursos de vestibulares, além do que, os conteúdos apresentados nas disciplinas serão de fundamental importância para entendermos o espaço que vivemos e construirmos nossas relações sociais e políticas enquanto cidadãos.

A atuação do pré-vestibular dialoga contra esse cenário de exclusão dos jovens oriundos da Vila Cruzeiro, pois através das disciplinas apresentadas, carga horária estendida, atividades extraclasse, simulados, projetos de combate ao racismo, assim como outras atividades, o projeto visa modificar essa estrutura desigual de educação naquele determinado espaço da cidade e gerar

oportunidadespara que os alunos possam ingressar em um universo diferente, de estudos, conhecimento, frustrações, problemas burocráticos, profissionalização, estágios, dentre outros aspectos que também estarão inseridos dentrodo processo de formação do estudante universitário.

O Pré-vestibular além de possibilitar as aulas enquanto preparo para os alunos aos concursos de vestibulares, também, tem como ideia principal o combate ao racismo estrutural que estrutura as relações sociais no Brasil.No ano de 2019 duas atividades foram de fundamental importância para o combate a práticas racistas que foram “Crias- A Penha na Universidade” e o Ato/Passeata pelos direitos humanos e a Paz na Penha[30], tendo como principais objetivos trazer a reflexão para os alunos e comunidadediantedas possibilidades de defesa que existem em relação a praticas racistas e deviolência policiais que as populações que vivem em comunidade sofrem diariamente durante seus cotidianos[31].

2.3**O Evento Crias- A Penha na Universidade**

Como abordado anteriormente, o EPV tem como objetivos principais, desde a sua criação, a promoção de debates, aulas públicas e ações que possam trazer aos alunos considerações sobre as múltiplas realidades que vivem. Diante dessas realidades e da finalidade social dos pré-vestibulares comunitários, o evento “Crias- A Penha na Universidade” foi organizado, elaborado e realizado pelo EPV, com intuito principal de apresentar aos jovens que estavam em preparo para as provas e a toda comunidade da Vila Cruzeiro que devemos debater pautas sociais como o racismo, necropolítica, jurisprudências em casos de atos racistas e principalmente a dignidade das populações que estão em situação de vulnerabilidade social.

O evento Crias, foi elaborado através de uma proposta antirracista, na qual três principais atividades foram realizadas ao longo do dia. Foram escolhidas a Oficina de Teatro e comunidade, o Debate sobre o encarceramento em massa no

---

[30] O Ato/passeata foi abordado no capítulo 1 da pesquisa.

[31] Chacina do Jacarezinho, 2021. Rio de Janeiro. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2021-05-07/maioria-dos-mortos-na-chacina-do-jacarezinho-nao-era-suspeita-em-investigacao-que-motivou-a-acao-policial.html, acessado em 09/05/2021.

Brasil, caso Rafael Braga [32]e a roda de conversa sobre favela, racismo e universidade.

O evento apresentava como objetivos principais,

> Nós criamos o evento "Crias: a Penha na universidade" com o objetivo principal de ouvir a experiência dos nossos ex-alunos e convidados para reafirmar a possibilidade e a necessidade de pessoas pobres, negras e faveladas ocuparem a universidade pública. Além de dialogar e criar uma rede de apoio em torno do preconceito que sofremos todos os dias. E tudo isso com muita valorização da arte e da cultura (Fonte: https://instagram.com/estudando_paravencer?igshid=YmMyMTA2M2Y)

Durante o evento, algumas fotografias foram tomadas ao longo das falas, debates e discussões que foram apresentadas. Abaixo temo uma fotografia incluída nas redes sociais do curso no dia 04/07/2019, durante o evento-Crias a Penha na Universidade- a fotografia foi tomada dentro de uma das salas de aula do curso.

O evento contou com a mobilização da comunidade para organizar o espaço, o *coffee break*, as estruturas de apresentações, o espaço específico para as oficinas, divulgação, realização e planejamento. Apontando para um engajamento da comunidade na promoção de diferentes tipos de eventos culturais e sociais, na qual apresenta um sentimento de gratidão pelo EPV, que tem um trabalho social na tentativa de trazer os jovens e adolescentes para dentro do projeto, estudando, tendo algumas oportunidades.

[32] O caso Rafael Braga ficou conhecido pela prisão realizada durante as manifestações de 2013. Ver mais em: https://www.liberdadepararafael.meurio.org.br/, acessado em 09/05/2021.

Figura 6: Crias a Penha na Universidade

Fonte: EPV, 2021. Página do Instagram do Estudando Para Vencer

O evento também trouxe outras possibilidades de reflexão sobre a cultura negra dentro da comunidade da Vila Cruzeiro, traçando uma comparação com as universidades e o diálogo com a identidade da população negra, favelada e periférica através das oficinas de teatro e comunidade, debate sobre o encarceramento em massa no Brasil, caso de Rafael Braga, e pôr fim a roda de conversa: favela, racismo e universidade.

Figura 6: Crias a Penha na Universidade (foto 2)

Fonte: EPV, 2021. Página do Instagram do Estudando Para Vencer

Na figura 7, percebemos que ao fundo, apresentando o debate estão o professor, e filósofo Rodrigo França e a assistente social, Nathalia Carlos, que também é assessora parlamentar da deputada federal Talíria Petrone. Ambos os convidados são crias da Penha e foram alocados em debates específicos. Esse debate realizado pelos oradores na imagem foi sobre “favela, racismo e universidade”, no qual eles deveriam apresentar suas experiências enquanto alunos de graduação e analisar o racismo presente nas universidades brasileiras, através de suas experiencias enquanto foram alunos de graduação nas universidades públicas da cidade do Rio de Janeiro.

Diante dos debates que foram abordados anteriormente ao longo do texto, temos nas comunidades do Rio de Janeiro a presente violência do Estado destinada

a população que vive na localidade e seus arredores. O curso atua na defesa dos direitos humanos na comunidade da Vila Cruzeiro e em todo bairro da Penha, tendo como mote principal a defesa de seu povo contra as atrocidades realizadas pelo Estado e seu braço armado , Polícia Militar, durante suas operações policiais, que abalam as estruturas econômicas, sociais, escolares, creches, a locomoção, a coleta de lixo, entre outras consequências que as operações policiais trazem de maleficio as comunidades nas quais são diretamente envolvidas nestes atos. [33]

A organização do curso em face desses problemas e os constantes pedidos da comunidade Vila Cruzeiro, fez em 28/09/2019 um ato/passeata pela defesa dos direitos humanos as comunidades da Penha, ação que foi abordada no primeiro capítulo, contudo remete a analisarmos a importância do projeto para além dos muros da sala de aula, representando todas as comunidades que são assoladas pela violência policial no Rio de Janeiro e Brasil.

2.4 **Breve resumo sobre os resultados do EPV no biênio 2019 e 2020**

O curso obteve resultados expressivos no ano de 2019, principalmente por não haver investimento público, problemas estruturais, ausência de verbas para inscrição de alunos, entre outros problemas que foram abordados ao longo do capítulo. Diante dessas adversidades, houve uma vontade de transformar a comunidade através da educação, tendo em relação aos aprovados em concursos de vestibulares e concursos técnicos (alunos que terminaram o ensino fundamental) um total expressivo de oito (8) alunos ingressando nas universidades públicas e catorze(14) alunos ingressando nas escolas técnicas públicas e particulares do Rio de Janeiro, coroando todo o trabalho realizado ao longo de três anos de foco, luta, aulas. Debates, coletividade, favela, população e sonhos.

Atualmente, além de pesquisador do curso e suas práticas antirracistas, também ingressei no quadro de professores, compartilhando o sonho dos meus alunos de forma mais próxima e semana a semana construirmos juntos o conteúdo

[33] Sobre as operações nas favelas da cidade do Rio de Janeiro em 2020 e 2021. Disponível em: https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2021/05/07/rj-teve-ao-menos-944-mortos-em-acao-policial-desde-que-stf-restringiu-operacoes-em-favelas.ghtml

necessário para que os sonhos deles possam ser alcançados, através do ingresso na universidade e como consequência uma ascensão social e econômica que tanto almejam.

O professor Marcelo Martins, um dos fundadores do projeto e atualmente diretor pedagógico e administrativo do curso teve esse sonho em 2016, sonho que a cada ano se concretiza e obtêm mais força para continuar, com mais alunos aprovados e ingressando em novos espaços do conhecimento, inclui nas redes sociais uma frase que todos que trabalham no curso como voluntários, professores, coordenadores e a diretoria compartilham na qual diz para seus alunos(as): “Ser professor não me fez milionário, mas me fez te ajudar a realizar os teus sonhos”.

3A PANDEMIA POR COVID-19 E AS CONSEQUÊNCIAS PARA OS JOVENS DO PRÉ-VESTIBULAR ESTUDANDO PARA VENCER

A pandemia por Covid-19 trouxe diversos impactos negativos a construção social, educacional, alimentar e econômica para os jovens que estavam e ainda continuam se preparando para os vestibulares. A ideia principal deste capítulo é compreender como esses impactos foram prejudiciais a formação desses estudantes e qual a importância do EPV na jornada de preparo para os vestibulares.

3.1 **A pandemia e as primeiras transformações no EPV**

Ao passo que o início do ano de 2020 se apresentou, o desafio de preparar os jovens que estavam matriculados no pré-vestibular social para os concursos de vestibulares que se apresentavam ao longo do ano era muito grande e desafiador. O curso se planejava para suas ações anuais, palestras, cursos de extensão, organização dos horários das aulas e principalmente a vontade de todo o corpo de colaboradores com o projeto de conseguirem alcançar os objetivos daqueles jovens. Iniciamos nossas aulas após os festejos do carnaval, que para muitos cidadãos brasileiros é algo irrefutável do calendário, com isso, no dia 02/03/2020 me dirigi até a sede do EPV para minha primeira aula do ano. Sala cheia de alunos(as) sonhos, dúvidas e pessoas buscando o seu devido lugar na universidade.

Logo após a primeira semana de aulas do EPV, um vírus que surgiu na China, assombrava algumas partes do planeta, principalmente a Itália e Espanha naquele momento. Mal sabíamos que aquele fatídico vírus iria se tornar uma pandemia em níveis de destruição jamais vistos nos últimos oitenta anos e que alteraria de forma inimaginável todo o contexto sanitário, econômico, político, educacional, racial, trabalhista e dentre outros aspectos, no mundo atual.

Iniciamos a segunda semana de aulas sem a ideia exata do que poderia acontecer ao longo dos dias que sucediam as aulas e as notícias ficavam cada vez mais incisivas e complexas em relação a chegada do vírus na cidade de São Paulo e todas as consequências negativas que já estavam sendo postas por analistas sanitários em relação ao que estava por vir. Ao passo que a semana foi chegando ao seu final, o decreto de Lockdown promulgado e deliberado pela prefeitura do Rio

de Janeiro[34], Estado do Rio de Janeiro e governo federal, estávamos diante da situação que iria mudar nossas vidas por muitos meses e alguns anos.

Figura 7: Prefeitura do município do Rio de Janeiro e as medidas de combate a Covid-19

Fonte: RIO DE JANEIRO, 2021. Site da Prefeitura do Rio de Janeiro, acessado em 23/10/2020.

A partir da semana que iniciou em 09/03/2020, toda a organização planejada e idealizada pela coordenação e direção do EPV começou a questionar como poderíamos e deveríamos atuar na iminência do Lockdown que estava prestes a ser decretado pela prefeitura. Com isso, a turma que tinha 35 alunos matriculados começou a questionar o projeto e a se questionar se havia possibilidade de termos o ensino remoto ou EAD para compormos a carga horária e a continuação do preparo desses jovens para as provas que estavam por vir.

Ao passo que as medidas estavam sendo tomadas, muitas incertezas foram geradas, ansiedades provocadas por não sabermos como poderíamos organizar nossas vidas pessoais, profissionais, acadêmicas e vigência de um novo vírus (SARS-CoV-2)atuando em diversos países, estados, municípios e gerando as primeiras vítimas de Covid-19 no Brasil. Com isso, um novo momento estava prestes a acontecer em nossas vidas, momento esse que enquanto escrevo essas páginas, meu olhar se deparara com um varal de máscaras (Pff2) que utilizo enquanto estou em qualquer local fora de casa.

[34] Prefeitura do Rio de Janeiro decreta medidas de prevenção a vida. Disponível em: https://prefeitura.rio/noticias/prefeitura-anuncia-novas-medidas-restritivas-de-prevencao-a-covid-19/

O restante do mês de março se apresenta como uma gigantesca icógnita sobre o que poderíamos organizar para os alunos enquanto aulas de preparo para o vestibular, mas com isso, os discentes deveriam ter acesso a internet, plataformas de reuniões e uma disciplina muito maior para continuarem seus estudos – dos seus lares- e que assim conseguiríamos continuar com o que foi proposto no início do ano. Mas, como demandar de um aluno com baixas condições socioeconômicas, internet de qualidade? Acesso a aparelhos tecnológicos como tablets, computadores, um local reservado para assistirem as aulas? Eis aí que as milhares de complexidades que abordamos nos capítulos um e 2 em relação a educação e as relações étnico-raciais ao longo da pandemia, principalmente em 2020 emergem de forma significativa e muito mais densa.

De acordo com algumas pesquisas realizadas ao longo do processo de alteração do ensino-aprendizagem presencial para o ensino online, muitas particularidades que estavam, "invisíveis" para a sociedade brasileira são retomadas com grande força e densidade, como a imagem abaixo divulgada no dia 28/04/2020[35].

Figura 8: Problemas relacionados à pandemia descritos na agência de notícias Uol

Fonte: SABOIA, 2020.

Ao longo do processo abordado acima, o distanciamento social relacionado às medidas sanitárias adotadas pela prefeitura trouxe a modalidade de ensino online para a vida dos estudantes da cidade do Rio de Janeiro e Brasil. A partir dessa

[35] Alunos de favelas não conseguem se preparar para o Enem. Disponível em : https://educacao.uol.com.br/noticias/2020/04/28/sem-internet-estudantes-de-favelas-sofrem-com-preparacao-online-para-enem.htm. Acessado em 07/11/2021.

discussão, pretendo dialogar com a diferenças entre Ensino remoto emergencial e Ensino a Distância, já que são analisados de formas diferentes nos contextos acadêmicos e na prática de ensino de cada tipo de ensino. De acordo com o artigo publicado em 2021 sobre as diferenças entre os tipos de ensino, as autoras RONDINI, PEDRO e DUARTE trabalham na perspectiva de que o ensino remoto emergencial,

> De acordo com Hodges (2020), o ensino remoto emergencial difere da modalidade de Educação a Distância (EAD), pois a EAD conta com recursos e uma equipe multiprofissional preparada para ofertar os conteúdos e atividades pedagógicas, por meio de diferentes mídias em plataformas on-line. Em contrapartida, para esses autores, o intuito do ensino remoto não é estruturar um ecossistema educacional robusto, mas ofertar acesso temporário aos conteúdos curriculares que seriam desenvolvidos presencialmente. Assim, em decorrência da pandemia, o ensino remoto emergencial tornou-se a principal alternativa de instituições educacionais de todos os níveis de ensino, caracterizando-se como uma mudança temporária em circunstâncias de crise. (RONDINI, PEDRO E DUARTE. Pg, 2. 2021)

As autoras baseiam seus estudos nas análises relacionadas aos estudos anteriores de Hodges(2020) e com isso, elaboram uma reflexão teórica sobre como poderíamos compreender a pandemia e novo formato de ensino prescrito por diversos grupos e redes educacionais privadas e públicas no ano de 2020.

As mudanças estruturais no formato de educação tiveram que ser rapidamente desenvolvidas pelas organizações e principalmente as habilidades dos professores foram, de forma radicalmente reorganizadas, para a forma de ensinar que estava sendo proposta pela prefeitura naquele momento de restrições sanitárias severas por conta da circulação do vírus. Ao passo que as reestruturações foram sendo organizadas, as plataformas digitais foram empregadas dentro das instituições de ensino público e privadas e com o EPV não foi diferente, a utilização do Google Classroom, para que pudéssemos postar na plataforma os arquivos utilizados em aulas, bem como o material produzido pelos alunos, listas de exercícios entre outros informes que poderíamos necessitar ao longo das semanas de aulas.

Vale destacar o que BRAGA e THADEI (2018) abordam sobre as tecnologias educacionais e as plataformas que incorporaram seus métodos nas redes de ensino em grande parte das escolas do país, quando os autores refletem sobre esse ponto na discussão realizada no seguinte fragmento,

> As mudanças no sistema educacional tiveram que ser realizadas rapidamente, de sorte que, de um dia para o outro, os professores precisaram transpor conteúdos e adaptar suas aulas presenciais para plataformas on-line com o emprego das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC), sem preparação para isso, ou com preparação superficial, também em caráter emergencial. Cabe destacar que a incorporação das TDIC nas instituições escolares ainda é um entrave na realidade nacional; problemas de infraestrutura e de formação docente deficitária são variáveis importantes que interferem diretamente em uma utilização crítica, intencional e produtiva das tecnologias (BRAGA, 2018; THADEI, 2018).

O debate que desejo realizar não é pautado nas críticas ou elogias as plataformas educacionais que ingressaram de forma muito densa nas redes de ensino do país e, sim, salientar que essa nova metodologia presente no processode ensino-aprendizagem esteve/está presente, também no EPV, mesmo com todas as complexidades relacionadas aos acessos dos discentes as atividades e aulas no ano de 2020.

Envolvidos nesse processo pandêmico que afetou e ainda continua afetando a vida de tantas populações pelo brasil e mundo, o diretor, fundador, mentor e professor do Estudando Para Vencer, teve sua voz ouvida em algumas oportunidades. As entrevistas concedidas pelo Marcelo, representam a voz dos esquecidos nesse processo de preparo para os vestibulares, o que aponta para uma das discussões que estão sendo travadas ao longo do trabalho, remetendo nosso pensamento a ideia de quais grupos conseguiram ter o devido preparo para a realização dos concursos de vestibulares em 2020.

A partir dessa análise abordada acima, trabalharemos as duas entrevistas concedidas por Marcelo ao longo de 2021, que apresentam dois contextos diferentes em relação ao tipo de organização das comunidades frente a covid-19 e os desafios educacionais e sociais que foram expostos de forma latente no decorrer do processo pandêmico no brasil e principalmente no Rio de Janeiro.

A primeira entrevista no canal de notícias BBC-Brasil, publicada em 11 de janeiro de 2021 por Paula Lima[36], aborda a temática do adiamento do Enem, que por conta da pandemia foi realizado em janeiro de 2021, e por todo o processo aumento da desigualdade de preparo dos estudantes mais carentes em relação a outras classes sociais que conseguiram explorar os recursos tecnológicos, estrutura e

[36]Entrevista concedida por Marcelo Martins em janeiro de 2021, disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/brasil-55596202 acessado em 13/11/2021.

financiamento para continuar seu preparo.

Nesta entrevista, Marcelo aborda alguns aspectos relacionados a defesa do adiamento da prova do Enem, bem como as problemáticas envolvidas no processo de realização do certame, bem como:

> "Uma parte importante do trabalho é recuperar a autoestima deles e fazer eles acreditarem que são capazes, que aquilo (educação superior) é para eles, Depois de um 2019 com um bom número de alunos aprovados em cursos universitários, Martins havia iniciado 2020 com ânimo e com um número recorde de inscritos no cursinho pré-vestibular, mantido com doações e com a ajuda de professores voluntários.Passados mais de dez meses de pandemia, no entanto, "acho que esse esforço todo já se perdeu", lamenta Martins.Dos 55 alunos matriculados no curso, só 6 continuaram assistindo às aulas online. (BBC-Brasil. 2021)

A preocupação relatada na reportagem não se apresenta apenas na configuração educacional dos jovens, ela perpassa por outras camadas sociais que estão inseridas no contexto de comunidades faveladas da cidade do rio de janeiro, como já foi exposto anteriormente ao longo do trabalho. Um dos trechos mais emblemáticos da entrevista se trata da ideia de recuperação da autoestima dos jovens, tentando fazer com que eles acreditem que irão conseguir atingir seus objetivos, mesmo com milhares de adversidades e uma pandemia no meio desse caminho tortuoso.

Esse tipo de pensamento pode parecer inimaginável para uma pequena parcela da população brasileira, mas para a maioria pobre, preta e favelada, alcançar os objetivos é algo quase ufanista e não conjectura com as realidades que cercam essa parcela da população. O trato de Marcelo e o Estudando Para Vencer com os problemas causados pela pandemia vão muito além do preparo para os vestibulares, a mentalidade de auxílio e suas complexidades existente vai muito mais longe, como foi abordado no capítulo 2 com as entregas de cestas básicas, doações de diversos produtos para as famílias carentes da comunidade da Vila Cruzeiro e arredores.

Ao longo da entrevista, Marcelo dispara contra a realização do que considera sendo o Enem mais desigual dos últimos tempos, tendo a seguinte fala:

> "A gente ainda vai levar muito tempo para recuperar isso. Tem um abismo que separa esses alunos do conteúdo (do Enem). Por isso eu acho que a gente vai ter o Enem mais desigual de todos os tempos. A gente precisaria cancelá-lo. Nossos alunos estão sem ter o que comer dentro de casa. Como vou dar aula se ele tem fome e, além disso, não tem internet boa"(BBC-Brasil. 2021)

Percebemos a partir do discurso acima que o EPV ao longo dos anos de 2020 e 2021 precisou se reorganizar para trazer o mínimo aos jovens, e não um mínimo voltado apenas a ideia de preparo para o vestibular e uma contextualização humana, social, alimentar e de apoio que aquelas pessoas estavam necessitando ao longo do ano de 2020, principalmente.

Ao longo do ano de 2021, como avanço da vacinação por todo o brasil e principalmente no município do rio de janeiro, o discurso foi alterado por diversos especialistas em saúde, trazendo à tona o contexto de aulas em formato híbrido, remoto e presencial, o que configurou um novo momento do processo de ensino-aprendizagem no brasil. Abordando especificamente o caso do município do rio de janeiro, o ano de 2021 iniciou no modelo híbrido de ensino, que foi recomendado pelo comitê científico da cidade, na grande maioria das escolas privadas, no qual as turmas eram divididas em grupos e o estudante iria assistir aulas presenciais somente quando seu grupo fosse contemplado com a respectiva semana[37].

Em 21 de agosto de 2021, o diretor e professor do EPV Marcelo Martins, concedeu uma outra entrevista para o canal de comunicação Voz das Comunidades. Nessa outra fala de Marcelo, há uma nova temporalidade envolvida, visto que no mesmo mês o EPV iniciou o seu preparatório intensivo, de forma presencial,visando os vestibulares do Enem (novembro de 2021) e Uerj (março 2022). Porém há diferenças significativas nas falas do entrevistado, há um novo momento presente com o aumento do número de vacinados e com esquema vacinal completo na cidade do Rio de Janeiro, através dos boletins epidemiológicos registrados pela cidade, bem como a diminuição do contágio, internações e mortes por Covid-19[38], o que possibilitou uma nova jornada do EPV para com os alunos da comunidade da Vila Cruzeiro e adjacências.

Ao longo da entrevista, Marcelo retrata como a dinâmica das aulas online pelo sistema remoto de ensino-aprendizagem ocorreram em 2020 e como esse sistema

---

[37] Organização de retorno as atividades escolares em 2021. Disponível em: https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2021/01/29/entenda-a-volta-as-aulas-no-rj.ghtml , acessado em 20/11/2021.

[38] Site da prefeitura do rio de janeiro com informações sobre a pandemia por Covid-19. Disponível em: https://coronavirus.rio/ acessado em 21/11/2021.

foi prejudicial ao preparo dos alunos na seguinte passagem:

> Em agosto deste ano, ocorreu a volta das atividades presenciais do projeto. Pois, de acordo com Marcelo Martins, no ano passado, as aulas on-line foram um fracasso por diversos motivos, como a falta de acesso à internet pelos estudantes, casas pequenas com muitos moradores e a ausência de um ambiente silencioso para estudar. Dos 55 alunos inscritos, apenas 6 conseguiram assistir às aulas remotamente, mas com muita dificuldade. Neste mês, para além do retorno das aulas presenciais, foi inaugurado um intensivo para o Enem, que será realizado em novembro, nos dias 21 e 28. Como o nome sugere, é um curso com as principais matérias que caem na prova durante um período mais curto de tempo. (Voz das Comunidades. 2021)

Através das entrevistas acima, podemos analisar como a pandemia foi prejudicial para os alunos. Como foi abordado ao longo do capítulo, temos diversas consequências negativas provenientes desse processo, porém como o foco da pesquisa é trabalhar os aspectos do ensino-aprendizagem, identificamos que enquanto professor do curso e pesquisador, as consequências foram muito impactantes em termos de organização estrutural das famílias dos jovens que frequentavam o curso.

3.2 **Uma breve análise sobre o olhar dos alunos perante as dificuldades enfrentadas durante a pandemia.**

Através de duas pesquisas, que foram enviadas aos alunos do EPV entre novembro de 2021 e março de 2022, conseguimos obter resultados e principalmente o olhar dos alunos perante o momento que vivíamos em 2020 e 2021, com uma grande ausência de perspectiva educacional, um aumento elevado de problemas sociais, econômicos e políticos, como já foi descrito ao longo do trabalho e principalmente com alguns receios, que os levavam a pensar no que poderiam se alimentar ao longo do dia.

O período de isolamento social apresentou a sociedade, que não estava familiarizada com a importância da escola pública, o quão importante é o trabalho da instituição educação pública no Brasil, visto que, não somente o currículo é apresentado aos alunos, e, pela alimentação que é fornecida.

O artigo escrito por Silva, Santos e Soares aborda a interação entre a escola,

alimentação e o aprendizado, sendo significativo um trecho que podemos destacar abaixo que versa sobre essa interação e suas consequências na sociedade, sendo:

> As práticas alimentares na escola têm sido tema relevante da agenda internacional, face às situações de insegurança alimentar e nutricional que acometem estudantes, dentre as quais, incluem-se a fome e o incremento da obesidade, além de outros problemas de saúde associados à alimentação na modernidade. Dada a diversidade de modalidades que ocorre nos diversos sistemas educacionais, há uma vasta publicação que discute a temática sob várias abordagens. Nesse bojo, estudos vêm discutindo a relação entre práticas alimentares na escola e constituição de identidades de estudantes(...) de tal modo que é possível assumir que crianças e adolescentes vivenciam, na escola, processos identitários como formas de se relacionar com o mundo, de se identificar com os pares, de agir por si mesmos, de construir relações de pertença, e as práticas alimentares que realizam na escola estão diretamente implicadas nesses processos. (SILVA, SANTOS E SOARES. 2019. PG. 1)

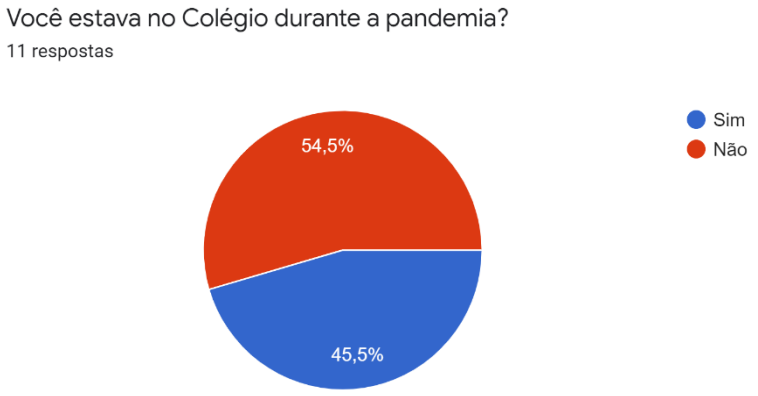
A partir da discussão acima, conseguimos ressurgir em nosso interior o quanto as falas que veremos a seguir irão se cruzar dentro desse bojo de situações que a pandemia por covid-19 agravou nos últimos dois anos. O formulário, de pesquisa, apresentado aos alunos continha, 10 perguntas sobre a vida dos alunos ao longo da pandemia e ao final eles poderiam contribuir com alguma opinião sobre como o EPV os auxiliou nesse processo. [39]

Diante da primeira pergunta: Você estava no colégio durante a pandemia? Dos 25 alunos que responderam, 12 informaram que não estavam no colégio durante a pandemia e 13 informaram que estavam no colégio durante o processo, nos apresentando que a maior quantidade de alunos do preparatório ainda se encontra no ambiente escolar institucional, retomando o ponto da discussão acima sobre a alimentação e suas interações no cenário escolar.

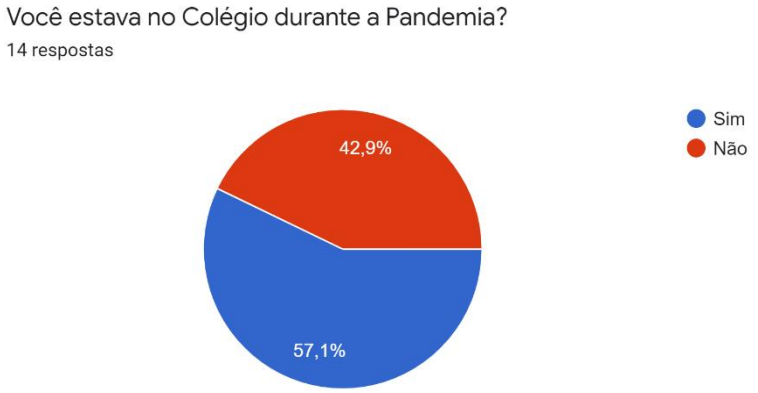
[39] Os formulários utilizados como pesquisa são:
Formulário 1: https://forms.gle/LVXjAnTfZ6HS3UER8
Formulário 2: https://forms.gle/cQMaLEX7CfZwgd8j7

Resposta da pergunta 1

Formulário 1



Formulário 2

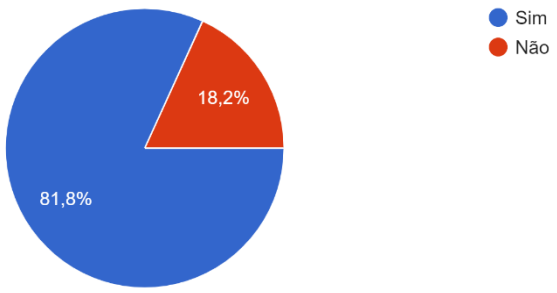


Na segunda pergunta: A Pandemia te atrapalhou durante os estudos para o colégio ou vestibular? Dos 25 alunos que responderam os dois formulários, a esmagadora maioria informa que sim, a pandemia atrapalhou os alunos durante os estudos para o colégio, vestibular ou ambos. O não correspondeu a 2 alunos.

Resposta da pergunta 2

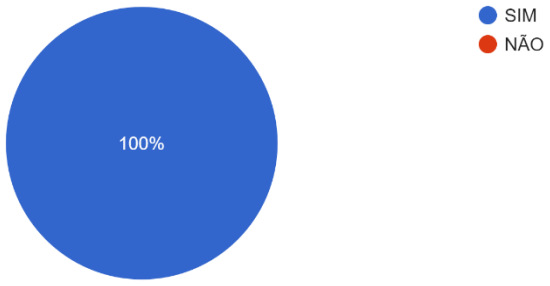
Formulário 1

A Pandemia te atrapalhou durante os estudos para o colégio ou vestibular?
11 respostas



Formulário 2

A Pandemia te atrapalhou durante os estudos para o colégio ou vestibular?
14 respostas



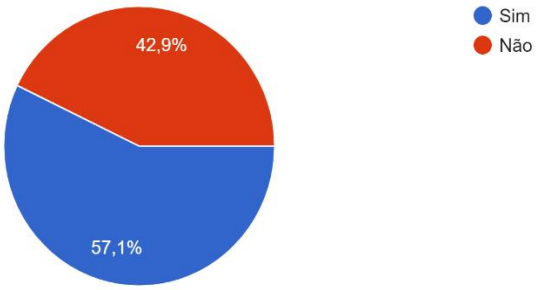
As perguntas 3 e 4 versam sobre o Ensino Remoto, tendo a pergunta 3, trazendo o seguinte contexto: Você conseguia assistir as aulas online? Dos 25 alunos entrevistados, 15 alunos apresentaram uma facilidade para acompanharem as aulas online e 10 alunos informaram que não conseguiam assistir as aulas e na pergunta 4 vamos tentar compreender qual era estrutura tecnológica que os alunos possuíam para assistirem essas aulas, trazendo o seguinte contexto: Você tinha a estrutura necessária para assistir as aulas online com qualidade? (computador, ambiente arejado, som ideal etc.)

Resposta da pergunta 3

Formulário 1

Você conseguia assistir as aulas online?
11 respostas

Você conseguia assistir as aulas online?
14 respostas



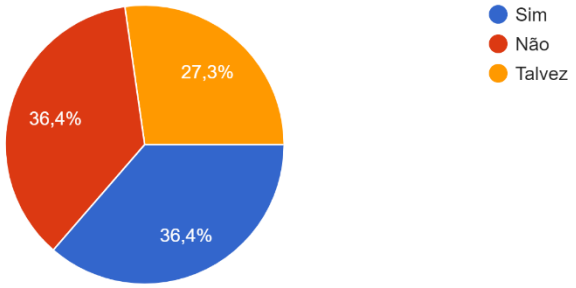
Formulário 2

Dos 25 alunos entrevistados, 11 apresentaram que não tinham a estrutura adequada para conseguirem assistir as aulas, 5 informaram que talvez tivessem a estrutura e 9 informaram que tinham a estrutura adequada que pudesse acompanhar as aulas durante a pandemia, esse dado mostra que não uma maioria esmagadora, mas a maioria dos alunos não tinham uma estrutura adequada ou mínima para estarem frequentando as aulas online do EPV e do próprio colégio, visto que, um ambiente adequado para tal ação requer aparelhos tecnológicos, acesso a internet, um local arejado, dentre outras situações que nem sempre são compatíveis com a desigualdade social presente no Brasil.

Resposta da pergunta 4

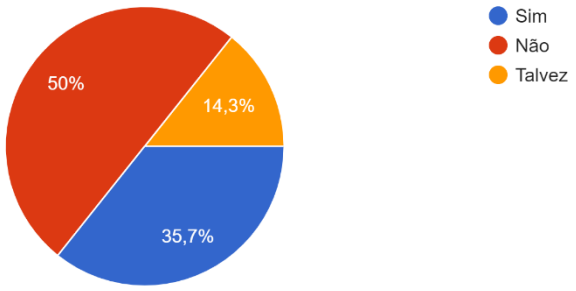
Formulário 1

Você tinha a estrutura necessária para assistir as aulas online com qualidade? (computador, ambiente arejado, som ideal, etc)
11 respostas



Formulário 2

Você tinha a estrutura necessária para assistir às aulas online com qualidade? (computador, ambiente arejado, som ideal, etc)
14 respostas

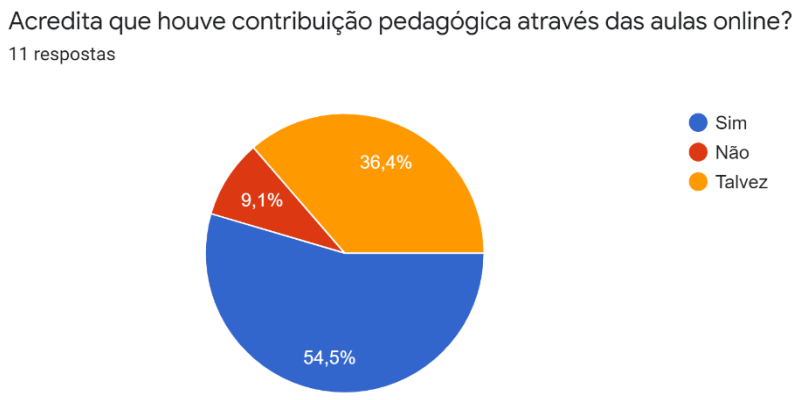


Na quinta pergunta, vamos abordar a temáticas das aulas online e como esse processo foi dinâmico ou não para os alunos do EPV. Sendo: Acredita que houve contribuição pedagógica do EPV através das aulas online? Dos 25 alunos que responderam o questionário, 11 alunos informaram que talvez o EPV tenha contribuído com as aulas online na preparação para o vestibular, 5 aluno responderam que não, notem que interessante, eles responderam que não, mas continuaram assistindo as aulas e 9 alunos informaram que sim, que as aulas ministradas no formato online contribuíram na preparação para o vestibular, o que é complexo pois a partir do novo modelo de aulas online através das plataformas, o que já abordamos em outros capítulos, os alunos tem muito mais possibilidades de

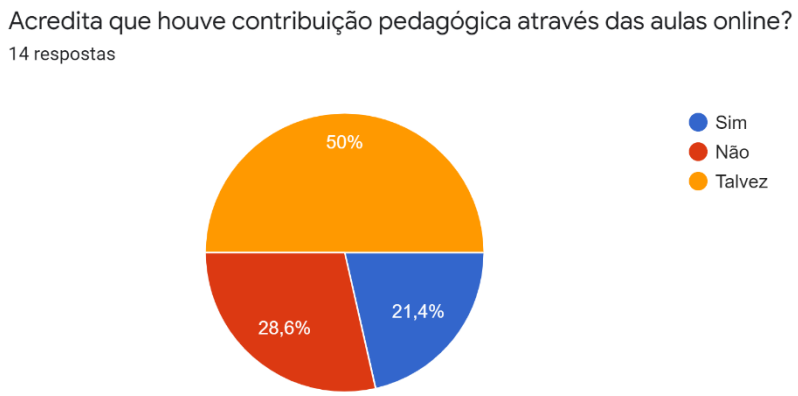
dispersão, distrações diversas, além da dinâmica da aula ser bem diferente do formato presencial.

Resposta da pergunta 5

Formulário 1



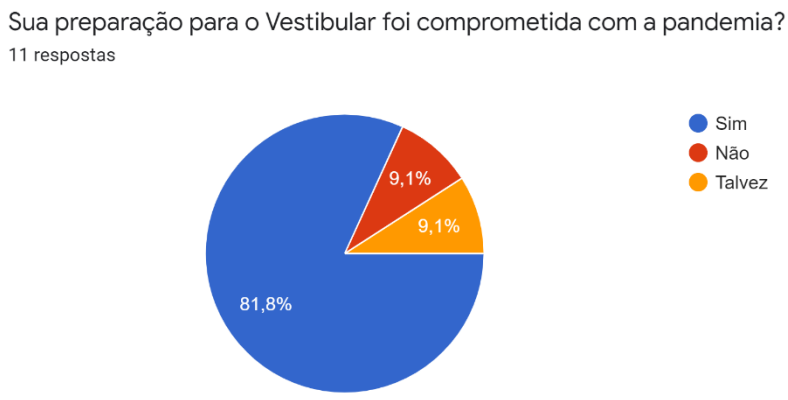
Formulário 2



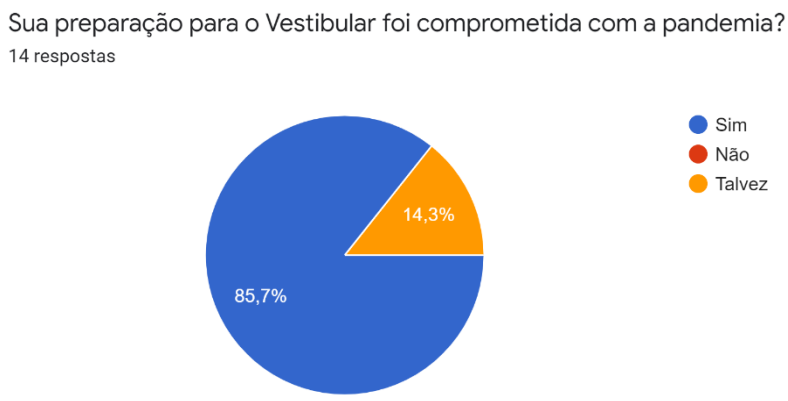
Na sexta pergunta, trabalhamos com a ideia de comprometimento da preparação diretamente para o vestibular a partir do processo pandêmico no qual estávamos vivendo, sendo: Sua preparação para o Vestibular foi comprometida com a pandemia? Dos 24 alunos que responderam essa pergunta, a análise dos mesmos foi: 21 alunos informaram que sim a que a pandemia atrapalhou muito a dinâmica de preparo para o vestibular, sendo a grande maioria dos entrevistados, tendo 1 aluno informando que não e 2 informaram que talvez tenha atrapalhado o processo.

Resposta da pergunta 6

Formulário 1



Formulário 2



Dessas respostas acima, analiso que asperguntas, 8 e 9, irão nos apresentar um caminho em potencial de conseguimos compreender como a pandemia atrapalhou os alunos, pois a partir da pergunta 8 iremos abordar alguns questionamentos socioeconômicos de cada aluno e família.

A pergunta 7 é um termômetro de como os jovens, interligados no mundo digital, preferem com unanimidade, as aulas no formato presencial em relação ao formato online. Nos dois formulários, os 25 alunos informaram que preferem as aulas no formato presencial, evidenciando que mesmo com o contato diário com o mundo virtual, a dinâmica de aprendizado, na visão, dos discentes ainda se relacionada diretamente com o modelo de aulas tradicional.

Resposta da pergunta 7

Formulário 1

Formulário 2

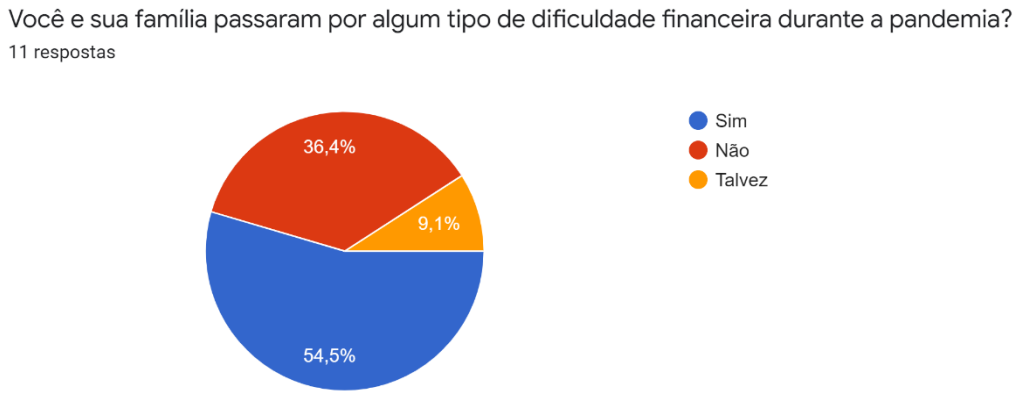
A pergunta 8 nos remete a analisar a relação entre renda e pandemia nos anos de 2020 e 2021, vale ressaltar que estamos entrevistando alunos oriundos de uma comunidade na Vila Cruzeiro, sendo historicamente e a partir dos dados apresentados ao longo da pesquisa, um local com um grande índice de pobreza na cidade.

Diante desse cenário descritoa cima, a pergunta de número 8 versa da seguinte questão: Você e sua família passaram por algum tipo de dificuldade financeira durante a pandemia? Dos 25 alunos que responderam essa pergunta, 13 informaram que passaram por algum tipo de dificuldade financeira durante a pandemia, esse número ressalta a vida de muitos brasileiros ao longo desse processo pandêmico que foi destrutivo e ainda continua sendo um grave problema

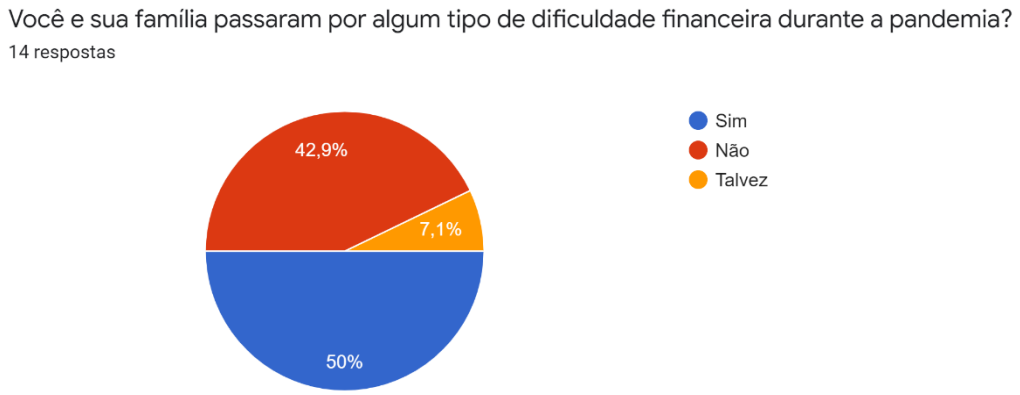
para a reconstrução, em todos os níveis, do país. Vale ressaltar que a crise econômica se instaurou no Brasil logo após o golpe[40], em 2016, cometido pela base aliada do atual presidente em exercício, havendo consequências negativas a toda população brasileira, culminando no atual momento econômico, político, social, sanitário e educacional no qual estamos inseridos.

Resposta da pergunta 8

Fomulário 1



Formulário 2



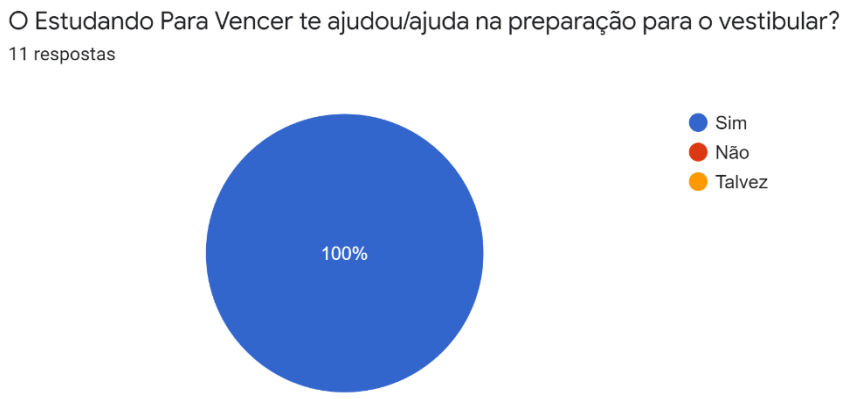
A pergunta 9 versa sobre o EPV, ela ressalta como o espaço do preparatório vai além das salas de aulas ali presentes, peço licença para apresentar que essas

[40] Artigo de Dilma Roussef, ex-presidente do Brasil sobre o Golpe que foi aplicado em 2016. Disponível em: https://www.brasildefato.com.br/2019/04/17/o-golpe-de-2016-a-porta-para-o-desastre-por-dilma-rousseff, acessado em 28/03/2022.

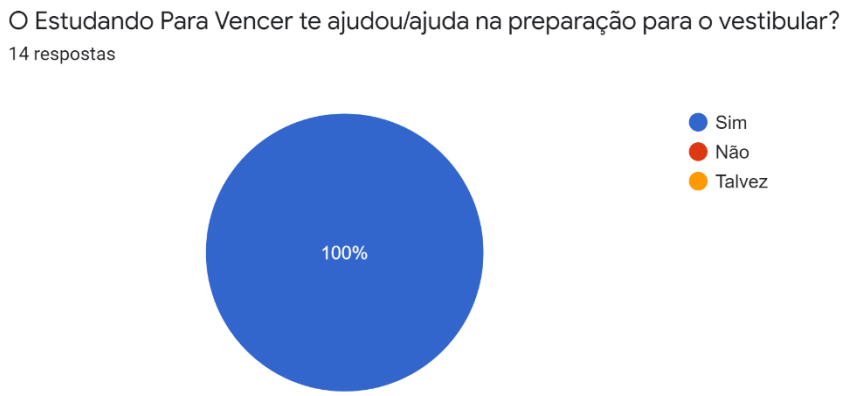
respostas me trouxeram um sentimento de extrema felicidade, de estar participando de algo grandioso para a sociedade e que pode mudar a consequência social de algumas pessoas. Essa pergunta esta descrita da seguinte forma: O Estudando Para Vencer te ajudou/ajuda na preparação para o vestibular? Dos 15 alunos que responderam esse questionamento, todos responderam que sim, o EPV os auxiliou de alguma forma na preparação para o vestibular, mesmo com as inúmeras dificuldades apresentadas acima, diante de uma pandemia que afetou todos os seguimentos da sociedade, apesar de tudo isso, o trabalho desenvolvido por Marcelo Martins foi executado, pode parecer improvável, mas em alguns lugares há heróis e essa respectiva resposta apresenta como a comunidade da Vila Cruzeiro reverencia um ser humano que nasceu, cresceu e vive ali compartilhando das mesmas angústias, problemas, felicidades e afetos.

Resposta da pergunta 9

Fomulário 1



Formulário 2



A pergunta de número 10 apresenta um questionamento mais técnico, relacionado a quais vestibulares os alunos irão prestar, na tentativa de concorrem as vagas destinadas a cada universidade. A maioria dos alunos que responderam o questionário, informaram que irão prestar o vestibular da Uerj, com 18 aparições, o Enem, o maior vestibular do Brasil aparece logo em seguida com 17 aparições entre as informações passadas pelos alunos e o campo “outros” que configuram os vestibulares da PUC, [41]CEDERJ[42], entre outros concursos aparece no final com 7 marcações.

Gráficos da pergunta 10

Gráfico 1

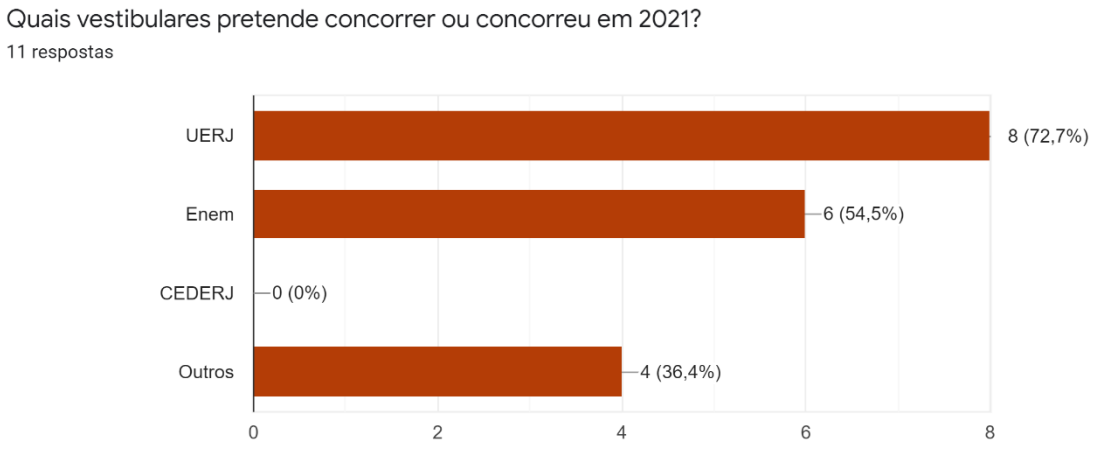
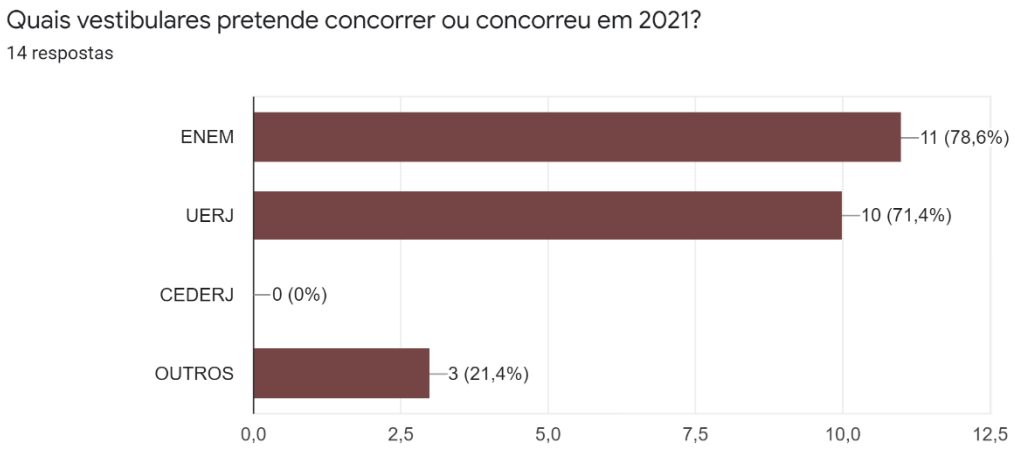


Gráfico 2



Terminada a entrevista, os alunos poderiam escrever brevemente sobre como o EPV os auxiliou ao longo desses dois anos de pandemia, tentando conciliar o currículo que é apresentado no vestibular com os problemas derivados do momento no qual estávamos e ainda estamos vivendo.

Para esse momento, incluo abaixo as falas dos alunos, para que possam visualizar como o EPV tem participação ativa na vida dos discentes, em engajamento do currículo e principalmente na ação social de mostrar que são capazes, que podem sonhar e principalmente, podem conquistar.

“Sem o EPV nós não teríamos uma base mais aprofundada. O preparatório nos instrui com estratégias durante a prova, com o conteúdo e até com o financeiro no pagamento de algumas inscrições.”

“Em meio à tantos problemas, o EPV me ajudou a não desistir de entrar para a faculdade. Gosto de dizer que o projeto e os professores me prepararam didaticamente e emocionalmente, porque acho que se não tivesse entrado no Pré, não teria o empenho ou motivação que tenho hoje… Então, é de fato, uma oportunidade incrível”

“As aulas são super dinâmicas e integradas para o determinada prova , tudo feito com muita dedicação e carinho tanto dos professores quanto dos coordenadores do projeto , gosto da maneira didática no qual são projetadas as aulas , e fico muito confortável com o suporte e acolhimento de toda a equipe , sou muito grata por tudo”

“Os professores tiveram total paciência, estamos a dois anos sem estudar presencial e tudo estava “novo” e mesmo com poucos recursos o EPV me auxiliou em tudo que era possível”

“Dando aulas todos os dias exceto domingo, fazendo diversos aulões e sempre dando conteúdos de forma excepcional!”

“O epv me auxiliou muito mesmo com todas as dificuldades.Professores

dispostos a ensinar e com muita força de vontade conseguimos desenvolver um raciocínio”

“O Estudando Para Vencer é uma parte da minha família e aqui eu fui contemplada de diversas maneiras, por exemplo, aqui eu aprendi muito mais do que fórmulas, contextos históricos e etc, aqui eu aprendi a olhar com o outro com mais carinho, zelo e cuidado, aqui eu reaprendi o quanto somos diferentes e o quanto isso é incrível. Aqui eu me tornei uma pessoa melhor e a evolução é constante!”

“Me ajuda muito com as coisas que eu tenho dificuldade, e os professores são muito bons.”

“Com o ensino prejudicado pela pandemia, muita das matérias que precisavamos para prestar o vestibular não foram assimiladas como deveria. Mas com a ajuda dos professores e coordenadores do pré que se disponibilizaram para sanar as dúvidas que tivemos, até de conteúdos que eu nem tinha aprendido na escola antes, e atender os alunos que precisavam de ajuda, todo o auxílio que precisava para me preparar, eu tive com eles. Além disso, o EPV também me ofereceu um espaço tranquilo para estudar fora das aulas.”

“O EPV ajuda com o preparo para as provas, com as matérias e exercícios. O EPV não ajuda só na preparação para as provas, mas também para a vida, somos uma família.”

“Me dando o suporte e elucidando prontamente,com as disciplinas,que me preparam pra realizar um bom vestibular.”

“O EPV me ajudou e ajuda bastante em diversos sentidos. Tive excelente professores em todo o período, todos me auxiliaram durante toda a trajetória. EPV foi uma mãe que me acolheu e me deu grande suporte em épocas tão difíceis pra mim.”

“O ensino é simples e direto, sem se arrastar de modo massivo”

“O Estudando Para Vencer é composto por um grupo top de professores, que não só ministram boas aulas, mas também te dão todo apoio necessário”

“Com as aulas o EPV nos ajuda bastante e nos prepara para concursos.”

“Eles nos ajudam com o conhecimento necessário para que podemos tentar passar para uma escola boa ano que vem , todos os professores são ótimos são amigos e professores ao mesmo tempo nós aprendemos muito com eles”

“Ele me auxilia em todos os sentidos. Não só, para as provas ,para a vida também. Com matérias, questões do Enem/outros, explicações, dicas.. O EPV não é só um pré - vestibular, é uma família criada para adquirirmos e compartilharmos conhecimentos. Sou grata!”

“me ajudou no meu desenvolvimento, me deu esperança fazendo eu acreditar no meu potencial, a cada dia melhorando e dando meu melhor”

“Me auxilia principalmente na rotina e no ambiente de estudos que a pandemia tanto atrapalhou. No EPV nós temos como auxílio o comprometimento diário dos professores e um conteúdo mais bem repassado e com mais facilidade de assimilação e concentração.”

“Além do auxílio pedagógico, com orientações de quais matérias priorizar e focar, me ajudou a enfrentar meus empasses cotidiano. Com uma visão de mundo os professores puderam passar uma calma e um foco no diploma, mostrando que na vida tem momentos inesperados mas que podemos no adquar e não perder o foco.”

“Além das aulas para o Enem, o EPV também me ajudou muito no EAD do colégio. Se não fosse pelo projeto e pelos professores (que se esforçam e se esforçaram MUITO pra ajudar a gente), eu não conseguiria fazer a prova, já que não aprendi tanta coisa no EAD. Sou muito grata por fazer parte desse projeto, pq além de ceder seu tempo livre para ensinar, os professores tbm acolhem e se preocupam com a gente.”

“Ele me axiliou muito nas matérias que eu não compreendia e me deu mais confiança psra fazer as que já sabia”

Fica evidente a forma de trabalho que o EPV implementou na comunidade da Vila Cruzeiro, sendo o vestibular uma porta e entrada para um novo caminho, acadêmico, através da Educação e todas as complexidades que
envolvem um estudante periférico dentro da Universidade pública no Brasil. Finalizo esse subcapítulo com a certeza de que o EPV será grande e impactará muitas pessoas ao longo da sua trajetória de luta, educacação e antirracismo.

Figura 10: Convite para cerimônia de premiação do Prof. Marcelo Martins pela Câmara Municipal do Rio de Janeiro

Câmara Municipal do Rio de Janeiro

O Exmo. Sr. Presidente da Câmara Municipal do Rio de Janeiro,
Vereador Carlo Caiado, por iniciativa do Exmo. Sr. Vereador Luciano Vieira,
tem a honra de convidar Vossa Senhoria para a Solenidade de entrega do Conjunto
de Medalhas de Mérito Pedro Ernesto ao Professor Marcelo dos Santos Martins,
fundador do Preparatório Social Estudando para Vencer,
a ser realizado no dia 04 de maio de 2022, das 18h30 às 20h30.

Plenário Teotônio Villela
Palácio Pedro Ernesto

É indispensável a apresentação
deste convite para acesso.

Praça Floriano, s/nº
Cinelândia - RJ

Fonte: Arquivo pessoal

3.3 **Uma análise sobre o olhar dos docentes perante as dificuldades durante o isolamento social e as aulas online no projeto**

A partir de 2020, o contexto de cotidiano escolar foi alterado por conta dos processos diretamente relacionados a pandemia, como abordamos nos capítulos anteriores. A partir desse ponto, vamos analisar as entrevistas realizadas com 9 docentes do EPV durante esse período e as principais dificuldades encontradas ao longo dos anos de 2020 e 2021 para a continuidade das atividades no projeto, bem como a manutençao da vida pessoal, profissional e principalmente a sanidade mental em um período tão difícil e conturbado da história.

Ao longo desse período, muitos desafios se apresentaram aos docentes de todas as categorias de ensino. A ausência de estrutura tecnológica, física, o novo ambientae de trabalho/ casa ao mesmo tempo, as aulas online, híbridas, remotas, os acessos as plataformas, formulários, lançamentos de conteúdos, notas, materiais dentre outras organizações tornaram a vida docente durante o isolamento social uma vida caótica e complexa. Não podemos esquecer que diante de todo esse contexto ainda existia um vírus mortal, sem tratamento eficaz e sem vacinação que pudesse contê-lo. Falo com a autoridade de docente que em 2020 estava lecionando em três instituições de ensino e percorrendo o percurso de disciplinas do mestrado.

Diante deste cenário, Paludo aponta e critica algumas situações que os docentes enfrentaram ao longo desse proecesso, contribuindo através da elaboração de um artigo sobre a vida docente e a pandemia ressaltando as seguintes questões:

> A pandemia abalou a normalidade. A educação apresenta um agravo das já grandes desigualdades de oportunidade, demandando mais dos nossos docentes, sem haver uma contrapartida sólida. Nesse contexto, é importante destacarmos os principais limitantes da docência em tempos de pandemia. Em primeiro lugar, as questões materiais se sobressaem. É a falta de estrutura na casa do docente, redução na carga horária, a necessidade de contratar melhores serviços de internet, etc., que acabam trazendo uma dificuldade aos professores para o exercício da profissão. (PALUDO, pg. 50. 2020)

Diante do excerto acima, ficamos com a pergunta: Se em um trabalho

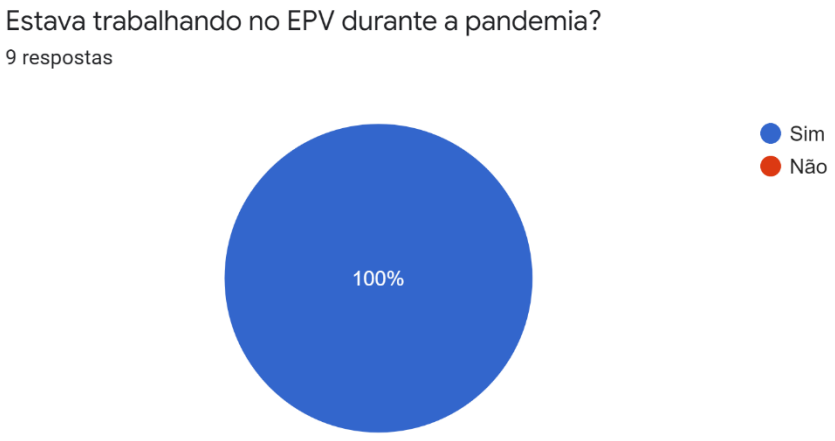
remunarado as questões foram sobressalentes, imagina em um curso voluntário? Essa pergunta será respondida ao longo do subcapítulo, mediante as respostas dos docentes durante esse período.

Durante a pandemia o Epv encerrou suas atividades até o mês de maio de 2020, retornando as aulas no formato online, com um número baixíssimo de alunos assitindo as aulas e participando do preparatório.

Com isso, a fala dos docentes ao longodas perguntas abaixo é significativa para o trabalho e para compreendermos como foi o período de pandemia lecionando no EPV.

A primeira pergunta relacionada aos docentes diz respeito ao trabalho durante o período de isolamento social em 2020 e 2021, tendo como resultado os nove docentes trabalhando durante o período.

Resposta da pergunta 1



A pergunta 2 estava relacionada a organização dos conteúdos para os concursos de vestibulares durante o biênio de 2020 e 2021, apontando diretamente

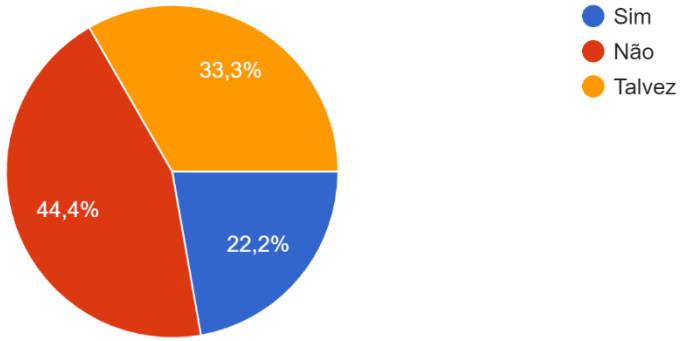
se a pandemia atrapalhou o planejamento dos anos citados acima. Dos 9 docentes, apenas um respondeu que a pandemia atrapalhou na continuidade do conteúdo em relação aos concursos de vestibulares.

Resposta da pergunta 2

Na pergunta 3 há a ação direta dos docentes, após a deliberação do isolamento social e a organização do Epv em face a pandemia, que versa sobre a reorganização dos conteúdos, nessa resposta houve um equilíbrio muoto grande no contexto de conseguir reorganizar o planejamento e seguir adiante com os conteúdos ou iniciar novamente a abordagem.

Diante dessa pergunta, houve a devolutiva de três docentes responderam que talvez, quatro docentes responderam que não e 2 docentes responderam que sim, que conseguiram reorganizar os conteúdos.

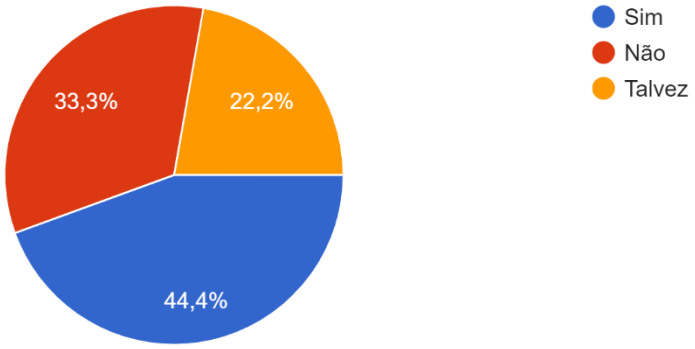
Conseguiu reorganizar o planejamento e seguir com os conteúdos propostos?
9 respostas



Na pergunta 4, trabalhamos o contexto de estrutura tecnológica e física para a viabilidade das aulas online, sendo assim, há um equilíbrio nesse sentido, visto que três docentes informaram que não tinham estrutura, quatro docentes responderam que tinham estrutura e 2 docentes responderam que talvez tivessem estrutura.

Resposta da pergunta 4

Você enquanto docente tinha a estrutura necessária para lecionar de forma online?
9 respostas

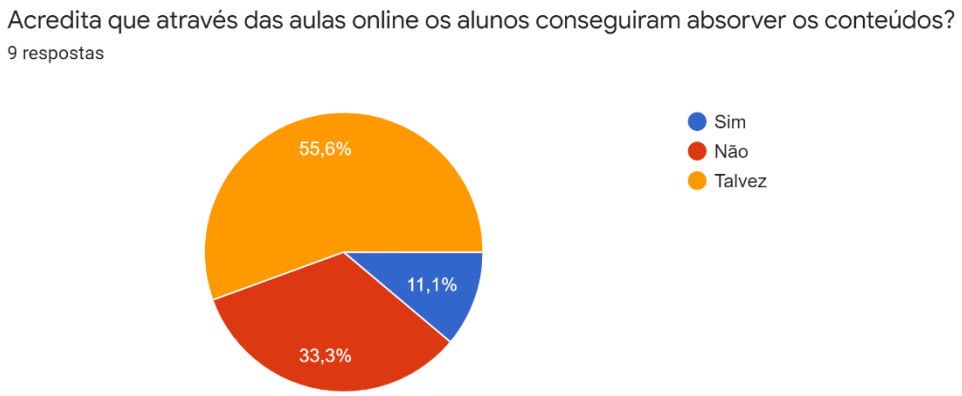


A pergunta número 5 versa sobre o processo de ensino-aprendizagem no EPV durante as aulas online. Há uma divisão das respostas, essa pergunta geraou

dúvidas em nós, docentes, pois não tinhamos o retorno necessário dos alunos em relação as atividades que eram propostas e nem o questionamento dos estudantes em relaçãos aos conteúdos, visto que, em diversos casos os alunos estavam com a câmera desligada, quando estavam asistindo as aulas.

Com isso, 5 docentes responderam que talvez os alunos tivessem absorvido os conteúdos, dois docentes apontaram que os alunos não devem ter absorvido e um docente apontou que os alunos absorveram os conteúdos durante o período.

Resposta da pergunta 5

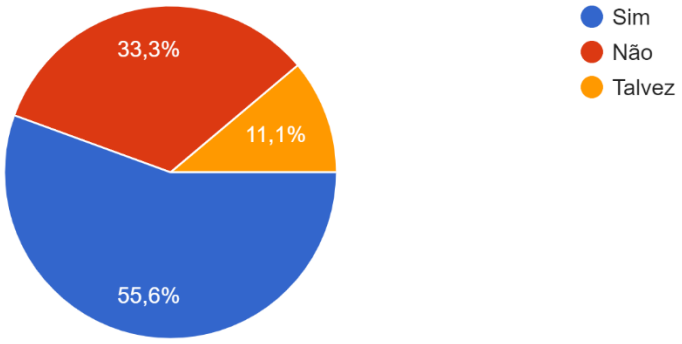


Na pergunta número 6, os docentes informaram sobre a utilização das plataformas de ensino, aulas online e outyros procedimentos tecnológocos utilizados pelas instituições de ensino antes e durante a pandemia. Três docentes apresentaram que não utilizavam plataformas educacionais antes da pandemia, cinco docentes apontaram que utilizavam plataformas educacionais e um docente apontou que talvez utilizasse esses recursos tecnológicos antes do início da pandemia.

Resposta da pergunta 6

Em sua prática docente antes da pandemia, utilizava plataformas de ensino, aplicativos de vídeo chamadas e recursos online?

9 respostas

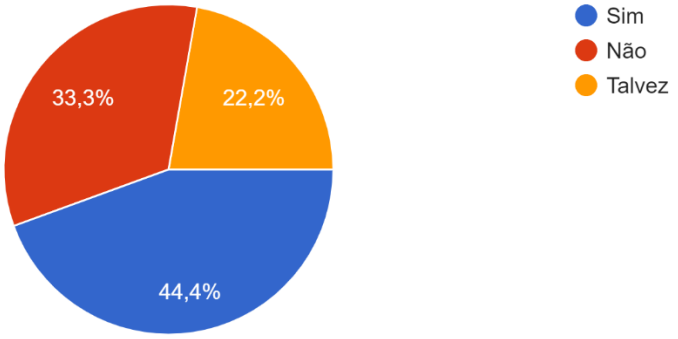


Na pergunta 7 o formulário direcionou os docentes a contextualização relacionada ao trabalho proposto pela diretoria, coordenação e docentes do EPV no ano de 2020, principalmente. Os resultados apresentados abaixo se manifestam no sentido de compreendermos que há um equilíbrio direcionado aos resultados, nos quais quatro docentes acreditam que o EPV conseguiu realizar o trabalho proposto para o caótico ano de 2020, enquanto três docentes informaram que não acreditam que conseguiram realizar o trabalho e dois docentes tem dúvida sobre o que conseguiram realizar.

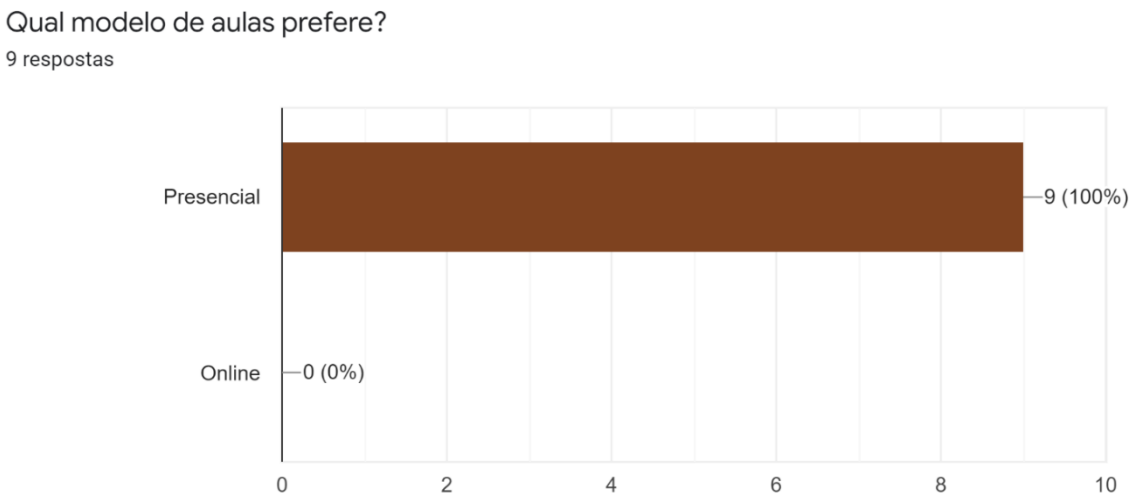
Resposta da pergunta 7

Acredita que o EPV conseguiu realizar o trabalho proposto em 2020, mesmo com as dificuldades impostas?

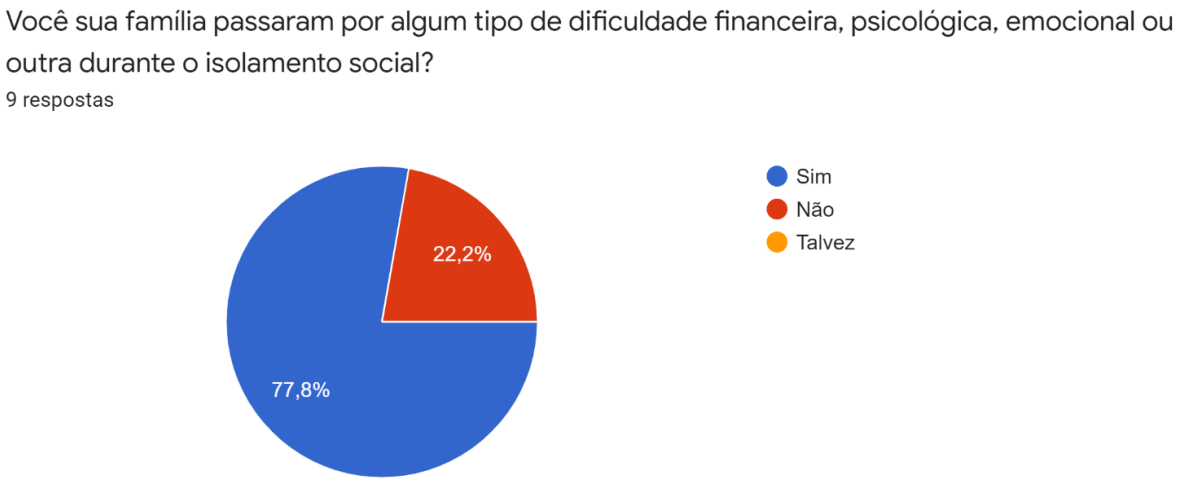
9 respostas



A pergunta de número 8 reflete em releção ao modelo de aulas que os docentes preferem lecionar, as respostas apontaram que todos os docentes entrevistados concordam que o melhor formato de ensino é o presencial.



A útilma pergunta do questionário, de número 9 está relacionada as consequencias enfrentadas pelos docentes durante a pandemia, seus impactos negativos e principalmente os formatos emocional, financeiro, psicológico durante a pandemia. As respostas aprsentam a realidade dos docentes durante o período analisado, visto que sete docentes responderam que enfrentaram diversas dificuldades em relaçaõ a pandemia e apenas dois docentes informaram que não enfrentara, dificuldades durante o período.



Finalizo o terceiro capítulo apresentando as falas dos docentes, que escreveram alguns comentários sobre todo o complexo período da pandemia e a relação que têm com o EPV.

“O processo de lecionar durante a pandemia foi algo muito complexo. Ao mesmo tempo que nossos alunos estavam precisando de carinho e atenção, nós também estávamos passando por momentos difíceis em nossas vidas e com o mundo inteiro.”

“Muitas dificuldades com o acesso a internet dos alunos.”

“Frustante, não recebemos preparo para o ensino EaD, e pior, tinhanos que tentar ensinar conteúdos específicos enquanto estavamos passando por diversos problemas do isolamento”

“Caótico, pouca estrutura e psicológico zero.”
“Frustrante”

“Foi um pouco complicado lecionar uma vez que a reação dos alunos é combustível para uma aula melhor aproveitada.”

“Eu fiquei desempregada após uma demissão em massa pela escola privada em que lecionava. Apareceu a oportunidade de somar com o Pré Técnico e isso foi um certo afago para tempos difíceis. Ressalto que recebi ajuda com cesta básica do coordenador do projeto que se mostrou solícito a todo tempo. Ele foi um anjo em meu caminho.”

“O processo de lecionar durante a pandemia para o EPV foi complexo, visto que os alunso tinham uma estrutura muito básica para acessar as aulas e nós docentes estávamos muito cansados e tristes com o momento no qual estávamos passando. Porém ao mesmo tempo, ao longo das minhas aulas eu percebia que o EPV estava me salvando da inércia de não poder ajudar meus alunos com outras organizações como alimentos, medicamentos, carinho e outros processos que a atividade presencial nos traz.”

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do trabalho de dissertação, inúmeras variáveis se alteram na sua vida particular, acadêmica, profissional, dentre outros fatores. Comigo não foi diferente, no início do processo de participação em aulas do mestrado, a partir de toda ansiedade de um pós-graduando, uma pandemia chegou a reordenou tudo aquilo que tínhamos pensado, imaginado e concluído até então.

Os últimos dois anos foram de grandiosas mudanças em minha vida, e essas mudanças têm uma relação direta com a Universidade do Estado do Rio de Janeiro, na qual pude experimentar as sensações de graduando em Geografia, Especialista em Gestão dos processos Educativos na Escola Supervisão e Administração escolar e, neste momento, encerrando o ciclo de mestre em Educação, Comunicação e Cultura pela mesmo e grandiosa universidade.

Quando abordo o assunto UERJ, me vem a mente muitos processos, mas principalmente a realização de sonhos, conquistas e desenvolvimento que essa Universidade me proporcionou e que, ao longo do meu trabalho, quero tentar proporcionar auxílio para que esses jovens possam ingressar nesses espaços acadêmicos e como consequênciauma mudança de vida.

Ao longo da caminhada do EPV e da escrita deste trabalho, Marcelo foi honrosamente premiado por diversas organizações cariocas e fluminense, iremoscitamos duas principais homenagens sendo uma pela Câmara dos deputados Estaduais (ALERJ) com a honraria pelos educadores e os Direitos Humanos e a outra pela Câmara dos Vereadores da Cidade do Rio de Janeiro, com a medalha Pedro Ernesto. Nessas premiações, tínhamos a sensação de que o projeto poderia alcançar maiores voos, investimentos, apoio estatal, logístico e financeiro. Porém, essa sensação ainda é um sentimento e que aos poucos, vagarosamente está se alterando, a partir de parcerias que estão sendo costuradas pelo EPV para a continuidade dos seus trabalhos para 2022 em diante.

Esses dois momentos irão coroar todo um trabalho destinado a educação pública, e principalmente, a comunidade da Vila Cruzeiro que consegue ter uma base de apoio que vai muito além das salas de aulas do EPV, transpassa os ambientes e cria uma simbiose extraordinária entre Marcelo, professores, estudantes, comunidade e construção de uma vida de sonhos.

Figura 9: Marcelo Martins recebendo prêmio na ALERJ em 2019

Fonte: EPV, 2021 Página do Instagram do Estudando Para Vencer

Figura 10: Marcelo Martins recebendo a medalha Pedro Ernesto em 2022

Fonte: EPV, 2021. Página do Instagram do Estudando Para Vencer

Marcelo sendo contemplado com essas premiações não esqueceu ou muito menos deixou de lado sua comunidade. Na última premiação concedida pela câmara dos vereadores, no dia 10/05, a favela desceu. A Vila Cruzeiro estava em festa e essa festa era toda deles, dois ônibus chegaram à câmara com todo entusiasmo e ocupação que precisavam daquele espaço que é de cada cidadão do Rio de Janeiro.

Ao longo dessa minha trajetória acadêmica, muitas mudanças ocorreram, como disse acime em outros parágrafos, mas uma coisa não se alterou, minha vontade em conseguir auxiliar jovens a conseguirem realizar seus sonhos, tentar apresentar um mundo no qual a educação é a chave de um suposto sucesso, uma conquista, uma vaga, uma universidade, uma vida mais bem estruturada financeiramente e principalmente cidadania.

Apresentando minha imensa felicidade em ter sido aluno, colega, amigo e um fã de um professor tão especial na minha vida e que contribui de forma inimaginável para que o EPV possa produzir cada vez mais potências, cidadania, políticas afirmativas, antirracismo, crítica, vida e sorrisos, estamos precisando sorrir e sonhar mais.

Finalizo meus escritos com parte dessa música do rapper Emicida, que traduz grade parte do que vivemos:

Levanta e Anda

Quem costuma vir de onde eu sou
Às vezes não tem motivos pra seguir
Então levanta e anda, vai, levanta e anda
Vai, levanta e anda
Mas eu sei que vai, que o sonho te traz
Coisas que te faz prosseguir
Vai, levanta e anda, vai, levanta e anda
Vai, levanta e anda, vai, levanta e anda

Irmão, você não percebeu
Que você é o único representante
Do seu sonho na face da terra
Se isso não fizer você correr, chapa
Eu não sei o que vai

Levanta e Anda
Fonte: LyricFind
Compositores: Israel Feliciano / Kayvon Sarfehjooy / Leandro Roque De Oliveira / Nicolas J Phillips
Letra de Levanta e anda © Warner Chappell Music, Inc.

REFERÊNCIAS

ACEVEDO, Claudia Rosa, NOHARA, Jouli-ana &RAMUS- KI, Carmen Lídia.Relações Raciais na Mídia: um estudo no contexto Brasileiro.**Psicologia Política, PUCSP,** v.10, n. 19, p. 57-73. 2010.

ABREU, Martha.. **O império do Divino: festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro, 1830-1900.** Rio de Janeiro e São Paulo: Nova Fronteira, 1999.

AGUILAR FILHO, Sidney. **Educação, autoritarismo e eugenia = exploração do trabalho e violência à infância desamparada no Brasil (1930-1945)**. 2011. 364 p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP, 2011

ALMEIDA, Silvio, L. **O que é o Racismo Estrutural**. Belo Horizonte:Letramento (MG), 2018.

BURGOS, M.Cidade, Territórios e Cidadania**.Dados**, v.48, n.1, p.189- 222, jan./Mar. 2005.

BRANDÃO, Carlos R; ASSUMPÇÃO. **O que é Educação Popular.** São Paulo: Brasiliense, 2006. (Primeiros Passos; 318).

BRASIL.Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana** . Parecer CNE/CP 3/2004, de 10 mar. 2004.

BRASIL, **Relatório do Comitê Nacional para a Preparação da Participação Brasileira na III Conferência Mundial das Nações Unidas Contra o Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Intolerância Correlata**. 2001.

BRASIL. Lei 10.639, de 9 jan. 2003.**Diario OficiaL da União**, de 10 jan. 2003.

BRASIL. Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, 30 ago. 2012. Seção 1, p. 1

BRASIL. MEC/SECAD. **Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03.** Brasília: MEC/SECAD, 2005. p. 167-184.

BRASIL. MEC/SECAD. **Orientações e Ações para uma Educação das Relações Étnico Raciais. Brasília**: MEC/SECAD, 2006.

BRAGA, R. Apresentação. In: FAUSTO, C.; DAROS, T. **A sala de aula inovadora:** estratégias pedagógicas para fomentar o aprendizado ativo. Porto Alegre: Penso, 2018. p. 6-7.

BRITO, Vanessa Silveira de. O Pré-Vestibular Para Negros e Carentes (PVNC) E A

Construção da Identidade Ètnica. **Rev. Online. Periferia**, v. 10, n. 2, p. 278-301. UERJ. 2018.

COSTA. R. **Pré-vestibular na Penha ajuda jovens a ingressarem em universidades - Voz das Comunidades.**.https://www.vozdascomunidades.com.br/. Acesso em: 25 abr. 2022

DE PAULA, Luciane; DE PAULA, Sandra Leila. No centro da periferia, a periferia no centro. **Ipotesi**, Juiz De Fora, v.15, n.2 - Especial p. 107-121, jul./dez. 2011.

DUARTE, Rosália. Entrevistas em pesquisas qualitativas. **Educ. rev**. [online]. pp.213-225, n.24,2004.

EPV**. Estudando Para Vencer**.Pagina do Instagram. Disponível em: https://instagram.com/estudando_paravencer?igshid=YmMyMTA2M2Y=. Acesso em: 20 ago. 2021.

FANON, Frantz. **Pele Negra**. **Máscaras Brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

FECOMÈRCIO. **A Fecomércio RJ, Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo do Estado do Rio de Janeiro, é parte integrante do Sistema Fecomércio RJ,** composto também por Sesc RJ, Senac RJ e IFec RJ. Disponível em: http://www.fecomercio-rj.org.br/sobre-federacao, Acesso em: 09 maio 2021.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

GLASS. Ronald. Entendendo raça e racismo: por uma educação racialmente crítica e antirracista. **Rev.Bras. Estud. Pedagogia,** Brasília, v..93, n.235, Sept./Dec.2012.

GOMES, Nilma Lino. **O Movimento Negro Educador**: Saberes construídos nas lutas por emancipação. Petrópolis: Vozes, 2017.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. RIOS, F.; LIMA, M. **Por um feminismo Afro-Latino-Americano**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

HENRIQUE , Victória**. Pré-vestibular na Penha ajuda jovens a ingressarem em universidades.**Disponível em: https://www.vozdascomunidades.com.br/destaques/pre-vestibular-na-penha-ajuda-jovens-a-ingressarem-em-universidades/ . Acesso em: 25 abr. 2022,

HERNÁNDEZ, T.K. A versão Brasileira da legislação Jim Crow: o projeto de embranquecimento do direito de imigração e o direito costumeiro de segregação racial: um estudo de caso. In: AUTOR. **Subordinação racial no Brasil e na América Latina**: o papel do Estado, o Direito Costumeiro e a Nova Resposta dos Direitos Civis [online]. Salvador: EDUFBA, 2017.p. 53-73

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das

Letras, 1999.

HOOKS, Bell. **Ensinando A Transgredir** - A Educação Como Prática Da Liberdade. Ed. WMF Martins Fontes, 2017.

IBGE.**Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio Contínua.**Disponível em:https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/17270-pnad-continua.html?edicao=20635&t=resultados,, Acesso em 10 mar. 2020.

IBGE. **Um em cada 4 brasileiros não tem acesso à internet, mostra pesquisa**. Agencia IBGE de notícias. 2020. Disponível em: https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2020-04/um-em-cada-quatro-brasileirosnao-tem-acesso-internet . Acesso em: 20 ago. 2020.

IDOETA. P.**'Só restam 2 dos quase 30 alunos do cursinho'**: os obstáculos dos estudantes de baixa renda no Enem da pandemia. Disponível em:**https://www.bbc.com/portuguese/brasil-55596202.** Acesso em 20 mar. 2022.

IPEA. **Atlas da Violência no Brasil.** 2020. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/arquivos/artigos/3519atlasdaviolencia2020completo.pdf, Acesso em 10 mar.2020.

JACCOUD,Luciana. Rafael Guerreiro. Osório Sergei Soares**. (**Org.) Marcia Theodoro. **As políticas públicas e a desigualdade racial no Brasil 120 anos após a abolição**. IPEA, 2018.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. 3.ed. São Paulo: n-1 edições, 2018.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil**. Identidade Nacional versus Identidade Negra. 2. ed. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2004.

MUNANGA, Kabengele. **Superando o Racismo na escola**. 2ª ed.rev, [Brasília]: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

MUNANGA, Kabengele **Aula Pública na Universidade Federal Fluminense - Cadernos Penesb**-, 2009. Disponível em https://youtu.be/7FxJOLf6HCA. . Acesso em 02 jun.2019

MUNANGA, Kabengele **Entrevista para a Fundação Perseu Abramo**, 2010., disponível em https://fpabramo.org.br/2010/09/08/nosso-racismo-e-um-crime-perfeito-entrevista-com-kabengele-munanga/. Acesso em: 27 mar. 2021

MARTINS, R. X. **A COVID- 19 e o fim da Educação a Distância: um ensaio**. **Revista de Educação a Distância**, v. 7, n. 1, p. 242-256, 2020. Disponível em: https://www.aunirede.org.br/revista/index. php/emrede/article/view/620. Acesso em:20/07/2021.

PALUDO, Elias,Festa. Os desafios da Docência em Tempos de Pandemia.
Em Tese, Florianópolis, v. 17, n. 2, p. 44-53, jul/dez., 2020. Universidade Federal de

Santa Catarina.

PECHIM, Lethicia. **Negros Morrem Mais Pela Covid-19.**2020. Disponível em: https://www.medicina.ufmg.br/negros-morrem-mais-pela-covid-19/, Acesso em: 15 jul. 2021.

PEREIRA, Amilcar Araujo.MAIA, Jorge Lucas. LIMA, Thayara Cristine Silva de. Os "rolês" do movimento negro brasileiro na atualidade, nas "pegadas" da educação. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros** [online]. n. 75, pp. 162-183, 2020.

PEREIRA, Amilcar Araujo. **"O mundo negro": relações raciais e a constituição do movimento negro contemporâneo no Brasil**. Niterói: Editora UFF, 2010.

PRADO JUNIOR, Caio. **Formação do Brasil contemporâneo-colônia**. 8.ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1965.

RIBEIRO. L. E KOSLINSKI. M. **A Cidade Contra A Escola**? O caso do município do Rio De Janeiro. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

RIO DE JANEIRO (RJ).**Prefeitura anuncia novas medidas restritivas de prevenção à Covid-19**. Disponível em: https://prefeitura.rio/noticias/prefeitura-anuncia-novas-medidas-restritivas-de-prevencao-a-covid-19/. . Acesso em: 25 abr. 2021.

RONDINI. C. PEDRO. K. E DUARTE. C. Pandemia da covid-19 e o ensino remoto emergencial: mudanças na prática pedagógica**. Interfaces Científicas** • Aracaju • V.10, n.1, p. 41 – 57, Número Temático, 2020

SABÓIA, Gabriel. **Sem internet, estudantes de favelas não conseguem se preparar para o Enem.**2020 Disponível em: - https://educacao.uol.com.br/noticias/2020/04/28/sem-internet-estudantes-de-favelas-sofrem-com-preparacao-online-para-enem.htm. Acesso em 10 mar. 2022.

SIMAS, L. A. RUFINO, L . **Encantamento sobre política de vida**. Rio de Janeiro: Mórula Editoria, 2020.

SILVA, E. , SANTOS. L. , SOARES. M. Interações entre práticas alimentares e identidades: ressignificando a escola pública e a alimentação escolar. **Cad. Saúde Pública,** Salvador, 35(11), e00217918, p. 1- 11. 2019.

SANTOS, Renato Emerson dos. **"Agenda & agências: a espacialidade dos movimentos sociais a partir do Pré-Vestibular para Negros e Carentes**.350 f. Tese (Doutorado) - Instituto de Geociências, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2006. 45

SANTOS, Renato Emerson dos. A Lei 10.639 e o Ensino de Geografia: Construindo uma agenda de pesquisa-ação**. Tamoios,** Rio de Janeiro, ano 7, n 1,. 2011

THADEI, J. Mediação e educação na atualidade: um diálogo com formadores de professores. In: BACICH, L.; MORAN, J. (org.) **Metodologias ativas para uma**

educação inovadora: uma abordagem teórico-prática. Porto Alegre: Penso, 2018. p. 90-105.

TEN, Teatro Experimental do Negro.**Jornal Quilombo,**Rio de Janeiro, *a*no 1, n. 1, , p. 7, 9 dez. 1948.